



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

DANIEL DE MENEZES SOGLIA

**NAS TRAMAS DO PORTO-PAREDÃO: LAZER, VISUALIDADES E
TRABALHO NA PRAIA DO PORTO DA BARRA (SALVADOR, BA).**

**SALVADOR
2025**

DANIEL DE MENEZES SOGLIA

**NAS TRAMAS DO PORTO-PAREDÃO: LAZER, VISUALIDADES E
TRABALHO NA PRAIA DO PORTO DA BARRA (SALVADOR, BA).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Alline Torres Dias da Cruz

SALVADOR
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca Universitária Isaias Alves (BUIA/FFCH)

S682 Soglia, Daniel de Menezes
Nas tramas do porto-paredão: lazer, visualidades e trabalho na praia do Porto da Barra (Salvador, BA) / Daniel de Menezes Soglia, 2025.
163 f.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Alline Torres Dias da Cruz
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

1. Porto da Barra (Salvador, BA). 2. Espaços públicos. 3. Lazer. 4. Trabalho. 5. Cidade e vilas. I. Cruz, Alline Torres Dias. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 301

Responsável técnica: Aleksandra Barreto da Silva - CRB/5-1366



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA), realizada em 22/07/2025 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ANTROPOLOGIA no. 7, área de concentração Antropologia, do(a) candidato(a) DANIEL DE MENEZES SÓGLIA, de matrícula 2023113555, intitulada Nas Tramas do Porto-Paredão: Lazer, Visualidades e Trabalho no Porto da Barra (Salvador, BA). Às 03:00 do citado dia, Modalidade Virtual, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof^ª. Dra. ALLINE TORRES DIAS DA CRUZ que apresentou os outros membros da banca: Prof^ª. Dra. URPI MONTOYA URIARTE e Prof^ª. Dra. BÁRBARA ANDREA SILVA COPQUE. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente
gov.br BARBARA ANDREA SILVA COPQUE
Data: 28/07/2025 11:20:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. BÁRBARA ANDREA SILVA COPQUE, UERJ

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
Dra. URPI MONTOYA URIARTE, UFBA **gov.br** URPI MONTOYA URIARTE
Data: 29/07/2025 06:35:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
Dra. ALLINE TORRES DIAS DA CRUZ, UFBA **gov.br** ALLINE TORRES DIAS DA CRUZ
Data: 23/07/2025 18:18:11-0300
Presidente

Documento assinado digitalmente
DANIEL DE MENEZES SÓGLIA **gov.br** DANIEL DE MENEZES SOGLIA
Data: 23/07/2025 20:25:03-0300
Mestrando(a)



FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 7

Autor(a): DANIEL DE MENEZES SÓGLIA

Título: Nas Tramas do Porto-Paredão: Lazer, Visualidades e Trabalho no Porto da Barra (Salvador, BA)

Banca examinadora:

Prof(a). BÁRBARA ANDREA SILVA COPQUE Examinadora Externa à Instituição

Prof(a). URPI MONTOYA URIARTE Examinadora Interna

Prof(a). ALLINE TORRES DIAS DA CRUZ Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. [] INTRODUÇÃO
2. [] REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. [] METODOLOGIA
4. [] RESULTADOS OBTIDOS
5. [] CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Parecer da banca: Trabalho fotográfico muito elogiado pela qualidade estética das fotografias e o papel original conferido a elas na metodologia da dissertação. Foram feitas algumas indicações pontuais sobre o trabalho de campo e a utilização de alguns conceitos. Sugestão de publicação de artigos e de criação de mostra fotográfica.

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). ALLINE TORRES DIAS DA CRUZ

Orientador(a)

Documento assinado digitalmente



ALLINE TORRES DIAS DA CRUZ

Data: 23/07/2025 18:20:47-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Ser senciante, ao contrário, é abrir-se a um mundo, render-se ao seu abraço, e ressoar em seu ser interior a suas iluminações e reverberações. Banhado na luz, submerso no som e arrebatado em sentimento, o corpo senciante, ao mesmo tempo percebedor e produtor, traça os caminhos do devir do mundo no curso mesmo da contribuição para a sua contínua renovação.

Tim Ingold

AGRADECIMENTOS

Aos interlocutores de pesquisa, que me acolheram e me guiaram nos ensinamentos de um modo novo de ver e viver o mundo, especialmente Capa Nico, Maguila, Sônia, Otília e Miau. Mais que interlocutores, no fim das contas, amigos para o presente e para o futuro, além das questões acadêmicas que iniciaram nossos encontros.

Aos amigos, que tanto me escutaram, aflito e empolgado, em conversas calorosas e por demais exaltadas, nos dias e noites dos últimos anos da minha vida.

À minha companheira que com leveza, junto a mim, inventou uma vida onde, para além da pesquisa, coube felicidade.

À minha família, que tanto me aturou em minhas inseguranças e me aconselhou, sabiamente, nos densos caminhos de produção de uma vida feliz em meio ao denso trabalho de pesquisador.

Aos professores que perpassaram meu caminho, mestres de meus escritos, espelhos de minha profissão, especialmente à minha querida orientadora, Alline Torres Dias da Cruz, inspiração e horizonte de inovação da minha pesquisa.

Por fim, um abraço fraterno à professora Fátima Regina Gomes Tavares, que se tornou, sem formalidades ou coisa que o valha, algo como uma coorientadora onipresente, uma voz off cinematográfica que sussurava insights etnográficos durante minhas aventuras em campo.

RESUMO

A praia do Porto da Barra é considerada um cartão-postal da cidade de Salvador, na Bahia. Enquanto praia urbana e ponto turístico relevante, configura-se como um espaço de encontro entre diversos sujeitos sociais heterogêneos. Localizada no bairro de classe média da Barra, a praia é marcada pela justaposição de atividades laborais e de lazer, reunindo pessoas e grupos de diferentes classes sociais, pertencimentos étnico-raciais e origens espaciais, que a “fazem” por meio de conflitos, negociações e encontros. Esta dissertação, ao se atentar a essa feitura particular, busca acompanhar os “modos de fazer praia” no Porto da Barra, com foco no que é nomeado de Porto-Paredão. A escolha por essa delimitação passa pela presença de atores e grupos oriundos das periferias — frequentemente considerados invasores — que frequentam a praia nos fins de semana, gerando controvérsias em torno dos seus modos de ocupar e vivenciar o espaço. Entendendo a praia como um espaço-tempo singular de articulação entre agentes humanos e não humanos em Salvador, a pesquisa visa lançar luz sobre as estratégias de composição do Porto-Paredão. Trata-se de pensar uma cadeia de processamentos mobilizados na produção deste espaço, atentando-se à diversidade de pessoas (banhistas, clientes, donos de barracas, vendedores ambulantes, pescadores), aos artefatos, às sonoridades, aos trajetos, bem como aos discursos envolvidos na manipulação dos materiais, da faixa de areia, nos modos de desfrute, nas corporeidades e performances. Esta etnografia tem como objetivo fazer emergir uma inteligibilidade própria sobre a feitura do Porto da Barra, especialmente nos dias de Porto-Paredão, entrelaçada aos fazeres dos atores e a uma sociabilidade articulada em rede — composta por relações, práticas e materiais — que atravessa fronteiras e articula lógicas próprias do lazer e do trabalho. O registro fotográfico é aqui mobilizado como parte da própria construção etnográfica, permitindo uma escuta das imagens, ou seja, uma sintonia sensível entre o pesquisador e outras frequências afetivas. Através desse exercício, as fotografias do Porto da Barra e do Porto-Paredão foram produzidas, considerando os encontros, as fissuras e as lacunas que delas emergem. Com a fotografia, o segundo objetivo é potencializar as diferentes perspectivas e agenciamentos de trabalho e lazer na praia, entendendo-a mais como uma metodologia de evocação daquilo que as palavras não alcançam e como mediação do fazer etnográfico, do que como mera ferramenta de documentação. A fotografia opera como agente de emergência de um Porto da Barra particular, que se realiza nos gestos dos fotografados e nas suas imagens diante da câmera, promovendo um encontro relacional.

Palavras-chave: Praia do Porto da Barra; Espaço Público; Lazer; Trabalho; Cidade

ABSTRACT

The beach of Porto da Barra is considered a postcard of the city of Salvador, in Bahia. As an urban beach and an important tourist destination, it is configured as a meeting place for diverse actors and heterogeneous groups. Located in the middle-class neighborhood of Barra, the beach is marked by the overlap between leisure and labor, bringing together people and groups from different social classes, ethnic-racial backgrounds, and spatial origins, who “make” the beach through conflicts, negotiations, and encounters. This dissertation, by paying attention to this particular process of making, seeks to follow the “ways of making the beach” at Porto da Barra, with a focus on what is referred to as *Porto-Paredão*. The choice of this delimitation stems from the presence of suburban actors and groups—often considered invaders—who frequent the beach on weekends, generating controversies around their ways of occupying and experiencing the space. Understanding the beach as a unique space-time of articulation between human and non-human agents in Salvador, the research aims to shed light on the compositional strategies of the *Porto-Paredão*. It involves thinking through a chain of processes and agencies mobilized in the production of this space, attending to the diversity of people (bathers, clients, stall owners, street vendors, fishers), artifacts, sounds, trajectories, as well as the discourses involved in the manipulation of materials, the strip of sand, forms of enjoyment, corporealities, and performances. This ethnography aims to bring forth a particular intelligibility that underlies the making of Porto da Barra, especially on the days of *Porto-Paredão*, interwoven with the agencies of the actors and a sociability articulated as a network—composed of relationships, practices, and materials—that traverses the boundaries between leisure and labor. Photographic recording is here mobilized as part of the ethnographic construction itself, enabling a listening to the images—in other words, a sensitive tuning of the researcher with other affective frequencies. Through this exercise, the photographs of Porto da Barra and *Porto-Paredão* were created, taking into account the encounters, the fissures, and the gaps that emerged from them. With photography, the second objective is to enhance the different perspectives and agencies of labor and leisure on the beach, understanding it more as a methodology of evocation—of what words cannot reach—and as a medium of ethnographic mediation, rather than as a mere tool of documentation. Photography operates as an agent for the emergence of a particular Porto da Barra, one that is realized in the gestures of those photographed and in their images before the camera, promoting a relational encounter.

Keywords: Porto da Barra Beach; Public Space; Leisure; Work; City

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 — VISTA EM PERSPECTIVA DO PORTO DA BARRA.....	14
FIGURA 2 — PERCENTUAL DOS DOMICÍLIOS COM RENDA PER CAPITA INFERIOR A UM SM - SALVADOR, 2010.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
TRAMANDO O CAMPO: MODOS DE FAZER PRAIA, REDES E ASSOCIAÇÕES ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS	12
O PORTO-PAREDÃO: NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA	15
A AGONIA GOSTOSA: AQUI TEM DE TUDO, PUTA, TRAVESTI E VIADO	18
REFERENCIAL TEÓRICO: SEGUINDO REDES E ASSOCIAÇÕES, FAZENDO LAZER E TRABALHO	20
DAS PRIMEIRAS INTERLOCUÇÕES: OLHA, MÃE, QUEM VEIO HOJE, GALEGUINHO	22
EXPANDINDO AS INTERLOCUÇÕES A PARTIR DA CÂMERA FOTOGRÁFICA: MANDA LÁ NO WHATSAPP QUE FIQUEI BONITÃO	25
MEU PORTO DA BARRA: APROXIMAÇÕES PESSOAIS E TRAJETÓRIA ACADÊMICA	27
A DIVISÃO DOS CAPÍTULOS: ENTREMEANDO IMAGEM, TRABALHO E LAZER	29
CAPÍTULO 1 — OS TANTOS PORTOS QUE POVOAM O PORTO: CORPOS, PRÁTICAS E PERFORMANCES ATRAVÉS DAS IMAGENS.....	34
O ESTANDARTE IMAGÉTICO OU O RIO DAS IMAGENS	34
RETÓRICAS TEÓRICAS: IMAGENS DE SI ENQUANTO PRODUÇÃO PESSOAL E SIMBÓLICA.....	35
VISUALIDADES EM CENA: IMAGENS DE SI, PRÁTICAS E PERFORMANCE NO PORTO DA BARRA.....	40
CAPÍTULO 2 — A PARAVERNÁLIA EM RELANCE: GANHANDO A VIDA EM MEIO A BRECHAS, INVENTOS E MUITO SUOR	79
TATEANDO AS ÁGUAS DO PORTO — A PRAIA, A BARRA E A CIDADE DO SALVADOR.....	79
ENTREMEANDO TRABALHO E LAZER — AS CATEGORIAS E SUAS POSSIBILIDADES NO/COM O CAMPO.	84
FAZENDO DINHEIRO NA PARAVERNÁLIA: AS OCUPAÇÕES E SEUS MODOS DE FAZER-TRABALHO.....	88
OS CARREGADORES: NEGÃO ANDANDO DE CIMA PRA BAIXO, ENTRE SOMBREIROS, CADEIRAS E UMA ALTINHA NA BEIRA DO MAR.....	91
OS DONOS DE BARRACA: VIRANDO PINK COM OTÍLIA E MIAU.....	95
OS GARÇONS: ENCONTRANDO E CONVENCENDO CLIENTES COM MARLON NA AVENIDA SETE DE SETEMBRO.....	101
OS VENDEDORES AMBULANTES: COM EXPEDITO, ENTRE CANÇÕES DE ROBERTO CARLOS, OU NO BANCO COM SONIA.....	106
OS PESCADORES: OS ENSINAMENTOS DE CAPA NICO OU ENTRE ANIVERSÁRIOS, PEIXES E CERVEJA NA COLÔNIA.....	110

TECENDO REDES DE RELAÇÕES E CIRCULANDO OBJETOS COM CAPA NICO E GILMAR NA COLÔNIA	113
ENTRE CERVEJAS, CONVERSAS E CAÇADAS: MOBILIZANDO DISCURSOS, MANIPULANDO MATERIALIDADES, E PRODUZINDO REDES DE APOIO NA BARRACA DA PINK	121
CAPÍTULO 3 — A BABILÓNIA EM FESTA: SEGUINDO ATORES, DESCRREVENDO REDES E MODOS DE FAZER PRAIA, DENTRO DO PORTO-PAREDÃO.....	128
CONVERSANDO NA COLÔNIA COM MARÇAL: TÁ NA MODA FAZER SELFIE NA BARRA.....	128
UM PEQUENO PASSO ATRÁS PARA SEGUIR ADIANTE: RETOMANDO OS OBJETIVOS DA PESQUISA	131
CAMILA PRISCILA FAZ ANIVERSÁRIO: ALGUNS MODOS, TRAJETOS E ATORES EM UMA PRAIA QUE COMEÇA MUITO ANTES DO PÉ NA AREIA..	132
O BAR DO TUDÃO: ESPACIALIDADES, SONORIDADES E MODOS DE DESFRUTE	139
MODA, WHISKY E LONG NECKS: FAZENDO MÍDIA NO PORTO DA BARRA	147
CIDADE, POLÍTICA E LAZER: TENSÃO, INVENÇÃO E APROPRIAÇÃO EM UM ÚLTIMO ATO.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
DE VOLTA ÀS IMAGENS: AMARRANDO REFLEXÕES	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160

INTRODUÇÃO

Domingo no Porto da Barra pesada / Ela sempre agrada ao gosto do olhar / Domingo no Porto da Barra limpa / Todo mundo brinca entre ela e o mar / Domingo no Porto da Barra / Todo mundo agarra mas não pode amar.

Caetano Veloso, 1977

TRAMANDO O CAMPO: MODOS DE FAZER PRAIA, REDES E ASSOCIAÇÕES ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS.

Em algum dia de 2021, surgiu-me a ideia, um tanto sem rumo e sem direção, de estudar aquela pequena enseada côncava da cidade de Salvador, repleta de gente, sonoridades, corpos, comidas e tudo mais. Precisava dar conta de escrever um projeto de pesquisa, e ali parado, no frenesi de uma praia lotada, comprei a ideia. Tendo o Forte de Santa Maria de um lado, oferecendo um limite, e do outro o Forte de São Diogo — fortificações coloniais portuguesas do século XVII —, o Porto da Barra, cartão postal da cidade de Salvador, me aparecia pulsante, atravessado por inúmeras práticas, sujeitos sociais de diversos bairros, conflitos. Logo pude perceber as diversas articulações de objetos e lugares entrelaçadas nos modos de fruição daqueles banhistas e trabalhadores, suas formas distintas de organizar/fazer o trabalho e de inventar/fazer o lazer. Tudo me pareceu demasiado, assustei-me, mas segui em frente.

A praia, tão imersa no presente, naquele primeiro tatear de meus estudos em Ciências Sociais, se apresentou atravessada por tempos e espaços, estes, por sua vez, mobilizados na sua feitura contemporânea. Dei a ver com a praia histórica, em um bairro histórico, ambos atravessados pelas transformações urbanas e sociais de Salvador. A começar pela expansão do tecido urbano da cidade, margeando o mar e inventado a Barra, passando pelo advento da república em seus intentos de modernização — grandes obras arquitetônicas, alargamentos de avenidas, e construção de jardins públicos — que desembocariam na elitização do bairro e da praia transformando-a em uma “copacabanazinha” de Salvador (AZEVEDO, 1988), até, mais adiante — para desgosto de muitos dos moradores do bairro — sua popularização na virada do século. Hoje alguns moradores do bairro da Barra, apesar de considerado, segundo o Observatório das Metrópoles (2022), “tradicional e de renda mais elevada”, veem, por meio do lazer de populações das periferias da cidade de Salvador,

especialmente nos fins de semana — recorte dessa pesquisa —, o que concebem como o “outro” emergir no seio da sua praia mais famosa.

A praia do Porto da Barra é uma enseada marcada por sobreposições de experiências, tramada por e entre indivíduos e grupos de diferentes bairros, classes sociais e pertencimentos étnico-raciais da cidade de Salvador, e mesmo de outras cidades do estado da Bahia e do país. Dela emerge um universo de práticas e redes de relações que a fazem e a desfazem, inserindo em seu cotidiano um emaranhado de linhas, movimentos e paisagens (INGOLD, 2015). Emergem coletivos, espacialidades e redes, assim como novos arranjos e lógicas de lazer e trabalho — muitas vezes entremeadas. São modos de fazer praia que agenciam, à sua maneira, um saber-fazer particular, mobilizam discursos, redes e estratégias para *fazer dinheiro*, recrutarem não humanos na construção de visualidades periféricas e — nas formas de desfrute, etc. É nessa enseada efervescente, marcada por atravessamentos múltiplos e agenciamentos particulares, que a pesquisa etnográfica se insere. São essas tramas e mediações, as “engenharias sociais” feitas e acionadas nesse universo que me interessam (CASTRO, 2017, KOPPER, 2015, CALLON, 2013)

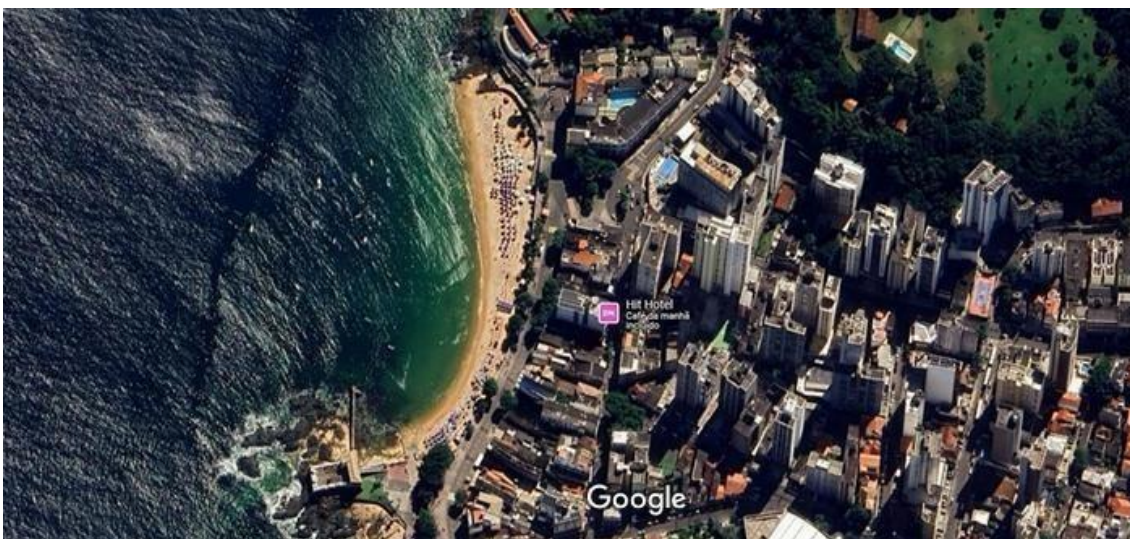
Esta etnografia toma como objeto os modos de fazer praia no Porto da Barra. Parte-se da premissa de que diferentes camadas de experiências, tempos e espaços afloram no campo etnográfico, dadas as diversas práticas e relações, e, especialmente, os diversos humanos e não humanos articulados na feitura dessas camadas viventes na enseada do Porto da Barra. As associações espaço-temporais mobilizadas, visualizadas e sentidas fazem emergir certas formas de estabilidade, aqui traduzidas como modos particulares de fazer praia. Atravessados por questões de raça, classe e gênero, pertencimento espacial, assim como por preferências, gostos pessoais e coletivos, os modos de fazer praia aos quais dedico minha atenção como pesquisador são, portanto, universos de práticas e relações mobilizados ao redor do ato de ir à praia, cadeias de procedimentos, estratégias e manipulações que produzem os espaços urbanos, desfazendo e fazendo a cidade (AGIER, 2015).

Através da escolha e da aproximação de um desses modos de fazer praia, chamado de *Porto-Paredão*, procuro explicitar algumas formas particulares de composição e articulação de pessoas, materiais, artefatos, sonoridades, corporeidades, fruição, espacialidades, etc. Os faço pensando com e a partir certas lógicas/práticas próprias de fazer lazer e trabalho. O interesse reside em compreender quem são esses

sujeitos sociais e quais são suas práticas, estratégias e ações adotadas para articular e construir seus modos de fazer praia, mapear os traçados —linhas, movimento e paisagens — que compõem as redes que eles mobilizam (LATOURE, 2012, TAVARES, F.; CAROSO, C; RAMOS, C, 2020), e entender de que maneira eles significam e percebem suas experiências no Porto da Barra. .

O interesse mais geral desta etnografia é imaginar com esses atores, diante de seus conhecimentos, performances e inventos, o que eles estão sugerindo ou provocando a partir da criação e apropriação do Porto da Barra — e de si próprios. Os estudos antropológicos rareiam quando o tema é praia, e praticamente inexistem, no campo da antropologia, quando o assunto é o Porto da Barra. Andrade (2015), partindo da arquitetura, estudou o espaço público do Porto da Barra, contudo, não adota o método etnográfico. Alguns trabalhos dialogam com o bairro da Barra e tangenciam o Porto, como Ribeiro (2021), que, por meio do método etnográfico, se dedica a investigar o circuito de lazer de jovens periféricos na cidade. Entretanto, em nenhuma das pesquisas por mim encontradas, o Porto é etnografado, de fato. Esta dissertação vem dar conta dessa falta, e busca ampliar o leque de reflexões sobre práticas cotidianas cidadinas, especialmente as dinâmicas de lazer e suas redes, e os modos de fazer trabalho mobilizados por meus interlocutores na labuta diária.

FIGURA 1 — VISTA EM PERSPECTIVA DO PORTO DA BARRA



Fonte: Google Maps. Captura de tela realizada pelo autor em 5 jun. 2025.

O PORTO-PAREDÃO: *NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA*.

No decorrer da pesquisa de campo, realizada entre 2023 e 2024, inúmeros modos de fazer praia emergiram do encontro etnográfico: um Porto da Barra dos barraqueiros com seus modos de cuidar e agenciar relações ao redor de seus *escritórios* — balcões de suas barracas de praia; um Porto dos pescadores, onde a *Colônia* — espaço de reunião, lazer e venda de peixes — se torna, em larga medida, um arranjo de agências entre humanos e não humanos; Um Porto LGBTQIAPN+, em que práticas dissidentes de gênero se expressam em modos de vestir e de apresentar o corpo ao mundo, e onde o ver e ser visto, assim como os possíveis encontros casuais, ocupam lugar central; e há ainda muitos outros Portos da Barra que poderiam render dissertações. Esses modos atravessam diferentes tempos e espaços, agenciam redes de relações, inventam formas de fruição e novas sociabilidades. Sem perder de vista os diversos indivíduos que compõem o Porto da Barra, esta dissertação se ateve a um modo particular de fazer praia: o *Porto-Paredão*¹.

No processo metodológico adotado para a análise do Porto-Paredão, foi necessário estar atento às temporalidades e espacialidades, às rotinas de trabalho² dos meus interlocutores — haja vista que, para muitos, a praia se apresenta como uma opção de lazer apenas nos dias de folga —, assim como aos sujeitos sociais específicos, práticas, materiais e sociabilidades que o compõem. Assim, a pesquisa etnográfica segue banhistas vindos de bairros periféricos da cidade de Salvador ao Porto da Barra, especialmente em dias de domingo e segunda-feira³, na intenção de pensar quem são esses atores, como desfrutam e significam esse lazer balnear, e como fabricam seus modos de fazer praia. Os primeiros indícios que me levaram à escolha do *Porto-Paredão* como objeto de estudo da pesquisa surgiram de pequenas entrevistas que

¹ O nome proposto foi apresentado por um dos interlocutores da pesquisa em uma conversa informal, outros nomes, como Porto-Babilônia ou Porto-Parafernália, também emergiram do encontro etnográfico. Fico com o Porto-Paredão por reconhecer, especialmente, a presença contínua da controvérsia ao redor do som nas minhas incursões a campo. Há uma referência muito forte à altura e “qualidade” do som escutado no Porto da Barra, e termos como “música pornográfica” “putaria”, “barulheira”, “de péssima qualidade” aparecem nas minhas conversas e entrevistas. São um forte elemento do discurso mobilizado por certos sujeitos na desqualificação do Porto. O termo paredão se refere a um tipo particular de evento realizado ao redor de um carro equipado com um “paredão” de equipamentos sonoros. Um espaço de festa e divertimento, com estilos de música e dança próprios, presente nas periferias da cidade de Salvador.

² Apesar de, evidentemente, a lógica dual entre lazer e trabalho incidir sobre as rotinas de meus interlocutores, veremos adiante que essa oposição clássica não se sustenta no caso dos trabalhadores do Porto da Barra, que, em seus modos de vida, inventam articulações próprias entre essas duas categorias.

³ As segundas-feiras são dias conhecidos como populares no Porto da Barra, pois, para muitos trabalhadores que têm no fim de semana seus ganhos financeiros, ou que têm no comércio sua fonte de renda, a segunda-feira é seu dia de folga.

gostava de fazer com motoristas de aplicativo e moradores do bairro da Barra — ainda no processo de escrita do projeto de mestrado e durante o primeiro ano do curso. Fazia, naturalmente, perguntas genéricas sobre o Porto da Barra e inúmeras foram as respostas que mobilizaram termos como *primitivos* e *selvagens* para evocar os dias mais cheios e populares da praia, especialmente segunda-feiras e domingo: dia do *povão*, dos *couro de rato*⁴. Muitos desses primeiros interlocutores — especialmente os moradores da Barra — discursavam sobre outra temporalidade do bairro elaborada por uma memória nostálgica dos anos setenta. Essa rememoração associava-o a um tempo em que *a criminalidade não tomava conta do lugar, não se disputava por um pedaço de areia, só tinha gente bonita e elegante*. Por vezes diziam ser ali, — no tempo presente — *um antro de vagabundo*. Apontando para o céu nublado, um deles me disse: *nos finais de semana, paira sobre a praia uma nuvem cinza*

Eles descem de ônibus aí, no fim de semana, e invadem a praia, igual àquela música do Ultraje a Rigor: “nós vamos invadir sua praia”. Essa fala, proferida por um morador do bairro, evidenciava as tensões ao redor dos usos da praia nos fins de semana, explicitando a importância dos trânsitos urbanos nos modos de pensar e fazer a cidade. Esse mesmo interlocutor me apontava diversos bairros de onde partiam os *invasores*, todos bairros periféricos de Salvador: Cajazeiras; Baixa do Tanque; IAPI; São Caetano; Liberdade; Fazenda Grande. Para esse mesmo interlocutor, esses *sujeitos invasores* traziam consigo um certo modo de fazer praia, uma forma incômoda de se estar na areia, que muito tinha a ver com uma “*feira de largo*”.⁵ Esse modo, para o interlocutor, seria reconhecível na presença da bebida alcoólica excessiva, do churrasco, do pagodão, da batucada, das grandes caixas de som, do apinhamento de gente, das *brigas e confusões*, da *muçucada*, e da *presença de gente feia*, da *barulheira*.

Um elemento central mobilizado por esses interlocutores iniciais da minha pesquisa é a noção de invasão. Como aponta Alcântara (2005), essa concepção acaba reproduzindo uma desqualificação simbólica e relacional, marcadamente racista, associada às camadas mais pobres — negras e periféricas — pois seus momentos de

⁴ Na Bahia, a expressão "couro de rato" é usada de forma similar ao termo "farofeiro", implicando uma desqualificação e uma associação pejorativa a hábitos populares de lazer, frequentemente vistos como simplificados ou menos elaborados

⁵ *Festa de largo* é como são conhecidas na Bahia as festas populares realizadas em praças ou largos, geralmente em homenagem a santos católicos, envolvendo celebrações religiosas, música, comida e comércio informal. São eventos que reúnem diferentes grupos sociais e fazem parte do calendário cultural da cidade

“farra”, descanso e descontração são muitas vezes interpretados como “desordem”, “bagunça” e “invasão”. Para o autor, há uma estigmatização da imagem do pobre, centrada no termo “farofeiro”, que articula classe e raça em suas significações. Outros termos que me foram apresentados em campo foram: *ilustres visitantes; mal-educados; baixo astral*.

Polycarpo (2021) nos aponta quadro semelhante em Copacabana, aludindo a noção de “risco” por ela trabalhada:

A clara tensão entre o “cartão-postal” imagético e a “área de risco” denunciada é percebida por meio da desvalorização, de acordo com alguns de seus moradores, do seu espaço distintivo com a invasão da marginalidade, da informalidade e de corpos diversos e desconexos, sem pertencimento àquele território — corpos esses já vulnerabilizados e criminalizados e, portanto, enquadrados como “risco” à ordem e à segurança da cidade, por sua cor e origem (POLYCARPO, 2021, p. 445)

Essa estigmatização do “pobre”, nas palavras de Alcântara (2005), se apresentou para mim com muita força em um episódio específico, já nas primeiras entradas em campo. Era uma quarta-feira e me encontrava na praia sentado e sozinho observando o mar. Ao meu lado, um casal — bronzando-se em silêncio — olha para mim e faz o seguinte comentário: *esse é sem dúvida o melhor dia para vir para Porto, não acha? Não tem barulho, não tem caixa de som, não tem muvuca, somente o silêncio do mar e essa calma. Hoje o Porto é realmente da Barra*. Não sou afeito a silêncios, e naquela quarta-feira algo me faltava, não era pra mim *o melhor dia para ir ao Porto*. Não tive como concordar com ela.

Após alguns momentos, encerrado o diálogo com o casal, dirigi-me à parte alta do Porto e apoiei-me na balastrada. Ao meu lado, uma garçonete de uma das distribuidoras de bebidas que circundam o Porto da Barra observava o mar. Perguntei o que achava da praia estar tão vazia em pleno meio da semana. Sua resposta — algo direta demais diante do que soou como uma pergunta óbvia — me apresentou um conceito local interessante, que viria a ocupar lugar central nesta pesquisa. Sem titubear, respondeu: *deus é mais, eu prefiro a agonia⁶, gosto é do domingo*.

O campo me apresentava temporalidades e modos distintos de ser, estar e fabricar a praia; camadas da história da cidade; disputas simbólicas; conflitos;

⁶ O termo “agonia” é comumente usado para descrever uma multiplicidade de camadas sobrepostas que estão presentes na realização do *Porto-Paredão*, isto é, sonoridades, texturas, corpos, cheiros, gostos, pessoas.

atravessamentos de raça e classe; estigmas. Ao mesmo tempo, nesse processo inicial de entrada em campo, observava a felicidade e o relaxamento que cercavam os dias de lazer. Anotava as inúmeras práticas, os circuitos de consumo e as formas de sociabilidade daqueles diversos atores que ia conhecendo — ainda sem o recorte etnográfico que assumo nesta dissertação. Intrigado, porém, em compreender como se articulavam os domingos — elemento central nas controvérsias que emergiram logo no início do trabalho de campo —, passei a me deter mais atentamente nesse espaço-tempo da praia, aprofundando a imersão no que muitos ali chamavam de '*Babilônia*'.

A AGONIA GOSTOSA: AQUI TEM DE TUDO, PUTA, TRAVESTI E VIADO

De perto e dentro a *agonia* se apresentava envolta em sonoridades múltiplas, muitas dessas amplificadas por grandes caixas de som. Os burburinhos de ondas do mar sobrepondo bordões de vendedores ambulantes somavam-se ao apinhamento de gente e ao pouco espaço pessoal, aos cheiros de churrascos e de maconha, aos aniversários, feijoadas, peixes sendo assados nas intermediações da faixa de areia. As pequenas mesas, repletas de cervejas, garrafas de uísque e copos de energéticos, dividiam sua superfície com as caixas JBL e os coolers, compondo a miscelânea visual da praia. Meus interlocutores do *Porto-Paredão*, em sua maioria jovens negros de bairros social e historicamente marginalizados, viam a praia como um *lugar de encontro* na cidade. Buscavam compartilhar uma experiência comum por meio de uma rede de relações já conhecida e reconhecida, e, possivelmente, ampliá-la por meio de novas interações na areia.

Esta experiência comum estava alicerçada na busca pelo prazer, na invenção de uma série de modos de exaltar a partilha e, especialmente, na produção e manutenção dessas relações. Conformava-se toda uma cadeia de processamentos em razão da intensificação dessas dinâmicas de prazer. Essa cadeia mobilizava diversos humanos e não humanos em sua feitura: sol, mar, comidas, bebidas, substâncias psicoativas, sombras, cadeiras, caixas de som, churrasqueiras, amigos, conhecidos, donos de barracas, roupas, relógios, óculos de sol e bronzeadores. Dois elementos eram centrais: de um lado, o corpo como epicentro do prazer, em todo seu transbordamento sensorial; do outro, o olhar como ferramenta de deslumbre, pairando sobre outros corpos, o mar, o sol e a praia.

O fazer do *Porto-Paredão* e suas dinâmicas espaço-temporais mobilizavam inúmeros trajetos e movimentos, criando circuitos e conectando o *Porto da Barra* a

diversos bairros de Salvador. Desde a estação de metrô até o ponto de ônibus, passando pelos comércios de bairro e pela distribuidora de bebidas mais próxima da praia — onde se vai para encher coolers de cerveja, comprar whisky, vodka, energético e gelo. Trazia-se de casa churrasqueiras, farofas, saladas, boias, brinquedos, caixas de som. Uma série de relações eram tecidas junto às barracas de praia, alugando-se cadeiras e sombreros, negociando preços, acionando amizades antigas e aproximando-se de certos grupos. Vendo e sendo visto, do melhor lugar que se possa encontrar na areia, e junto da sua dona(o) de barraca preferida, prepara-se um dia onde o prazer é o elemento central: comer; beber; ouvir; se banhar; pegar um bronze; relaxar; fumar; sentir a areia e o sol no corpo. Tocar e deixar-se tocar pelo mundo de sensibilidades que a praia faz aparecer.

Dentro dessa agonia, certas espacialidades eram notadas e verbalizadas por meus interlocutores, embora porosas e atravessadas por diversos outros sujeitos. *Maconheiros, gays, famílias, turistas* — me disse certa vez um dos donos de barraca na faixa de areia, dividindo-a em quatro partes. Essas espacialidades emergiam nos discursos através do reconhecimento de certos signos que se apresentavam incorporados aos banhistas e vazavam em seus corpos e modos de ser e estar. Ligavam-se também a certas práticas específicas, sonoridades e estigmas. As barracas de praia eram elementos aglutinadores dessas espacialidades. Seus donos manejavam discursos, incorporavam signos, manuseavam preços e materiais para fazer e refazer toda uma rede de relações que orbitava a barraca. Essas redes, produzidas e mantidas pelas performances carismáticas e jocosas desses trabalhadores, agenciavam espacialidades, aglutinavam grupos, amigos e bairros. Nessa prática de manutenção e produção de relações, esses donos de barraca garantiam clientela, recursos e ainda criavam uma rede de apoio para si e para os seus ajudantes, muitos considerados *filhos e filhas*.

Essas espacialidades, muitas vezes, encontravam força nos bairros de origem desses trabalhadores: amigos em visitas inesperadas, parentes, grupos de sinuca e futebol. Essas redes de relações e suas feitura frequentemente envolviam afetos, e os modos de agenciamento dessas relações, por vezes, implicavam meus interlocutores em uma negociação particular. Aponto aqui para um duplo fazer: as agências cotidianas voltadas à produção e manutenção dessas redes de relação, e as negociações que travavam consigo mesmos no que diz respeito ao entrelaçamento entre lazer e trabalho — e os limites dessa linha tênue. A praia se apresentava para os donos de barraca e seus 'ajudantes' tanto como um espaço de fabricação e manutenção de uma rede de apoio

essencial nas resoluções práticas de suas vidas, quanto como um ambiente de invenção de modos de entremear trabalho e lazer, colocando essas categorias em relação no cotidiano.

Adentrando a *Babilônia*, atento especialmente aos dias de domingo e segundas-feiras, fui imergindo nas vidas dos meus interlocutores e nas relações que ali ia estabelecendo. Assim, de forma um tanto intuitiva, decidi pelo recorte do Porto-Paredão como o foco central desta dissertação. O esforço hercúleo estava posto, dado a complexidade da multiarticulação, tanto dos meus interesses quanto do próprio Porto-Paredão, especialmente sob a ótica da observação participante. No entanto, senti que valia a pena prosseguir com a pesquisa. Nessas primeiras interlocuções, a produção discursiva de uma praia invadida por um 'outro indesejável', representada como espaço de violência e desordem, contracenava com a potência imagética e performática desse mesmo 'invasor', que se colocava em cena para ver e ser visto, reinventando seus modos de fazer praia, suas relações, redes e espacialidades — inventando a si mesmo com e nesse cenário. Creio que, em alguma medida, escolhi um lado ao direcionar meu interesse às práticas, circuitos e associações que se articulavam em torno dos domingos e segundas-feiras. A chamada '*agonia*', expressão recorrente ao longo do trabalho de campo, viria a se tornar um dos eixos centrais desta dissertação.

REFERENCIAL TEÓRICO: SEGUINDO REDES E ASSOCIAÇÕES, FAZENDO LAZER E TRABALHO.

Para pensar o Porto-Paredão, me aproximei, teoricamente, da Teoria Ator-Rede (TAR), proposta por Latour (1994), ainda no primeiro ano de realização do meu mestrado. Para o autor, “natureza” e “sociedade” são ambos efeitos de redes, compostas por séries heterogêneas de elementos, humanos e não humanos conectados. Em direção a uma Antropologia Simétrica, Latour (1994) tensiona a divisão ontológica “natureza/cultura” produzida pela/na modernidade ocidental, e aponta os entretecimentos das categorias conceituais e a emergência do que chamou de naturezas-culturas (LATOURE, 1994). Citando Freire (2006): “o princípio de simetria generalizada significa partir da necessária explicação simultânea da natureza e da sociedade, ao contrário do hábito de se fazer recair exclusivamente sobre a sociedade todo o peso da explicação” (FREIRE, 2006, p. 49).

Nesse sentido, o “social” é entendido como uma rede heterogênea composta por humanos e não humanos, uma lógica de conexões definida por suas mediações internas

e pelos fluxos de ação dos actantes (FREIRE, 2006). Segundo Moraes (2000), na rede não há unidade, apenas agenciamentos; não há pontos fixos, apenas linhas. A rede seria, assim, uma totalidade aberta, capaz de crescer em todas as direções, sendo seu único elemento constitutivo o nó (MORAES, 2000). Para Latour (1994), a TAR é uma “teoria sobre como estudar as coisas”: um método de acompanhar a produção de diferenças, seguindo os movimentos dos sujeitos sociais e suas associações, com ênfase nos fluxos, circulações e alianças nas quais estão envolvidos (LATOURE, 2006, p. 339). A proposta é acentuar a ação e as transformações presentes nas redes, acompanhando o trabalho de sua fabricação (FREIRE, 2006).

Os caminhos da pesquisa foram emergindo a partir do momento em que passei a assumir o Porto da Barra como uma rede de actantes humanos e não humanos entretecidos em suas ações. Nesse processo inicial, atentei-me a traçar os percursos dos meus interlocutores e suas associações emergentes, em vez de estabilizar o fluxo de relações e defini-los como uma unidade localizável e delimitável (BIONDI, 2009). Seguindo Biondi (2009), a proposta era “no sentido de realizar uma descrição das práticas e fluxos observados em trabalho de campo, de maneira a não obstruí-los, interrompê-los”, atentando-se às inconstâncias e instabilidades das associações que compõem o Porto-Paredão (BIONDI, 2009, p. 28). O empreendimento da pesquisa apontou para a investigação dos mediadores, humanos e não humanos, em seus traçados e movimentos, articulando formas coletivas de associação por meio das quais o “social” é trazido à existência, tornando visível sua composição por meio da descrição dessas associações e mediações (BIONDI, 2009).

Após confrontar essas reflexões no campo etnográfico, em processo de interlocução, o objetivo principal da dissertação passou a orbitar em torno da seguinte pergunta: Como o Porto da Barra, a partir do Porto-Paredão, era composto como um espaço-tempo singular naquela enseada de Salvador, considerando os diversos atores envolvidos, as redes que formavam e as práticas que agenciavam? Como uma cadeia de processamento seria manipulada, feita e refeita a partir de estratégias e ações voltadas à articulação de um modo de fazer praia? Aventurei-me a conhecer quem são e o que fazem esses humanos e não humanos, quais as associações e negociações engendradas em torno de certas práticas de lazer e trabalho, como e por que essas associações são mobilizadas, quais estratégias e ações são postas em prática para articular e fabricar seus

modos de fazer praia e, ainda, como esses modos são significados e percebidos por eles. Busquei seguir as redes agenciadas no intuito de mapear e compreender as diferentes associações que as compõem, suas práticas, estratégias e modos de feitura (LATOURE, 2012; TAVARES, F.; CAROSO, C.; RAMOS, C., 2020). Descrevendo esses processos que emergiram com o trabalho de campo, busquei tecer a rede de ação que fazia aparecer o Porto-Paredão, explicitando os atores e suas relações, dentro e fora da faixa de areia (LATOURE, 2012). Fazendo e refazendo uma praia do Porto da Barra possível, na tessitura das interlocuções emergentes, a dissertação procurou evidenciar o *Porto-Paredão* em sua miríade de práticas, modos de feitura, performances, consumos e visualidades — enquanto “uma assinatura única elaborada por associações e substituições através do espaço conceitual” (LATOURE, 2001, p. 188).

À luz deste escopo teórico, mobilizo duas concepções centrais para pensar esta dissertação, desdobradas ambas na descrição de fazeres e suas relações com sujeitos, objetos e práticas. De um lado, um fazer-trabalho, que busca acompanhar as redes de ações e associações tecidas e manipuladas pelos trabalhadores do Porto da Barra em seus intentos diários de estabilização de suas ocupações na areia, seus modos de obter renda, as manipulações de signos e discursos na construção de suas barracas/ocupações, e a produção de relações através de práticas que entrelaçam lazer e trabalho. De outro, um fazer-lazer, centrado na descrição da cadeia de processamento mobilizada na feitura dos modos de fazer praia dos meus interlocutores, abrangendo os trajetos percorridos e suas mobilidades, as redes de relações elaboradas, os encontros e sociabilidades, a mediação de humanos e não humanos, a composição de uma identidade particular, e os modos de consumo, performances e visualidades. Oriundos da reflexão junto à TAR, esses conceitos organizam os capítulos e são essenciais para estabelecer as relações propostas no corpo desta dissertação. A partir deles busco descrever as redes de ações que se estabelecem no campo no intuito de fazer emergir a composição particular que denomino de *Porto-Paredão*.

DAS PRIMEIRAS INTERLOCUÇÕES: *OLHA, MÃE, QUEM VEIO HOJE, GALEGUINHO.*

A frase-título apresentada nesta subseção é uma das muitas que me levaram, ao longo do trabalho de campo, a criar um inventário de pérolas linguísticas. Muitas dessas frases, incluindo a citada acima, foram ditas em interações com garçons ou *intermediários*. Esses trabalhadores sobem e descem as escadas do Porto da Barra e,

com muito gingado e convencimento, abordam possíveis clientes com o intuito de conduzi-los às barracas de praia onde trabalham. Aceito o convite, esses trabalhadores oferecem cadeiras, sombreros, caipirinhas e cervejas, sempre utilizando o artifício magnético de suas simpatias. No campo, essa prática de trabalho surge associada ao verbo "caçar" e será mencionada nesta dissertação. Os garçons são centrais no Porto da Barra e, muitas vezes, são o primeiro contato com uma lógica de conexões particular, com seus inúmeros papéis, estratégias e agenciamentos que emergem dali — os quais buscarei descrever. Essa experiência inicial também marcou meu envolvimento com o campo de pesquisa.

Comecei a estudar o lazer pela esfera do trabalho. Minhas primeiras interlocuções foram essencialmente com donos de barracas de praia e garçons. Com alguma dificuldade, mantive e produzi essas relações, escorregando muitas vezes em certos códigos e normas que desconhecia. No intento etnográfico, transitei bastante pela praia, especialmente no início, e isso me custou algumas interlocuções. Demorei a entender certa lógica de fidelidade diante dos conflitos internos, e a importância da manutenção e produção desse encontro de interesses mútuos, especialmente através do investimento financeiro. Algumas relações transformaram-se em silêncios, e aberturas que antes eram possíveis se fecharam. Eu, tateando o incompreensível, só entenderia muito tempo depois. Após um ano de campo, comecei a ser posicionado pelos meus interlocutores. Graças às minhas relações com os donos de barracas, passei a ser chamado para prestar auxílios, tanto financeiros quanto relacionados à manutenção das barracas. Os diálogos começaram a acontecer, e, aos poucos, a partir dessas novas posições, as relações foram sendo estabelecidas. Com o tempo, pude aprofundar essas relações e criar algumas amizades iniciais, intensificando as conversas e participando de forma mais ativa no cotidiano da praia.

A manutenção dessas relações acompanhava minha disposição em participar de um canal de trocas de mercadorias e favores, especialmente no início do campo. Busquei óleo no supermercado, cerveja nas distribuidoras, fotografei aniversários, famílias em passeios dominicais e casais em seus dias de lazer, comprei caipirinhas e estabeleci diversas conversas para que elas se tornassem possíveis. Foi através da compra de uma dessas caipirinhas que me aproximei de Míau e Otília, donos da Barraca da Pink.

O casal de trabalhadores, que se conheceram em um táxi voltando de seus serviços no Porto da Barra, moram em Cajazeiras, bairro periférico da cidade de Salvador, a cerca de uma hora e meia da Barra. Otília, após o nascimento do segundo filho do casal e o estabelecimento de uma relação longínqua com o companheiro, trocou sua pequena barraca de drinks pela empreitada conjunta na Barraca da Pink. Há quatro anos, uniram seus esforços: Otília, com sua habilidade ímpar de preparar drinks, e Miau, vendedor experiente do Porto da Barra e proprietário da licença necessária, emitida pela Prefeitura, para a montagem das barracas. Juntos, “viraram Pink” e impulsionaram o empreendimento coletivo.

De pouco em pouco, percebia como meus interlocutores elaboravam estratégias para entrelaçar trabalho e lazer, aflorando práticas no meio da rotina: beber cerveja, alongar conversas, dar um passeio de barco, nadar com óculos de mergulho, entrar no mar, assar um peixe, tocar violão, entre outras. Investi nesses caminhos e, ao perceber como cada interlocutor arranjava e rearranjava suas labutas, fui mantendo e produzindo as relações. Dediquei-me, assim, a um certo *trabalho de espinha mole*, nas palavras de um dos meus interlocutores, coproduzindo esses momentos, sabendo respeitar o instante em que a esfera do labor os chamava de maneira eminente. Essas torções apareciam como estratégias de fazer a vida, expertises que emergem do ato de trabalhar na praia, de estar todo dia no *melhor lugar do mundo*.

Como aponta Beto, *pescador das antigas*, o Porto da Barra é *paralama do sucesso*, porém, é preciso ter cuidado com encosto, me explica Capa Nico, um dos pescadores que me aproximei junto à *Colônia*. *Encosto* — mais um dos termos nativos a serem debatidos na dissertação — é o sujeito que não participa dos circuitos de troca engendrados ali, entre os pescadores, não contribuindo com nada e *só querendo sugar*. Esse sujeito encostado é o oposto do modo de produção e manutenção das relações que se elaboram ali: afeto, comida compartilhada e muita conversa. Tomei como aprendizado esse conhecimento e aprendi a partilhar, produzindo conjuntamente os momentos aos quais fui convidado. Não sendo *encosto*, ofereci imagens, serviços, escutas, cervejas e dinheiro. Sedimentava pouco a pouco nossas amizades participando de seus momentos de lazer: feijoadas; bebedeiras; peixadas; aniversários; encontros de amigos, etc.

Esses diversos frequentadores da praia, alguns com mais de quarenta anos de experiência no Porto da Barra, entrelaçam trabalho e lazer, atentos às brechas e

possibilidades que a vida lhes oferece. Inventam para si formas de ser e estar nas areias, criando e mantendo redes de apoio e amizade que compõem suas vidas, para além do espaço da praia. Usam toda uma expertise na execução de seus trabalhos, na escolha das palavras, na elaboração estética das suas barracas, nos modos de fazer dinheiro e nos meios de produção e manutenção das relações com os clientes. No devir de suas vidas inventam um modo de ser no mundo, reivindicando-o com afinco afirmando que *sabem viver* — uma daquelas frases que Capa Nico não se cansa de repetir.

EXPANDINDO AS INTERLOCUÇÕES A PARTIR DA CÂMERA FOTOGRÁFICA: *MANDA LÁ NO WHATSAPP QUE FIQUEI BONITÃO*

Após estabelecer essas conexões iniciais e sentir-me relativamente seguro em campo, busquei uma aproximação com indivíduos e grupos que compunham o Porto-Paredão. Meus interlocutores iniciais, especialmente Otilia e Miau, passaram a me apresentar a seus clientes, convidando-me a participar de suas redes de relações. Valendo-me do prestígio que minha relação com o casal me conferia, fui expandindo minhas interlocuções para além da Barraca da Pink, envolvendo-me com clientes, familiares e demais trabalhadores que se articulavam ao redor da barraca. *Se é amigo de Miau e Otilia, é meu amigo*, diziam muitos deles. Foi assim que fui tecendo amizades, acompanhando famílias inteiras em seus passeios dominicais, observando os movimentos da praia, do público, as temporalidades e espacialidades mobilizadas — enfim, tramando um campo etnográfico.

A partir das conexões duradouras que estabeleci com Otilia, Miau e suas redes, passei a me sentir à vontade para tirar minha câmera fotográfica de casa.. A câmera fotográfica, enquanto equipamento capaz de produzir e reconfigurar relações, constituiu-se como um elemento central de mediação no campo etnográfico (LATOURET, 2012). Aos poucos, fui percebendo que a câmera pendurada em meu pescoço suscitava associações, despertava curiosidades e afetava os encontros. Enquanto “coisa” inacabada, ela emergia como agente social: interferia no curso das ações, traçava suas próprias linhas e redes, e facilitava a construção de vínculos (SILVEIRA, 2014).

Esse processo acelerou consideravelmente as interlocuções, pois, agora com a câmera, eu poderia oferecer uma devolutiva imediata aos interlocutores, enviando-lhes as fotos nos dias seguintes, diretamente para seus números de celular, gerando assim uma convergência de interesses. Utilizei a restituição das imagens como uma forma de "contra-dom visual", conforme aponta Copque (2010), fazendo dela um elemento

central na produção e manutenção desses encontros. Muitas vezes, inclusive, fui convidado a participar desse “contra-dom”, tornando-me fotógrafo de aniversários, produzindo registros para redes sociais, ou para namorados e namoradas. O envio das fotografias também me proporcionou acesso aos números de celular e às mídias sociais dos meus interlocutores, ampliando minhas possibilidades de comunicação e permitindo o acompanhamento, por meio de suas publicações no Instagram, de suas visitas ao Porto da Barra.

Nesse processo de feitura das imagens, fui vendo emergir novos Portos da Barra, junto aos interstícios e frestas de significados que suas texturas deixavam vaziar (EDWARDS, 2001; PINNEY, 2017). Diante da câmera, as agências dos meus interlocutores acabaram por adicionar novos significados ao campo de pesquisa, fazendo emergir camadas e sentidos a cada retorno às imagens. Tecendo esses encontros, atento à potência metodológica e narrativa das fotografias, reservei um capítulo inteiro para a exposição das imagens, além de incorporá-las à minha escrita nos outros capítulos desta dissertação. Meu intuito é trazer o campo experienciado ao texto e provocar sentidos, significados outros que o texto, sozinho, não alcança. Tomo para isso os registros como vivos, através de sua performatividade, levando em conta a produção social que os possibilita existir, os gestos, valores e conflitos que emergem de sua textura (EDWARDS, 2001).

Acolho o sujeito fotografado em suas performances, gestos, produções estéticas, cenas e poses, com o intuito de elaborar, por meio da reencenação da imagem, uma representação satisfatória de si, ou seja, um processo de produção simbólica pessoal, conforme discutido por Pinney (1996) e Samain (2003). Em convivência com um campo popular, busco trazer às fotografias seus modos de invenção, existência e negociação. A produção simbólica dessas imagens de si, consensuadas diante da câmera, visa criar contra-narrativas visuais que tensionem e reinventem um discurso dominante que constrói o “outro” como negro e periférico, conforme apontado por Collins (2000). Esse discurso dominante, como destaca Alcântara (2005), é marcado por uma desqualificação simbólica e relacional, intensamente racializada, associando as camadas mais pobres, negras e periféricas a signos como 'desordem', 'bagunça' e 'invasão' — como mencionado anteriormente nesta introdução. Em outras palavras, busco produzir visualidades que diversifiquem o campo das representações, criando novas narrativas, com o objetivo de tensionar esse quadro descrito.

As imagens são elementos centrais nos modos de fazer pesquisa desta dissertação. Através da agência da câmera fotográfica, pude tecer minha rede de interlocução em campo, permitindo que essa etnografia acontecesse. Fui posicionado por meus interlocutores, e dessa posicionalidade emergiu um lugar que me permitia transitar e ser reconhecido. Através da restituição das imagens, mantive e produzi relações, fortalecendo amizades e liberdades essenciais. Articulei, com elas, os conhecimentos e pensamentos experienciados em campo, as representações de si, as visualidades emergentes, as transformações das categorias e as criações inventivas dos modos de fazer trabalho e lazer. Promovendo uma circularidade entre textos e fotografias e buscando sua constante aliança, tomo-as como pontos de partida para desencadear a elaboração da escrita. As imagens, aqui, não são meras representações; são criações de mundos, provocações, modos de sugerir outras possibilidades. Acolho, portanto, esses campos de invenção e elaboro meus escritos com elas e através delas.

MEU PORTO DA BARRA: APROXIMAÇÕES PESSOAIS E TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Me considero um antropólogo que se apaixonou pela antropologia ao mesmo tempo em que se apaixonou pela cidade. Sendo do interior da Bahia e pouco tendo a ver com o mar, descobri, ao morar em Salvador, um mundo novo, margeado por uma forma muito particular de viver a praia, a qual desconhecia. Cheguei a Salvador no início do meu curso de Ciências Sociais, em 2017, e, desde os primeiros dias, fiz do Porto “minha praia”. Sou desses sujeitos que gostam do movimento, do som alto, da gente apinhada entre sombreiros e cadeiras azuis. Isso sempre me encantou no Porto: a multidão de sons e pessoas, inúmeros atores em desfrute praiano, vivendo e sonhando.

Confesso-me um tanto embebido, em primeira mão, numa retórica romântica que pensava a praia longe dos conflitos que hoje a pesquisa me apresenta. Entendia-a como um lugar imaculado da “democracia”, onde a miscelânea de cores, corpos e desejos se misturavam em uníssono coletivo. Ignorava certas tensões que arranhavam esse imaginário e, especialmente, como a praia, além de ser um território de invenção de um comum, pode também ser um lugar de segregação. Mas tudo isso só consigo pensar hoje, mordido pelo mosquito da etnografia. No fundo, a semente da pesquisa nasce daí, de uma dúvida que queria ser certeza, de olhar para o horizonte e sonhar um sonho tropical terceiro-mundista embalado nas ondas do Porto da Barra, cheio de textos dos clássicos na cabeça, buscando um mergulho depois das minhas leituras da universidade.

Na graduação, em 2019, desenvolvi um PIBIC intitulado "Os espaços públicos estão na moda? Mercantilização, controle social e contra-usos da cidade de Salvador", sob orientação do professor Rafael Aguiar Arantes. Essa pesquisa me proporcionou a oportunidade de explorar a cidade, visitando locais que até então eu desconhecia como estudante. Investigamos dois eventos realizados em Salvador, parcerias público-privadas denominadas "Boa Praça" e "Música no Parque". O foco era entender os "usuários" desses espaços: suas motivações, gostos e constrangimentos. Meu interesse estava especialmente voltado para os contra-usos que surgiam nesses eventos, onde novas lógicas e práticas dissonantes se formavam. Já naquela época, era evidente o recorte racial e de classe que Salvador impunha, configurando uma forte organização social dos seus espaços públicos.

Ao escolher o tema para o mestrado, em 2022, relembrei aquela antiga dúvida da graduação, já ciente dos meus interesses pelo contato com a cidade e seus "usuários", algo que a pesquisa do PIBIC me apresentou. Na elaboração do projeto, busquei pensar o Porto da Barra a partir dos mesmos interesses da pesquisa anterior. Confesso que me atraí pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia devido ao meu interesse em imagens. No entanto, muitas coisas mudaram no primeiro ano do mestrado. Ao me aprofundar nas leituras da antropologia, meus interesses começaram a se reformular. Passei a me aproximar de autores e reflexões menos voltados para questões quantitativas sobre a cidade, e mais centrados nos modos de fazer, fortemente influenciado pelas minhas leituras na antropologia urbana (CERTEAU, 1998; AGIER, 2015) e nos estudos das ciências e da vida (LATOUR, 2012; INGOLD, 2015).

Na minha trajetória acadêmica, sempre me interessei por espaços públicos, pelas negociações e conflitos em torno de seu usufruto, pelos diversos modos de significá-los e pelos constrangimentos e motivações ligados ao seu uso. Com esta pesquisa, busco compreender como a praia do Porto da Barra é composta, a partir das categorias que emergiram em campo, com o intuito de contribuir para os estudos da antropologia urbana, explorando suas diversas formas de produção, significação e disputa, impulsionado pelo sonho de uma cidade mais ocupada e diversa. Ao evidenciar arranjos nativos que inventam modos de ser e estar no mundo, visualidades contra-narrativas e invenções relacionais nas esferas do trabalho e do lazer, quero trazer minha contribuição para esse campo de estudos. Estudo um lugar afetivo, refletindo sobre as camadas de

encontro, pois também sou um desses sujeitos, com minhas formas de compreendê-lo, meus usos e temporalidades, afinal, moro bem perto, a cerca de vinte minutos de caminhada.

A DIVISÃO DOS CAPÍTULOS: ENTREMEANDO IMAGEM, TRABALHO E LAZER.

Busquei condensar nesta introdução as questões essenciais do estudo da minha etnografia na praia do Porto da Barra. De imediato, procurei explicitar os contornos da minha entrada em campo, as relações de interlocução e as tensões que circunscrevem as decisões tomadas no contexto da pesquisa etnográfica proposta. Além disso, apresentei as escolhas teórico-metodológicas que orientaram minha investigação, com o objetivo de delinear o Porto-Paredão de maneira concisa. A opção por uma introdução mais alongada se justifica pela intenção, já no primeiro capítulo, de refletir imagetivamente sobre o Porto da Barra por meio das imagens feitas em campo, propondo uma exposição fotográfica. Uma espiral que se fecha nas conclusões finais, em um retorno às imagens após o longo percurso narrativo da dissertação. Nesse movimento, busco articular teoria e experiência, atravessando práticas, relações e estéticas que emergem da praia. A escrita, assim, acompanha os deslocamentos do olhar etnográfico. Ao final, retorna ao ponto de partida, mas transformada pela travessia.

Busco, portanto, no primeiro capítulo, para além de fazer um debate teórico sobre imagens, expô-las em um esforço de pluralização dos sentidos, tentando alçar novas redes de significados a partir dos meus interlocutores. As fotografias selecionadas neste capítulo emergem dos encontros e são, como mencionado anteriormente, coagenciadas pelos sujeitos fotografados, refletindo uma preocupação em apresentar performances, práticas, corpos e gestos que contribuam para a construção de contra-narrativas visuais (COLLINS, 2000). Procurei deixar vazar, na curadoria deste trabalho de conclusão do mestrado, as dinâmicas que a máquina fotográfica inseriu no fazer etnográfico: os inúmeros papéis que me foram propostos, as amizades e afetos dos interlocutores dessa dissertação. As imagens serão também pontos centrais de minhas reflexões, orientando e acionando a escrita. Busco, ao pensar com e a partir delas, revelar os modos de vida dos meus interlocutores e, através dessas imagens, produzir contra-visualidades que questionam a forma como o Porto-Paredão costuma ser representado, associando-o à desqualificação, ao racismo e ao estigma da 'invasão', como destaquei na introdução.

Em um segundo momento, apresento a rede de ações e associações tecida pelos trabalhadores da praia em seu intento diário de estabilização da esfera do trabalho, das suas ocupações e dos ganhos de renda. Visibilizo os modos de organização, seus trajetos e discursos, brechas e inventos, seguindo os diversos modos e estratégias de fazer a vida dos meus interlocutores. Descrevo, para isso, minhas vivências com os donos de barraca, ambulantes, carregadores, moradores de rua, pescadores, garçons, entre outros. Esses diferentes personagens que compõem o cotidiano do Porto acionam práticas próprias, atravessadas por rotinas de trabalho e modos de lazer, buscando sustentar suas vidas. Cada um mobiliza redes de relações, recursos e afetos, conectando-se a outros sujeitos e lugares da cidade. No contato diário, inventam estratégias, rearranjam espaços e temporalidades, e estabelecem vínculos de cooperação e conflito.

Busco, portanto, neste momento, construir um quadro mais amplo, situando o leitor nos modos de organização do espaço, nas nuances do bairro e da cidade em que se insere a praia do Porto da Barra. Descrevo também as diversas funções exercidas pelos trabalhadores do Porto, explicitando as estratégias e os modos particulares de fazer e sustentar esses trabalhos, bem como toda uma rede de relações e conexões específicas estabelecidas entre eles. As dinâmicas e estratégias apresentadas neste capítulo são pensadas, nos meus termos, como um fazer-trabalho — Ou seja, os modos de fazer articulados por meus interlocutores na realização de suas funções e na geração de renda, que são o foco do meu interesse.

Ratifico que meu interesse em relação ao fazer-trabalho dos meus interlocutores está em compreender como práticas de lazer são mobilizadas para a organização e viabilização de suas atividades produtivas, oferecendo, a partir da descrição dos modos de fazer desses trabalhadores, algumas contribuições para o campo das ciências sociais que se dedica à análise das relações de trabalho (Antunes, 2015; Telles, 2006; Abílio, 2017; Rizek, 2006). No entanto, não é a esse campo que dedicarei meus maiores esforços analíticos, tampouco me aprofundarei como seria desejável nas discussões específicas da área. Assim, ainda que eu me detenha sobre os meandros desse fazer-trabalho, sua inscrição no tempo-espaço contemporâneo — em diálogo com as transformações recentes nas relações de produção capitalistas — não será objeto central desta dissertação.

Essas obras permitem situar, em uma perspectiva mais ampla, as práticas híbridas que atravessam os modos de vida dos meus interlocutores — ainda que, reitero, o foco desta pesquisa se desloque para outras dimensões da experiência social, especificamente para o lazer e suas potencialidades. Isso não impede, no entanto, que o capítulo em questão contribua para o debate sobre as novas formas de inserção laboral em contextos urbanos marcados pela informalidade, pela flexibilidade e pela precariedade — ainda que, por vezes, no intuito de tencionar e problematizar essas categorias. Procura-se ao longo do capítulo explicitar as práticas de viração⁷ — como definidas por Telles (2006) e Abílio (2014) — mobilizadas pelos trabalhadores do Porto da Barra, que, diante da ausência de garantias formais dos vínculos trabalhistas, desenvolvem arranjos criativos para gerir seus cotidianos, articulando suas formas de trabalho com seus modos de viver, se relacionar e compor a praia.

No terceiro capítulo, adentro o campo de relações particular que nomeio como Porto-Paredão e seus modos de feitura, como venho argumentando. Se, no segundo capítulo, meu interesse recai sobre a composição do Porto da Barra enquanto esfera do fazer-trabalho, atento-me, agora, aos modos de fazer-lazer que emergem dessa configuração específica de actantes. Valorizando, do ponto de vista metodológico, as temporalidades e espacialidades próprias, apresento as agências, redes e invenções por eles mobilizadas. Ao descrevê-las em articulação com seus modos de fazer praia, busco explicitar as implicações urbanas que esse conjunto de práticas produz e apontar para o caráter político das apropriações da cidade realizadas por esses sujeitos.

Aproximando-me do que chamo de fazer-lazer, busco, neste terceiro capítulo, estabelecer um olhar mais localizado sobre o Porto da Barra, focando, agora, nas ações cotidianas dos meus interlocutores. Observo, para isso, toda uma cadeia de processamento mobilizada na feitura dos seus modos de fazer praia. Interesse-me, portanto, pelos trajetos percorridos e suas mobilidades, pelas redes de relações elaboradas, pelos encontros e sociabilidades, pelo agenciamento de humanos e não

⁷ Telles (2006) e Abílio (2014) descrevem a "viração" como uma característica estrutural do mercado de trabalho brasileiro, em que a instabilidade, a informalidade e a precariedade são condições constantes para muitos trabalhadores. O conceito remete à ideia de que, sem vínculos formais ou proteção social, muitos brasileiros dependem de ocupações temporárias e informais, ou "bicos", para garantir a sobrevivência, refletindo uma adaptação constante às condições adversas do mercado de trabalho. Essa realidade está frequentemente associada à noção popular de "correr atrás", que expressa a capacidade de imprevisto e adaptação característica do cotidiano de grande parte da população trabalhadora no Brasil.

humanos, pela composição de uma imagem de si particular, pelos modos de consumo, suas performances e visualidades. As práticas são aqui descritas em fluxo e visam tecer a rede de ação que mantém o Porto-Paredão, tendo como premissa o fazer-lazer que o compõe.

Nas conclusões finais, ressalto dois pontos que considero fundamentais nos caminhos construídos ao longo desta dissertação, especialmente pelas novidades que os arranjos e descrições oriundos dos modos como meus interlocutores elaboram suas vidas no espaço-tempo do Porto ensejam para o campo teórico da Antropologia/Sociologia do Lazer. De um lado, pensando com os trabalhadores, procuro evidenciar as múltiplas estratégias de construção de redes sociais, bem como destacar práticas associadas ao lazer que sustentam, reinventam e dão forma aos seus modos de fazer trabalho. A imbricação dessas práticas de trabalho com dinâmicas de fruição, amizade, afeto, circulação de objetos e relações sociais, consolidação de uma base de clientes e produção de espacialidades, etc. revela pontes relevantes para pensarmos o conceito de lazer de modo pouco canônico.

Aponto aqui, pensando com Magnani e Spaggiari (2018), para uma perspectiva de lazer ancorada em um quadro particular oriundo da revolução industrial, normalmente invocado para registrar a emergência do conceito tanto como questão social específica quanto como perspectiva analítica. Esse quadro, como apontam os autores, acabou consolidando os dois pólos que iriam marcar profundamente a discussão posterior sobre o tema: o tempo de trabalho obrigatório, imposto, e o tempo livre para descanso, conquistado. Descrevi, portanto, no espaço-tempo do Porto da Barra, um fazer que projeta outras formas de organizar aquilo que costuma ser separado em categorias rígidas, como lazer *versus* trabalho.

A proposta foi desestabilizar essas oposições ainda vigentes — como tempo livre versus tempo obrigatório — trazendo à tona perspectivas fundamentadas nos arranjos e estratégias elaborados pelos meus interlocutores. A descrição desses fazeres permitiu evidenciar formas singulares de acionar o lazer na dinâmica do trabalho, revelando como essas práticas eram mobilizadas para sustentar e produzir seus modos de vida. Nomeadas como lazer pelos próprios trabalhadores, envolviam *tomar uma* com os clientes, assar peixes, celebrar aniversários, organizar paneladas, feijoadas —

práticas que raramente eram separadas, em suas temporalidades e dinâmicas, dos momentos de trabalho (MAGNANI e SPAGGIARI, 2018).

Por outro lado, no que diz respeito aos banhistas que compunham o Porto-Paredão, busquei também descrever, junto a meus interlocutores, modos diversos de experienciar o que se entende hegemonicamente como lazer. Aqui, o conceito é pensado como uma esfera de produção da cidade vivida, interligando diferentes espaços urbanos — casas, bairros, praias e praças — tornando-se campo de formulação e manipulação de imagens de si, visualidades e sociabilidades. Nos fluxos e mobilidades articulados, o lazer se configura como um terreno de engajamento, onde redes de apoio e relações são tecidas, compondo modos próprios de ser no mundo. Há, ainda, uma dimensão política, na medida em que esses sujeitos, ao circularem pela cidade, afirmam modos próprios de pertencimento e existência — mesmo em um espaço que frequentemente nega seus modos de fazer cidade. Esse conceito alarga-se ao compreender o espaço urbano e a vida que o atravessa como expressão do direito à cidade: à liberdade de ir e vir, de criar e recriar os espaços, de inventar representações e de lutar pela cidadania (PINHEIRO-MACHADO E SCALCO, 2014).

Por fim, cabe explicitar algo sobre o modo de escrita aqui mobilizado e seu enfoque na descrição, em fluxo, dos acontecimentos do campo. Acompanhando Castro (2017), esta dissertação é composta por um sem-número de narrativas etnográficas, com o intuito de reconstituir criativamente o universo pesquisado. Estas narrativas são elaboradas a partir do agrupamento de elementos que surgiram em situações distintas vividas em campo. Por meio dos fragmentos de memória e dos cadernos de campo, assim como de certa verve criativa, produzo narrativas dessas experiências no sentido de torná-las fluidas ao leitor. Organiza-se, assim, a escrita etnográfica da dissertação como forma de melhor descrever a cadeia de processamentos implicada nas práticas da vida dos sujeitos da pesquisa, acionando também certa posicionalidade e indicando, no próprio texto, a presença do antropólogo em cena. Segundo Castro (2017), as narrativas etnográficas aqui contadas não seriam contos desinteressados, desarticulados e esvaziados de teoria. Como aponta o autor, em conjunto, essas narrativas buscam traduzir pedaços do que é o Porto da Barra, “tendo como componente argumentativo aquilo que é falado, praticado e analisado pelos sujeitos que estão imersos nessa tarefa”. (CASTRO, 2017, p. 27). A ideia, em última análise, é focar menos nas referências ao

campo teórico da antropologia, e trazer à tona as nuances dessas configurações empíricas e as noções etnográficas que delas emergem.

CAPÍTULO 1 — OS TANTOS PORTOS QUE POVOAM O PORTO: CORPOS, PRÁTICAS E PERFORMANCES ATRAVÉS DAS IMAGENS.

Nesse primeiro capítulo, em um primeiro momento, apresento o referencial teórico que articulei para pensar as imagens, abordo questões referentes ao acolhimento das performances dos fotografados (PINNEY, 2017) e exploro o conceito de contra-narrativas (COLLINS, 2000), em um segundo momento, apresentando o resultado dessa produção conjunta de visualidades oriunda das minhas interlocuções em campo.

O ESTANDARTE IMAGÉTICO OU O RIO DAS IMAGENS.

Penso que o primeiro passo em um campo antropológico é sempre escorregadio e repleto de incertezas. Seguimos por ele desejosos de entendimento, correndo atrás de enquadramentos teóricos, cortando e recortando objetos. Novos mundos pululam em nossa direção e, pouco ou nada sabendo deles, nos deliciamos e nos apavoramos diante de tamanha novidade. Pretendo aqui, nesse primeiro momento, levar-lhes ao campo desse modo, sem praticamente nada saber sobre o Porto da Barra — exceto caso você seja um dos tantos moradores e turistas que aportam em suas águas.

Provocarei estranhamentos em você, provavelmente uma sensação de afogamento, demasiadas informações, demasiados dados, um perder-se na *agonia* da areia, nas tantas camadas multissensoriais que ela desperta. Provocarei, quem sabe, aproximações iniciais com praias de sua vida, de suas vidas vividas em viagem, evocando infâncias atravessadas pelo mar azul de uma memória esquecida, ou, talvez, a leitura de algum romance lido despreziosamente enquanto se espera um ônibus na estação. Porventura, para você, morador de Salvador, quem sabe não apresento um tanto do seu modo de ser feliz?

Confesso, de antemão, que a escolha de entrar pelas imagens nesta dissertação não foi uma decisão fácil. Mas a minha intenção aqui é provocar você a inventar seu Porto da Barra. Dar-lhes a oportunidade de tecer uma rede de associações com essas imagens, fazendo-as a seu modo, atravessadas, claro, pelas minhas escolhas enquanto fotógrafo e

antropólogo, assim como pelas formas com que meus interlocutores manipulam essas imagens. A ideia é que você se relacione com as imagens, como em uma exposição fotográfica ou uma casa repleta de quadros de família. No transcurso da dissertação, ao se deparar com os capítulos e a textualidade que os compõem, lhe convidarei novamente às fotografias, refazendo assim o ciclo que se inicia aqui. Afinal, uma pessoa não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio. Sendo você diferente após a jornada desta leitura, o rio das imagens torna-se igualmente diferente.

RETÓRICAS TEÓRICAS: IMAGENS DE SI ENQUANTO PRODUÇÃO PESSOAL E SIMBÓLICA.

A fotografia é banal, modesta. Bela também porque intrigante e misteriosa. Se ela nos dá algo de concreto para ver, essa imagem, sobretudo, engaja nosso pensamento num complexo processo imaginário no qual se torna rapidamente difícil separar aquilo que deve ainda pertencer à realidade e aquilo que já se tornou sonho ou, simplesmente, ficção. A fotografia nos leva, sequestra-nos. Toda fotografia é uma viagem, melhor ainda: um arrebatamento. De impressão perceptiva que sempre é, ela se transfigura numa produção pessoal simbólica. (SAMAIN, 2003, p. 50)

A fotografia, enquanto índice da realidade, é suficientemente “aberta” para acolher o observador na composição de sua experiência de significação. Ela tem essa característica de convidar o outro a um mergulho em seu interior e, paradoxalmente, fazê-lo perceber em si o que a foto desperta (NOVAES, 2014). Afinal, como aponta Sylvia Caiuby Novaes (2014), “ao vermos algo, vemos não apenas a aparência da coisa que a imagem nos mostra, mas igualmente a relação que mantemos com esta aparência” (NOVAES, 2014, p. 61). Nesse sentido, a imagem carrega certa ambiguidade entre o real e o registro visual, sendo e não sendo a coisa fotografada. Apresenta-se ao observador como a “realidade da representação”; porém, insere nessa mesma realidade um emaranhado particular de sentidos e convenções próprias do fotógrafo — utilização dos recursos técnicos, enquadramentos, distância do referente, elementos de pós-produção —, assim como acomoda as injunções, performances e ações do fotografado: poses, gestos, olhares. A fotografia se apresenta como um processo de construção coletiva de sentidos, um espaço de articulação de sujeitos em seus interesses, tensões e percepções de mundo. Por isso, como aponta Bob Wolfenson, um bom retrato é sempre um milagre, tecido na arte do encontro entre tantas camadas: fotógrafo; fotografado; público.

Avançando para além dessa camada referencial de “verdade fotográfica”, acompanhando Copque (2010) e seguindo Etienne Samain (2014), existem duas dimensões nas imagens interessantes de serem pensadas: um “modo maior da realidade”, que seria uma dimensão mais óbvia do registro fotográfico, atrelada ao seu referente principal, e um “modo menor da realidade”, dimensão mais difusa: “esses pequenos detalhes aparentemente sem importância que, entretanto, trazem consigo um peso adicional de significações” (SAMAIN, 2014, p. 48). Para o autor, o conceito de “modo menor da realidade”, expressão formulada por Albert Piette (apud SAMAIN, 2014), como aponta Copque (2010), constitui um campo de observação etnográfica. Essa reflexão acompanha Roland Barthes (1984), quando afirma que: “a fotografia fornece de imediato esses detalhes que constituem o próprio material do saber etnológico” (1984, p. 49).

Nas palavras de Tina Camp (2017), é preciso “escutar as imagens” para sermos atravessados por esses detalhes que compõem o que acima foi chamado de “modo menor da realidade”. Sintonizando nossos sentidos com outras frequências afetivas, através das quais as fotografias são registradas — levando em conta as fissuras, lacunas e interstícios que afloram delas — podemos potencializar as diferentes perspectivas sobre os fenômenos em campo, evocando assim o que as palavras não alcançam (CAMP, 2017). A fotografia torna-se, então, espaço potencial de perfo(m)ação de modos de existir, aflorados nos interstícios dos fragmentos significantes que se atrelam às práticas e aos gestos, atravessados, essas mesmas práticas e gestos, por relações sociais incorporadas nas imagens.

Nesse sentido, a curadoria e apresentação das fotos no contexto de pesquisa serviriam, como aponta Milton Guran (1997), a algumas funções particulares. Uma delas seria destacar um aspecto de uma cena a partir do qual fosse possível desenvolver uma reflexão sobre como os indivíduos ou os grupos sociais se organizam, fazem e vivem suas vidas e práticas. Nesse sentido, a imagem não quer apenas expor o que é visível, mas sobretudo tornar visível o que nem sempre é visto, fazendo emergir novas formas de pensar a realidade por meio de um modo de percepção de mundo diferente daqueles acionados por outros métodos de pesquisa.

Para além de pensar as imagens como objetos de apresentação dos meus interesses em campo, considero que há ainda outro elemento presente nessa prática de fazer, ver e apresentar imagens. Na elaboração desta dissertação, as fotografias

emergiram, destacadamente, como espaços de invenção e negociação de imagens de si, acomodando interesses, situações momentâneas e entrelaçando mundos. Essa inventividade foi tecida a partir da articulação de saberes, práticas e expectativas de um fotógrafo-antropólogo em campo e de sujeitos que gesticulam, fazem pose e performam diante da câmera. Esse entretecimento é fruto de um convite à ação, gerando, assim, uma imagem a partir de uma relação estabelecida, que se desdobra ao longo do tempo do trabalho de campo e da vida. São acolhidos, então, os modos de apresentação e construção estética do outro, compondo a imagem a partir de suas performances, poses e gestos, com a intenção de produzir, pessoal e simbolicamente, uma imagem de si (PINNEY, 1996; SAMAIN, 2003).

Para dar conta de inventar com meus interlocutores, e a partir dos interesses deles, suas próprias imagens de si e representações, aproximei-me da fotografia pós-colonial indiana, aprendendo seu novo paradigma de manuseio e tratamento das imagens, conforme a leitura de Pinney (2017). Pensando nos retratos produzidos em estúdios de fotografia, o autor apresenta diferentes modos de manipulação de identidades e de representações de si, tanto pelos fotografados quanto pelos fotógrafos, articulados sob o interesse comum de representar pessoas e lugares naquele contexto social, cultural e político. A feitura da foto, nesse contexto, era atravessada por fundos que remetiam a diversos lugares do mundo, indumentárias múltiplas, gestos, poses, ângulos e toda sorte de objetos e materiais — com a intenção de fazer dessa foto um espaço de exploração e invenção de si e dos lugares, um espaço, nas palavras dos interlocutores de Pinney (2017), para “saírem melhores do que realmente são”:

“Sair melhor” em uma fotografia em Nagda é possível por meio de dois caminhos: a adoção de gestos e a disposição de figurino e adereços. Frequentemente um implica o outro. Vijay Vyas se refere a qualquer foto envolvendo um gesto com a frase em inglês “action shooting”: “action shooting ou foto-ação significa que você está com a mão de certo modo, para o alto, para mostrar o seu relógio; uma perna mais para cima que a outra. Essas são as foto-ação”. Isso se refere a um conjunto de técnicas combinadas entre o fotografado e o fotógrafo que permitem uma pose específica emergir e que pode envolver conjuntamente um gesto ou um olhar pelo sujeito e a adoção de um ângulo apropriado da câmera pelo fotógrafo. Assim, há poses de “poeta” de “filmi” (isto é, estrela de cinema), ambas requerem ângulos de câmera baixos, e a criação delas envolve uma espécie de direção teatral do fotógrafo (PINNEY, 2017, p. 326)

Portanto, no contexto pós-colonial indiano, essas fotografias aparecem como contra-narrativas, produzindo tensões no imaginário hegemônico (COLLINS, 2000). Essas bricolagens de tempos, espaços e imagens, nas palavras de Pinney, 'modos com os

quais as tradições fotográficas locais criativamente deformam as espacializações geométricas de mundos coloniais', refazem expectativas de si, potencializam futuros imaginados e direcionam olhares para além do cansaço e da 'banalidade' de um mundo atravessado pela colonialidade.

Para Pinney (2017), a fotografia é concebida como uma materialidade cuja superfície pode ser manuseada pelos sujeitos fotografados, permitindo o surgimento de novas realidades. Um tratamento que envolve texturas e manipulações táteis que estendem a mão a seus espectadores. Nas palavras do autor: “as maneiras pelas quais a superfície da imagem se torna um lugar para a auto-formação de identidades” (PINNEY, 2017, p. 331). Enquanto “espaço de exploração”, tal qual os estúdios indianos, os retratos na praia se apresentaram como articulações de interesses, meus e dos meus interlocutores. Acolhendo esses fazeres criativos fomos tecendo formas, poses e performances, produzindo narrativas e visualidades, se valendo de objetos, luzes e paisagens. Por meio da câmera, esses frequentadores do *Porto-Paredão*⁸ — banhistas, trabalhadores, donos de barracas, esportistas — produziram visualidades, construíram imagens e compuseram narrativas e representações particulares deles e do Porto.

Convocando-me ou sendo convocados para as imagens, esses performances, em larga medida, através de um tipo particular de produção pessoal simbólica — tendo a visualidade como espaço de engajamento narrativo — buscavam elaborar suas identidades na intenção de inventar a si mesmos, agenciando o Porto da Barra, o bairro e toda uma lógica simbólica de poder presente na cidade. Uma representação dominante, informada por uma desqualificação simbólica e relacional marcadamente racista — associada às camadas mais pobres, negras e periféricas — e articulada por signos como 'desordem', 'bagunça' e 'invasão', como apontada na introdução, era tensionada pelas novas representações construídas por esses sujeitos por meio de suas produções simbólicas (SAMAIN, 2003, ALCÂNTARA, 2005). *Fazendo mídia*⁹, nas palavras dos interlocutores, projetavam-se imaginários de poder e prestígio, fazendo e

⁸ Diversos foram os sujeitos que me convocaram a fotografá-los ou que foram por mim convocados. Quase sempre eu estava com a câmera em mãos, especialmente aos domingos, e, em grande medida, os principais fotografados eram banhistas que frequentavam a praia nesse dia. Na maioria das vezes, esses sujeitos buscavam, a partir da câmera, performar suas imagens, repetindo os gestos e os cliques até se sentirem “bonitos o suficiente” para colocar essa imagem no mundo, especialmente por meio das redes sociais. Normalmente, as fotografias eram feitas com a intenção de circular nesses espaços. Por isso, a noção de produção pessoal simbólica se apresenta como chave para pensar essas imagens. Em alguns casos, as fotografias também se tornaram lembranças materiais, desejos de guardar certas memórias. Para isso, foi necessário imprimi-las e entregá-las aos fotografados. As imagens foram sempre devolvidas aos sujeitos da pesquisa e seu uso no corpo desta dissertação foi previamente negociado.

⁹ Esse conceito será melhor elaborado no decorrer da dissertação.

refazendo imagens de si mediante lógicas próprias, modos particulares de ser e estar na praia.

A ideia, diante da feitura dos registros, era acionar o poder pessoal e performático dos fotografados. Buscou-se menos a revelação da alteridade em si — reificando sujeitos no distanciamento do fotografado — e mais a invenção/produção dessa alteridade através do acomodamento, na imagem, das agências do sujeitos — minha e da câmera no espaço-tempo da praia, faixa de areia, e outros espaços ao redor. O intuito aqui seria o de provocar tensões na representação narrativa hegemônica do “outro”, ou seja, um “outro” negro e periférico, vinda de certos contextos soteropolitanos. Como aponta Collins (2000), essas narrativas dominantes são frequentemente baseadas em estereótipos desqualificadores, construindo uma representação que perpetua a opressão e a marginalização das camadas mais pobres, negras e periféricas (ALCÂNTARA, 2005). Refazer esse quadro representacional, para a autora, significa investir na composição coletiva de contra-narrativas que desafiem os padrões estabelecidos por meio da criação de novas visualidades e formas de representação (COLLINS, 2000).

A meu ver, pude pensar as imagens de duas maneiras: tanto como elemento constitutivo da pesquisa — por sua capacidade particular de refletir, recortar, apresentar e se aproximar do/no campo — quanto como espaço de experimentação simbólica pessoal, a partir do acolhimento dos desígnios criativos de meus interlocutores na conformação de imagens de si (PINNEY, 1996; SAMAIN, 2003). Ao incorporar esses interesses na feitura das imagens, as fotografias passaram a assumir contornos que extrapolam a dissertação, compondo a vida, as relações e os modos de apresentação daqueles com quem estabeleci vínculo no campo. Muitas tornaram-se fotos de perfil em redes sociais, porta-retratos, memórias familiares, mediadoras de vínculos com filhos, mães ou namoradas. Afinal, entreguei-as — em formato impresso ou digital — a todos aqueles que atravessaram, e que também atravessei, de algum modo, ao longo do caminho.

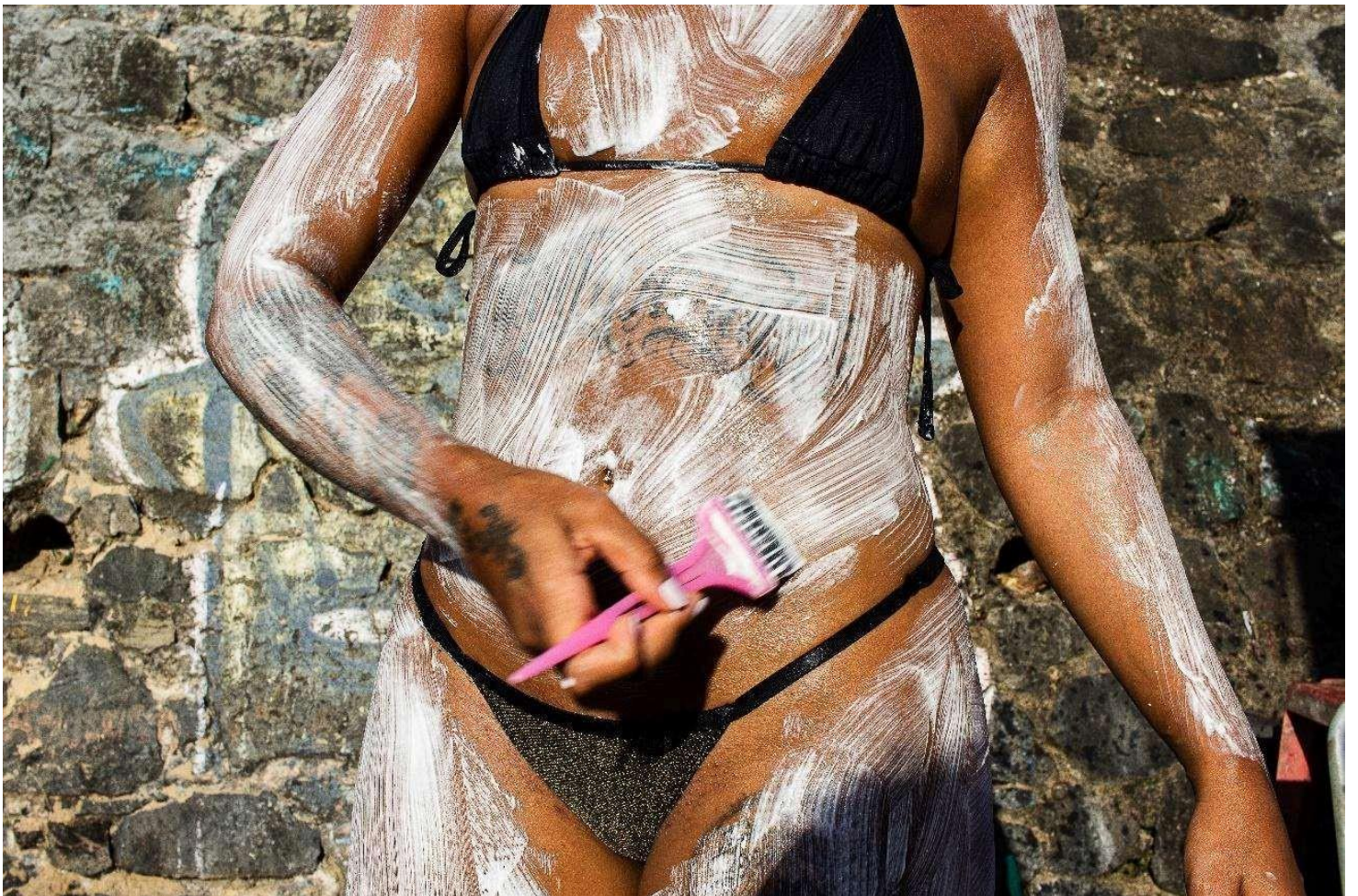
Sendo assim, não espere somente os meus “interesses de pesquisa” materializados em imagens, os cortes e recortes “científicos” necessários no uso das fotografias em uma pesquisa etnográfica. As visualidades aqui propostas servem a múltiplos fins. Para além de explorar os modos de feitura do Porto da Barra e do Porto-Paredão — objetivos centrais desta dissertação —, esta exposição, neste momento do texto, se apresenta como um produto de encontro, uma articulação de interesses entre um pesquisador e os

diversos sujeitos que fazem do Porto seu lugar de lazer e trabalho. Os convites para fotografar aniversários, churrascos, filhos e namorados, amigos, retratos familiares, estão todos presentes na exposição. Esses eram os interesses de meus interlocutores, e suas próprias agências me conduziram a fazer essas fotos. Sendo assim, como retirá-las da pesquisa? Em nome de quê? Embaralharemos, portanto, os sentidos e construiremos, ao longo desta etnografia, novos caminhos, novas redes de significado, novos Portos da Barra. Com sorte, em nossos juízos, não estarão apenas o Porto-Paredão e suas redes — algo que prometo tentar lhe apresentar —, mas sim um novo Porto, aquele percebido e sentido por você em contato com a dissertação — seu Porto da Barra.

VISUALIDADES EM CENA: IMAGENS DE SI, PRÁTICAS E PERFORMANCE NO PORTO DA BARRA.¹⁰

¹⁰ Todas as imagens apresentadas neste capítulo são de minha autoria, realizadas com o consentimento expresso das pessoas fotografadas. As fotografias foram produzidas entre os anos de 2023 e 2025, no contexto da presente pesquisa e integram a proposta expositiva desenvolvida pelo autor

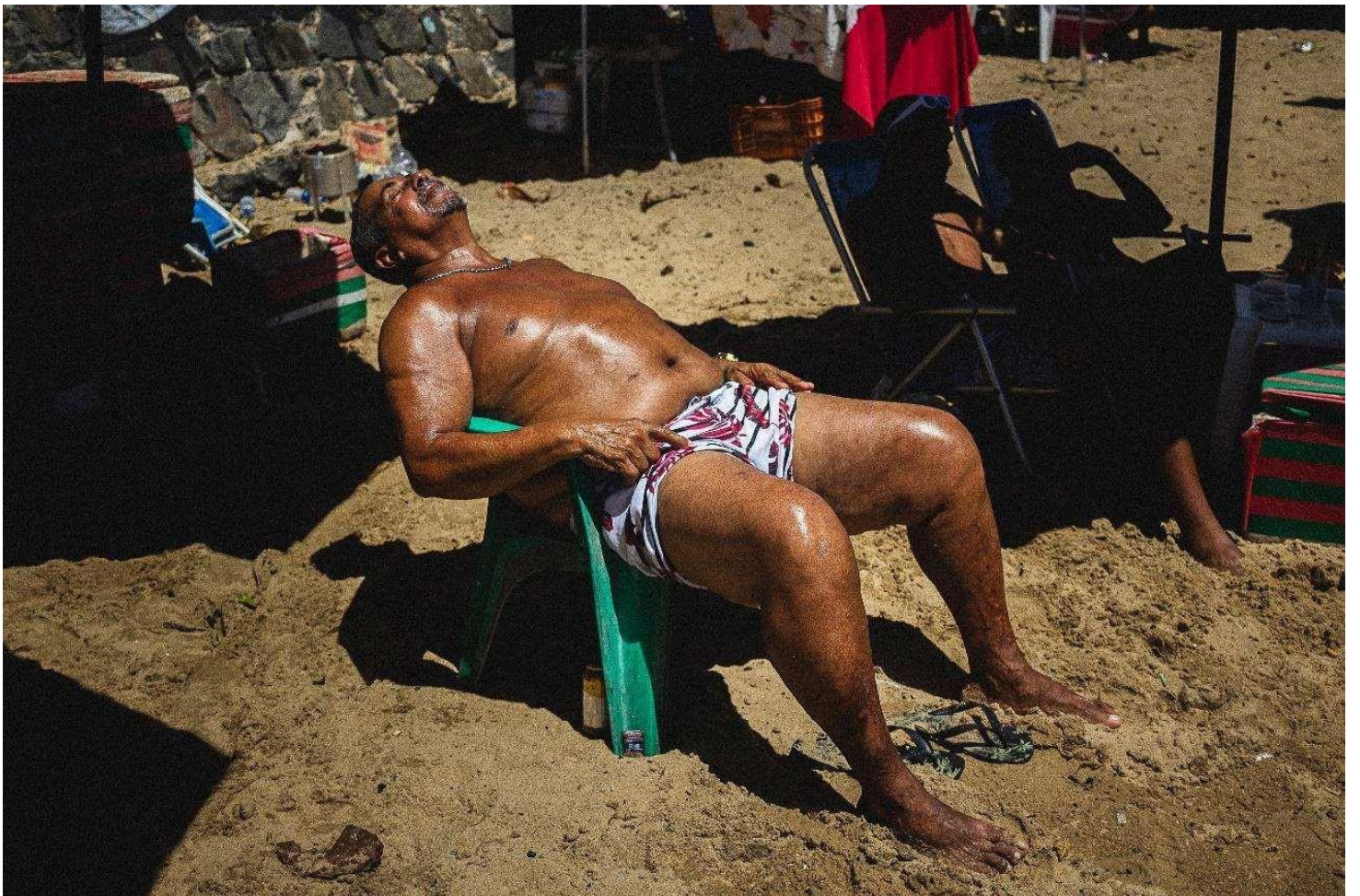
O PORTO-PAREDÃO

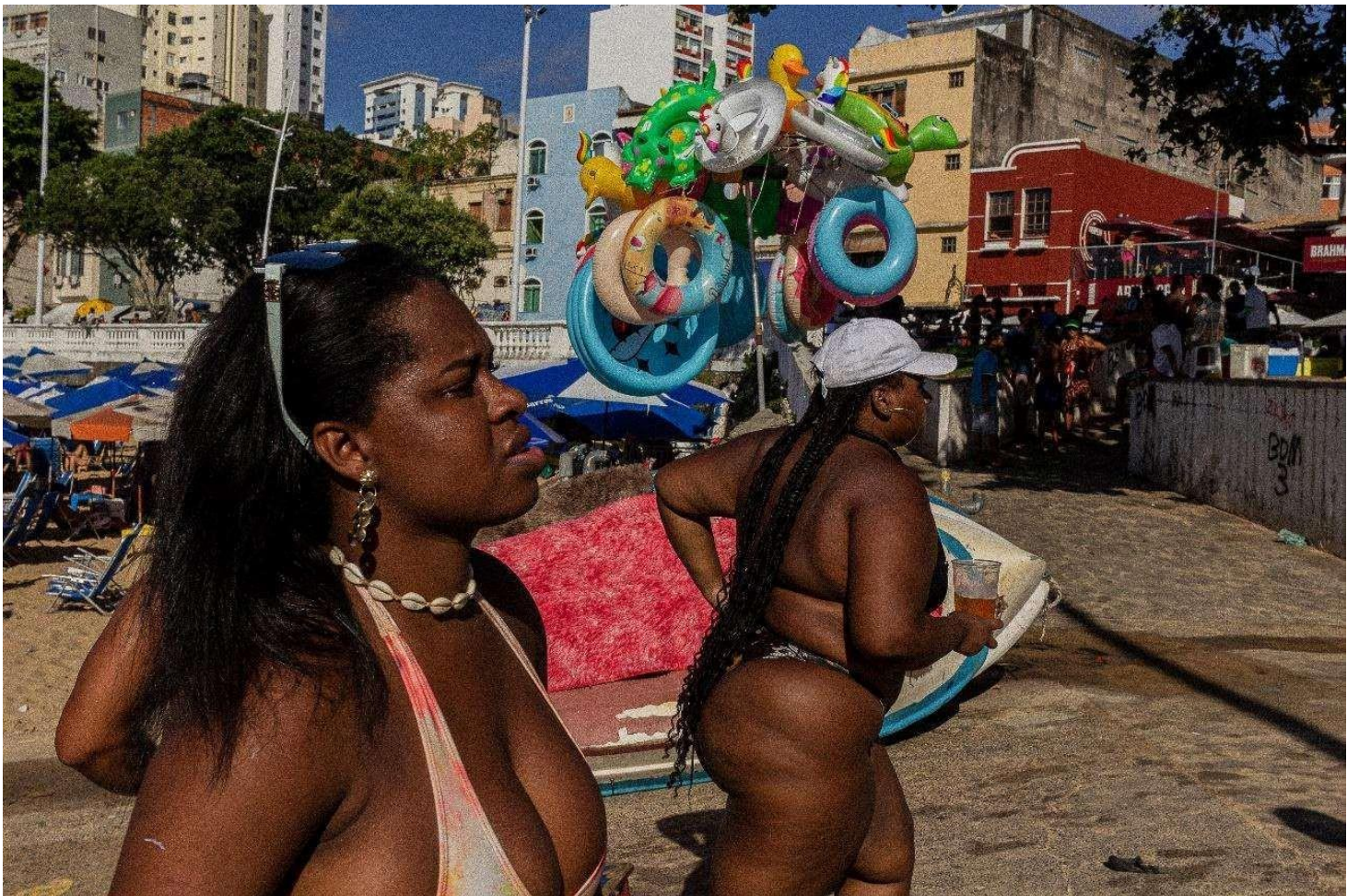






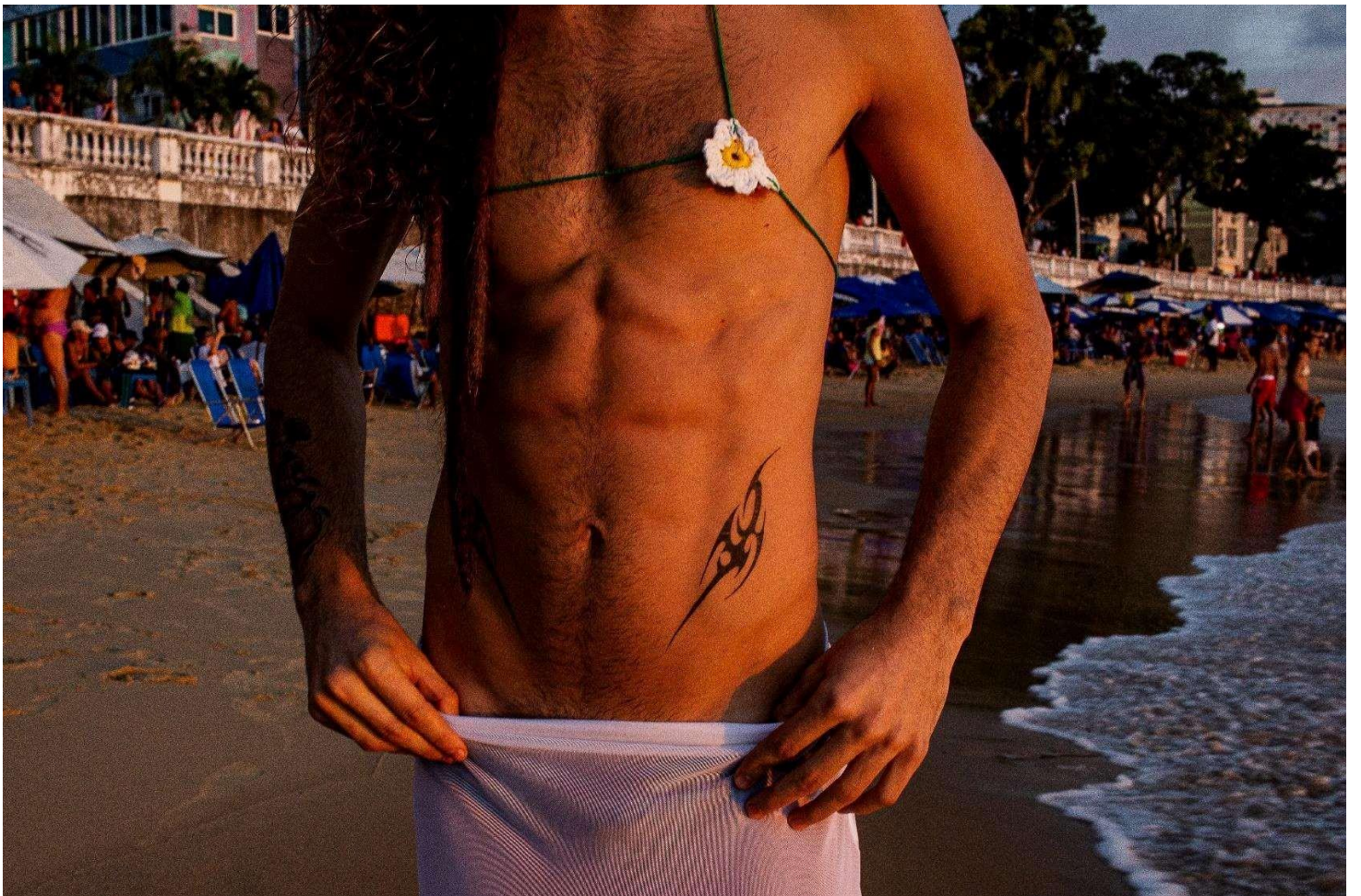
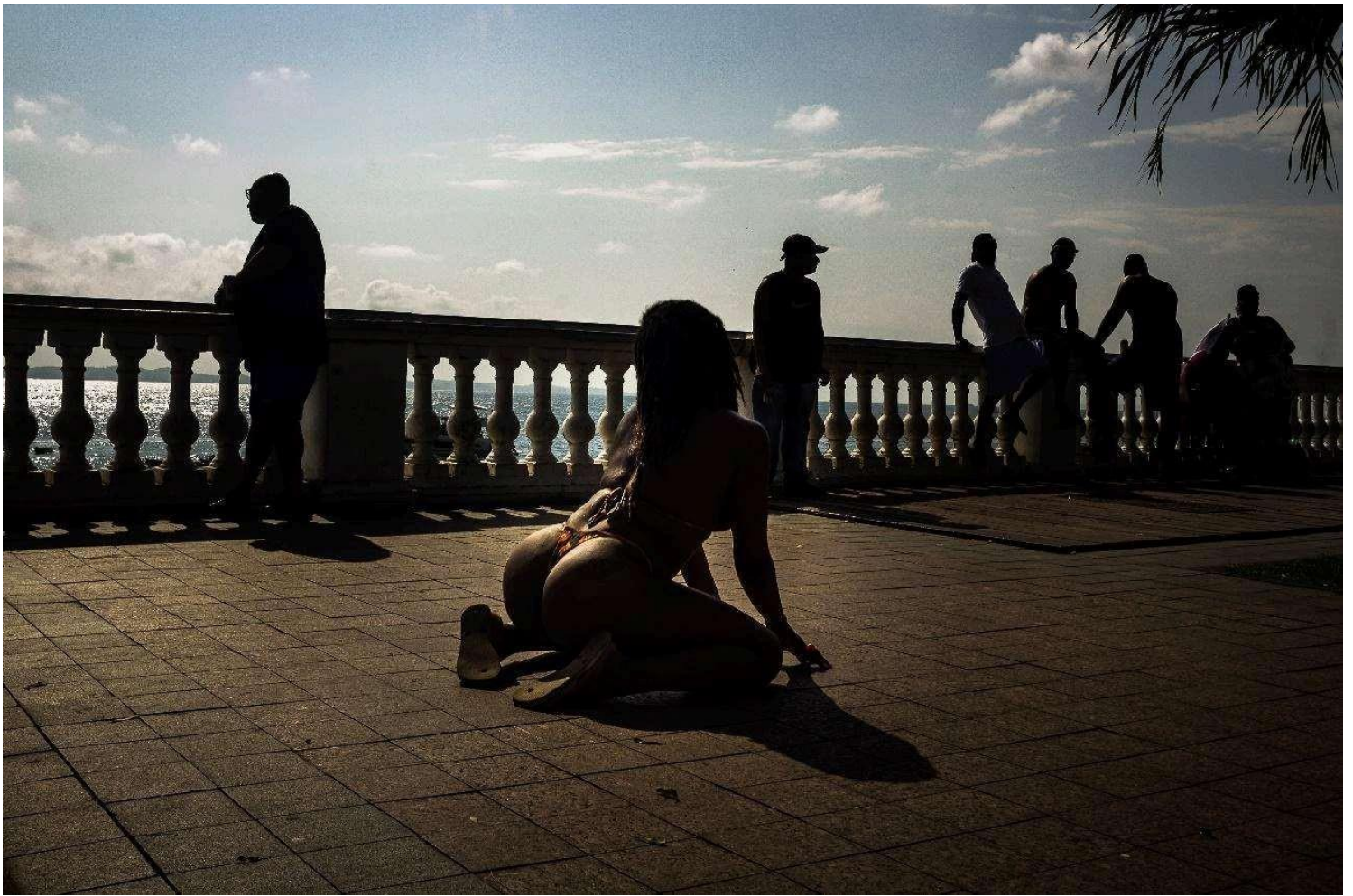






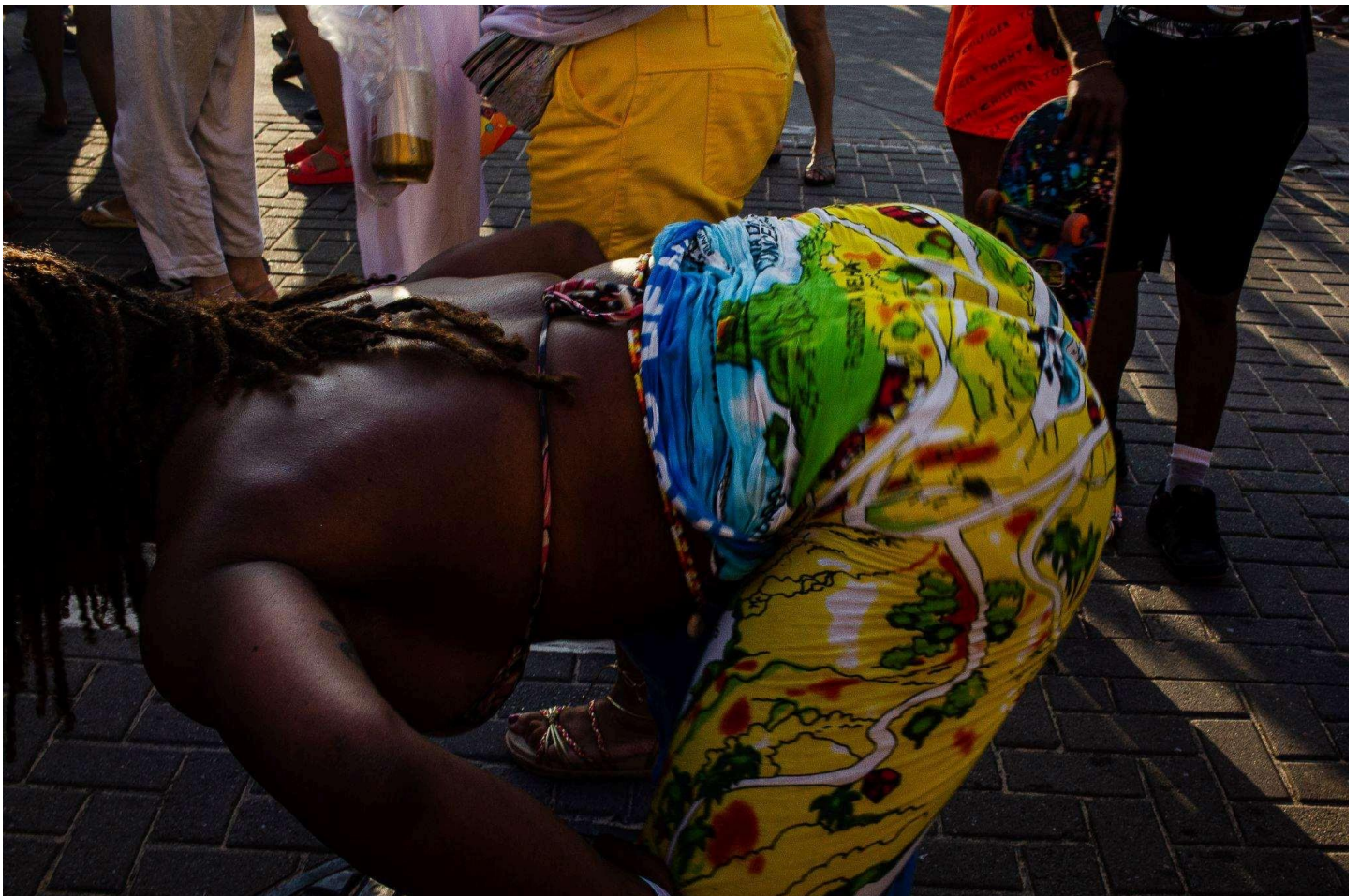


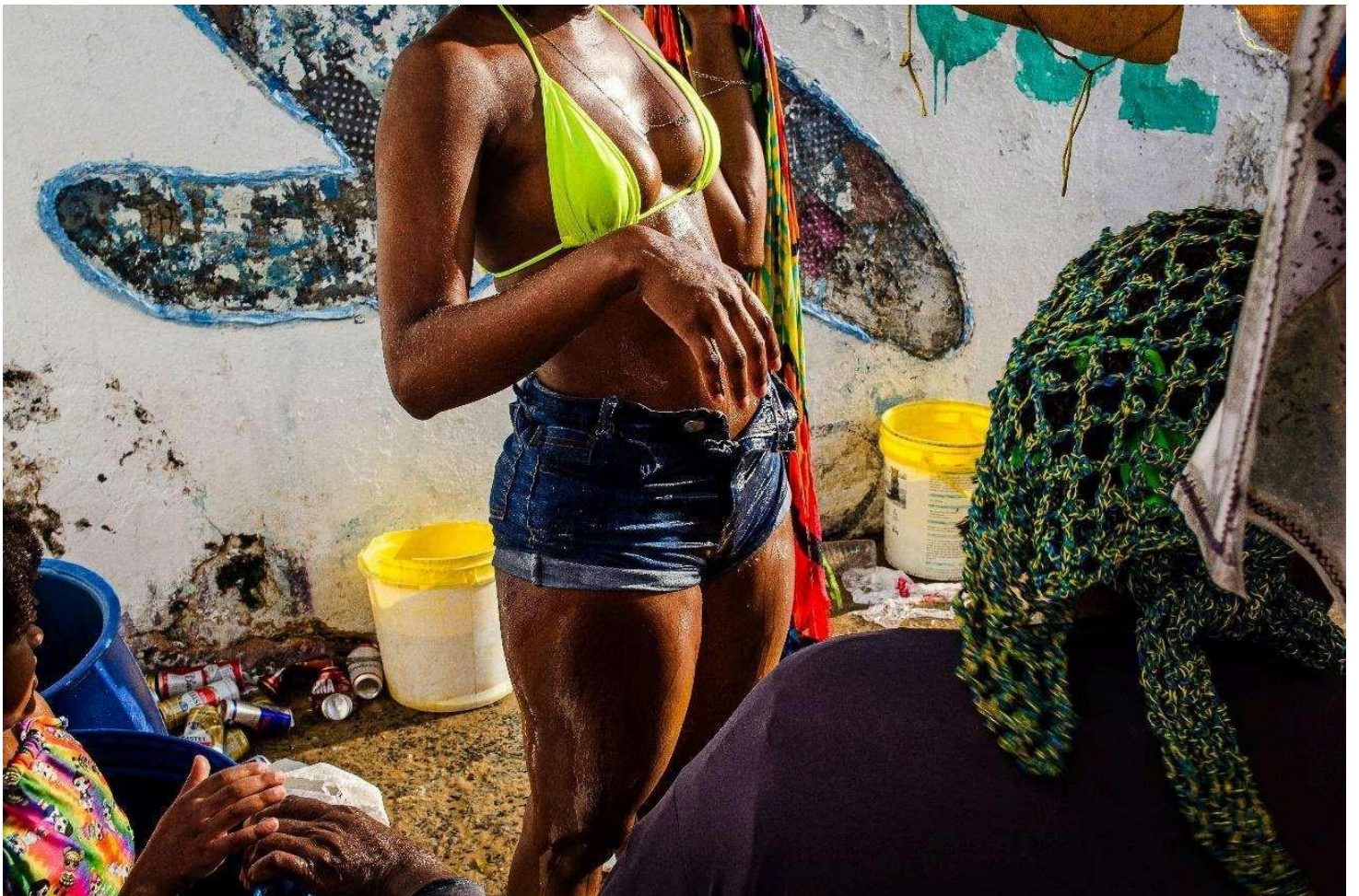




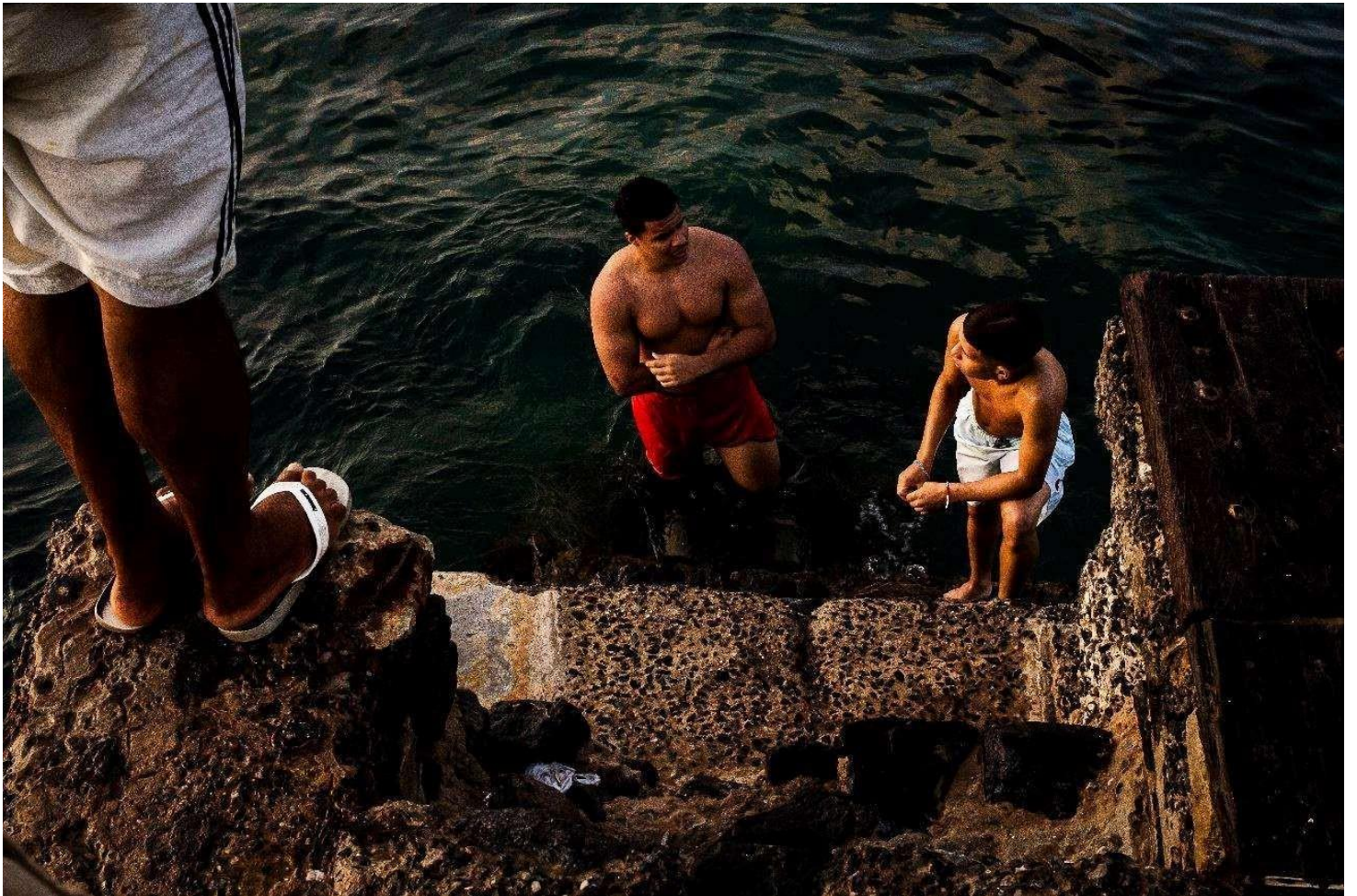
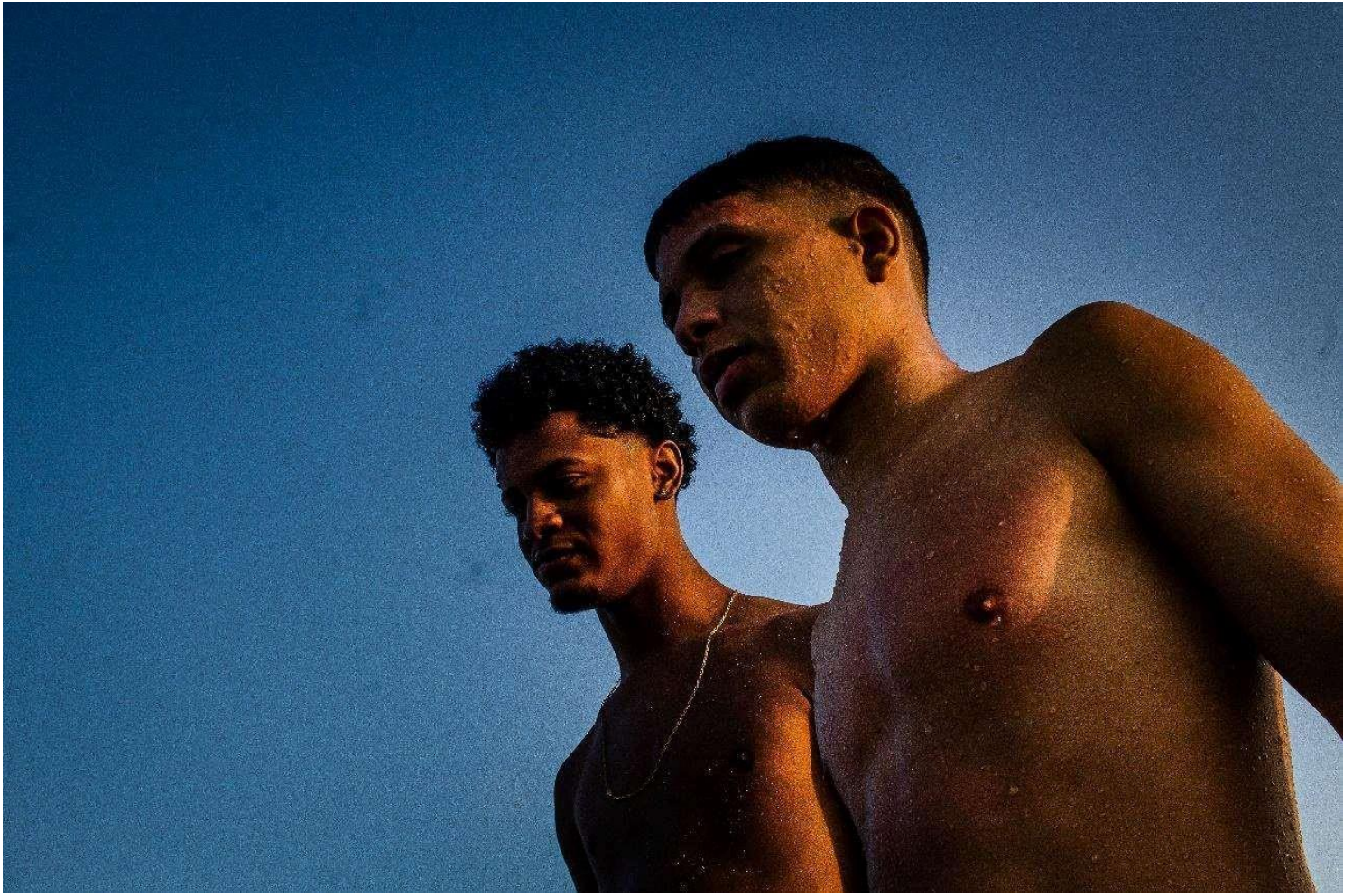


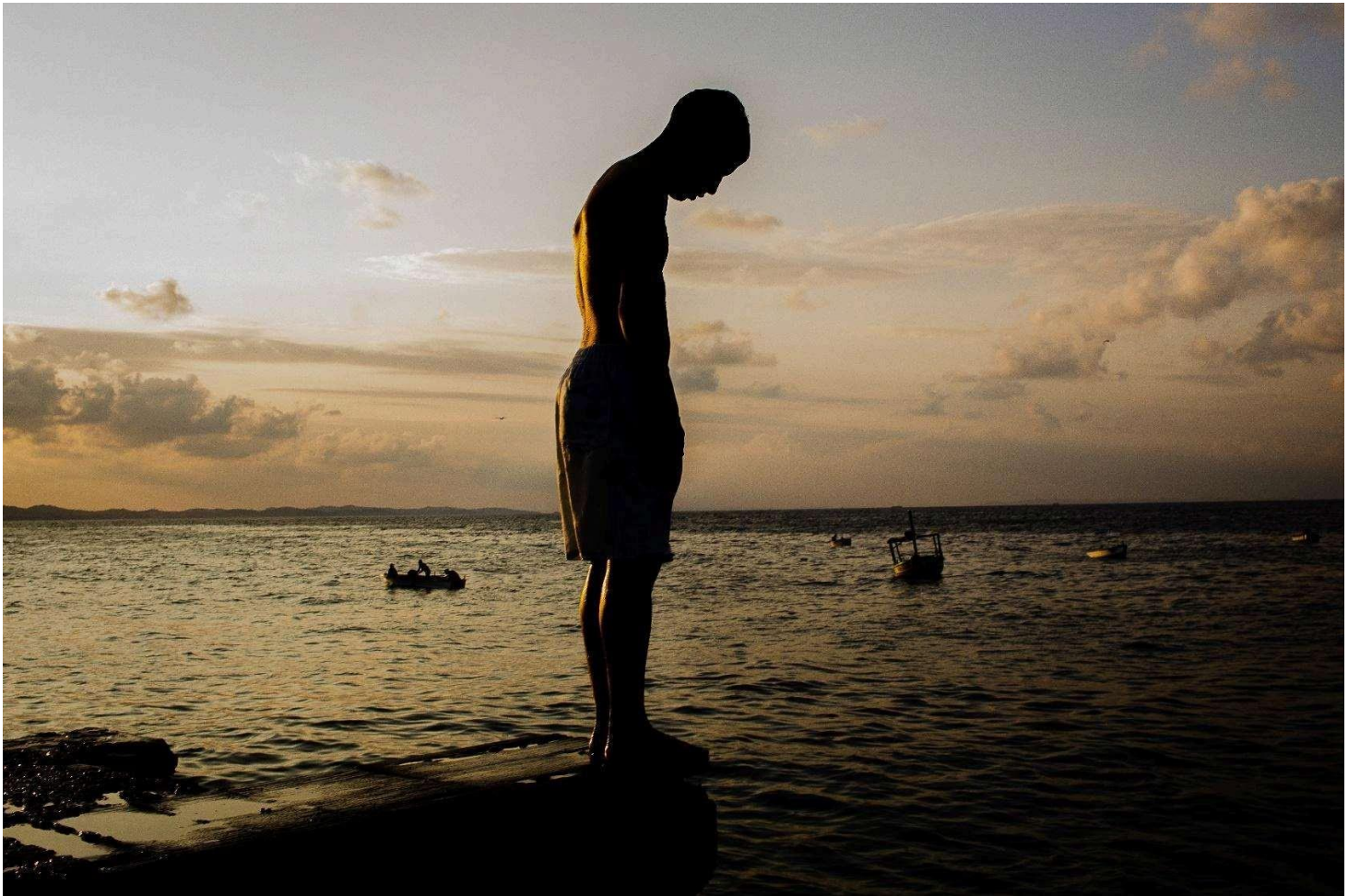






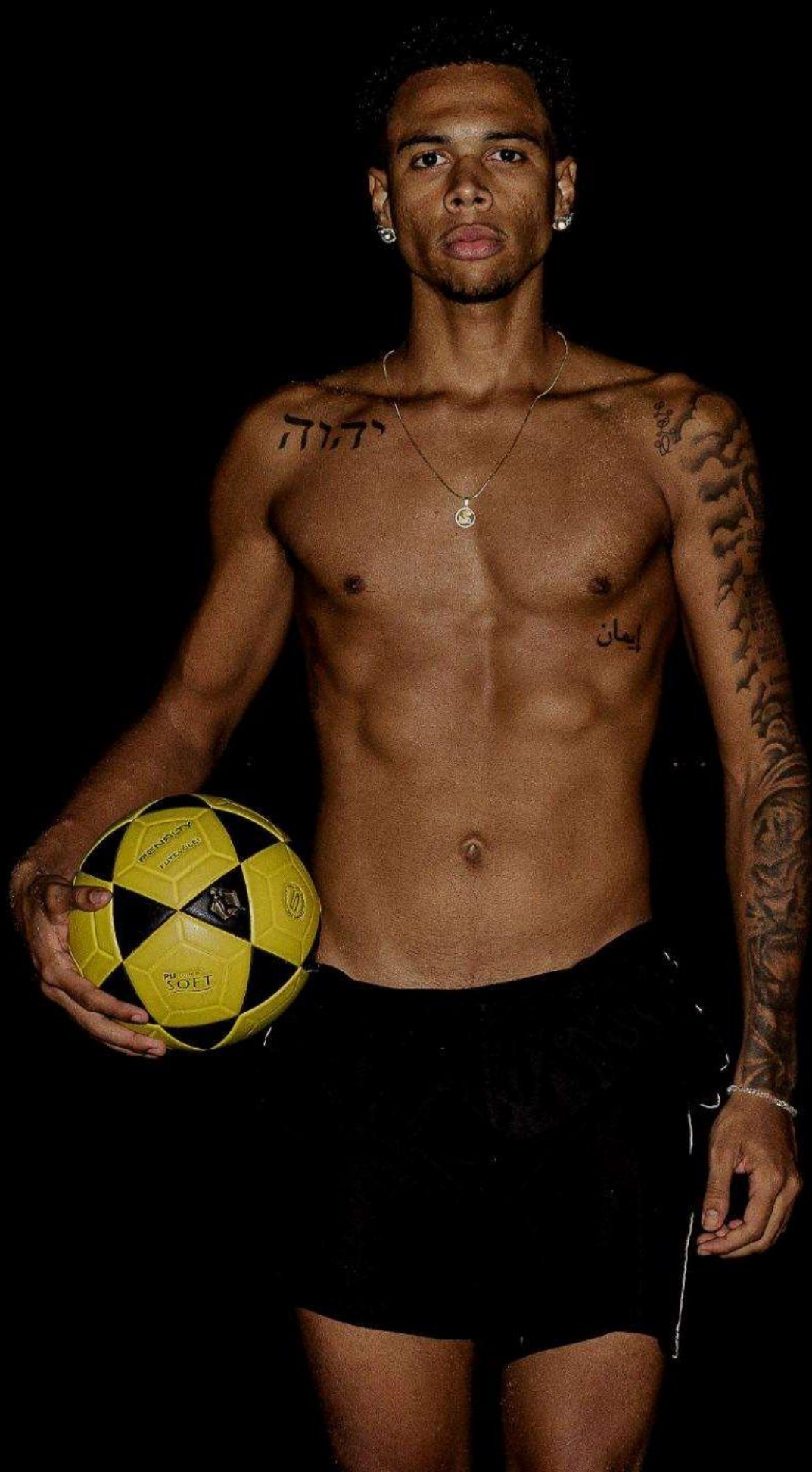






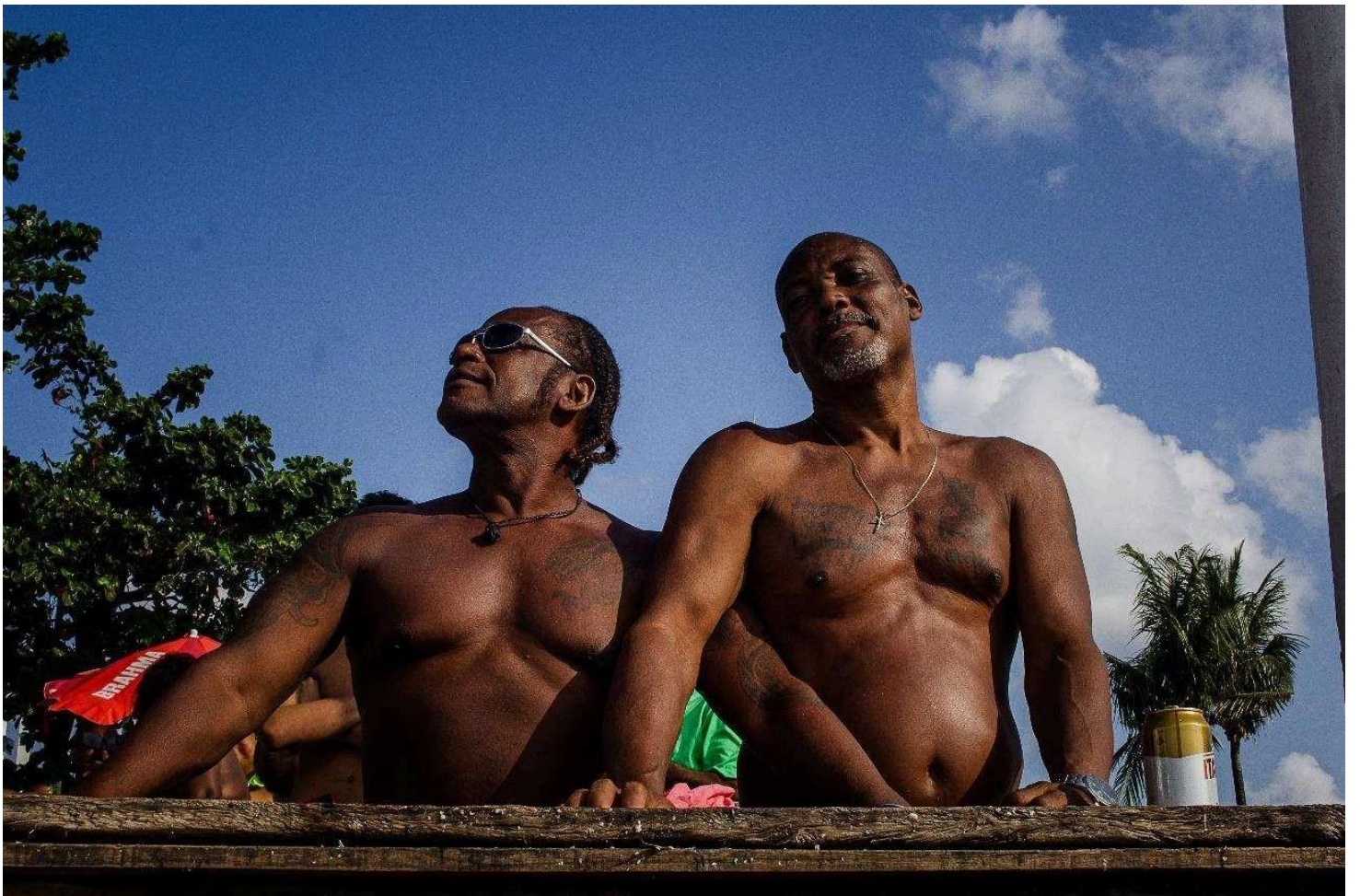


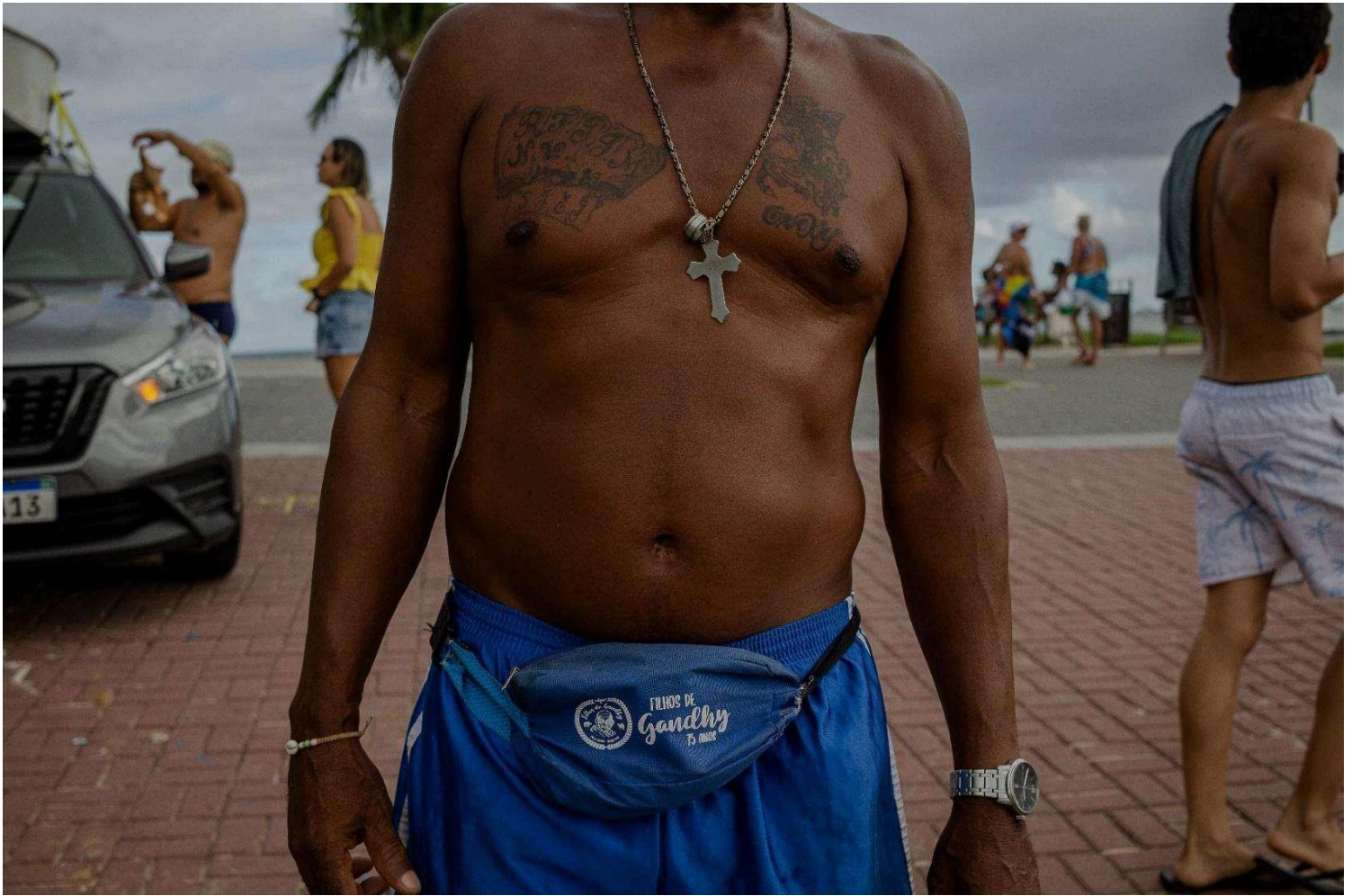






A COLÔNIA DE PESCADORES

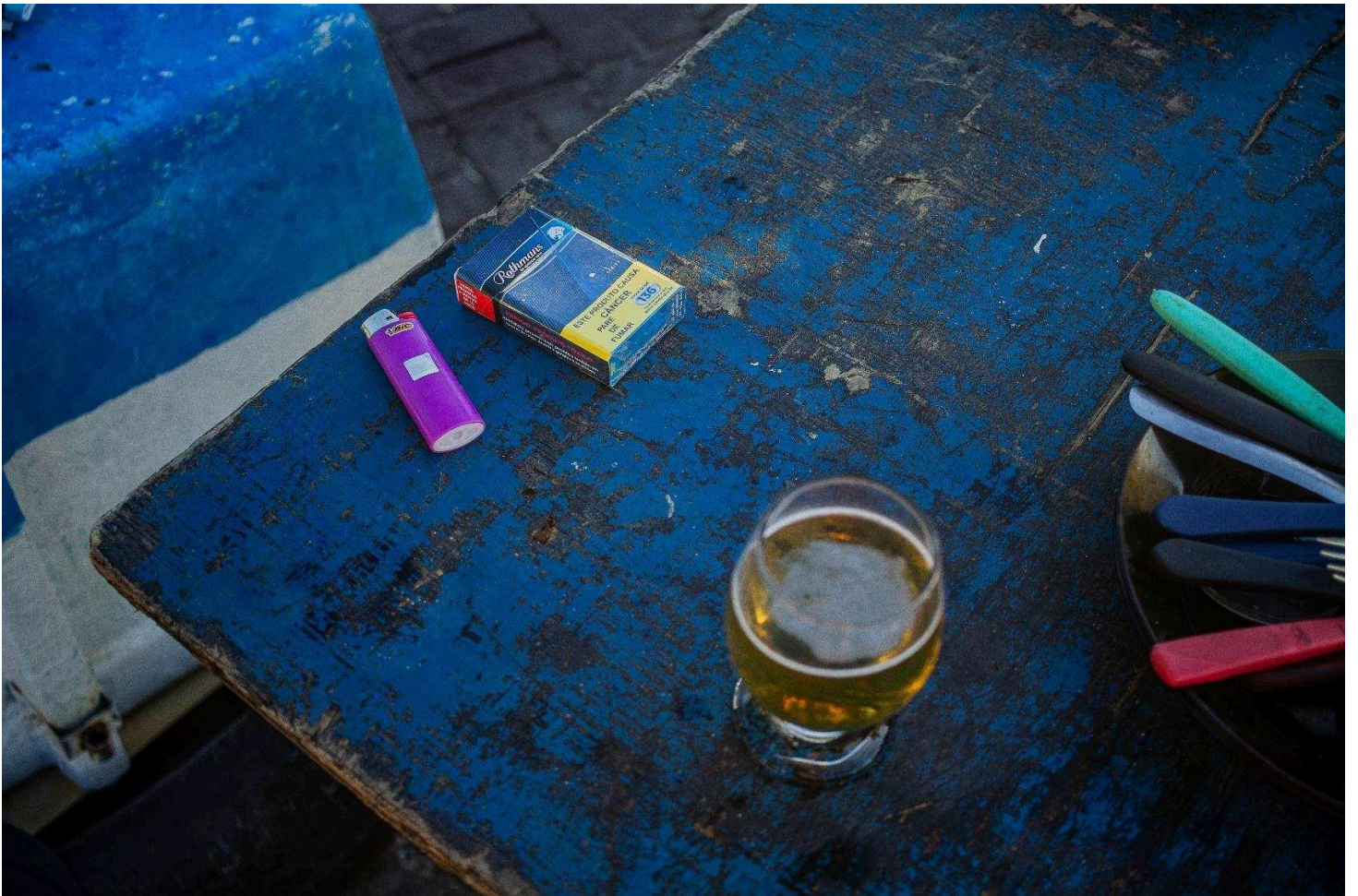








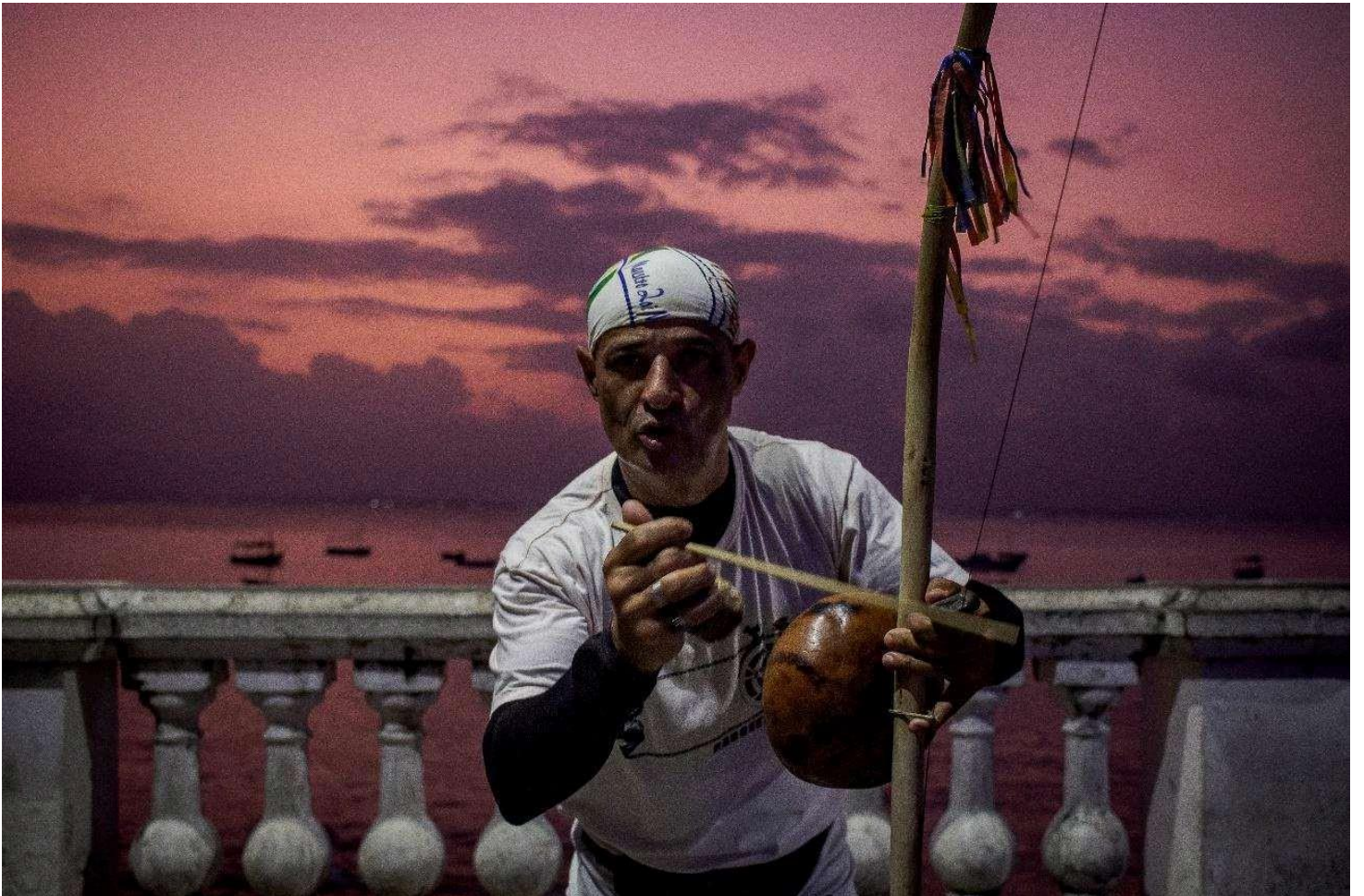
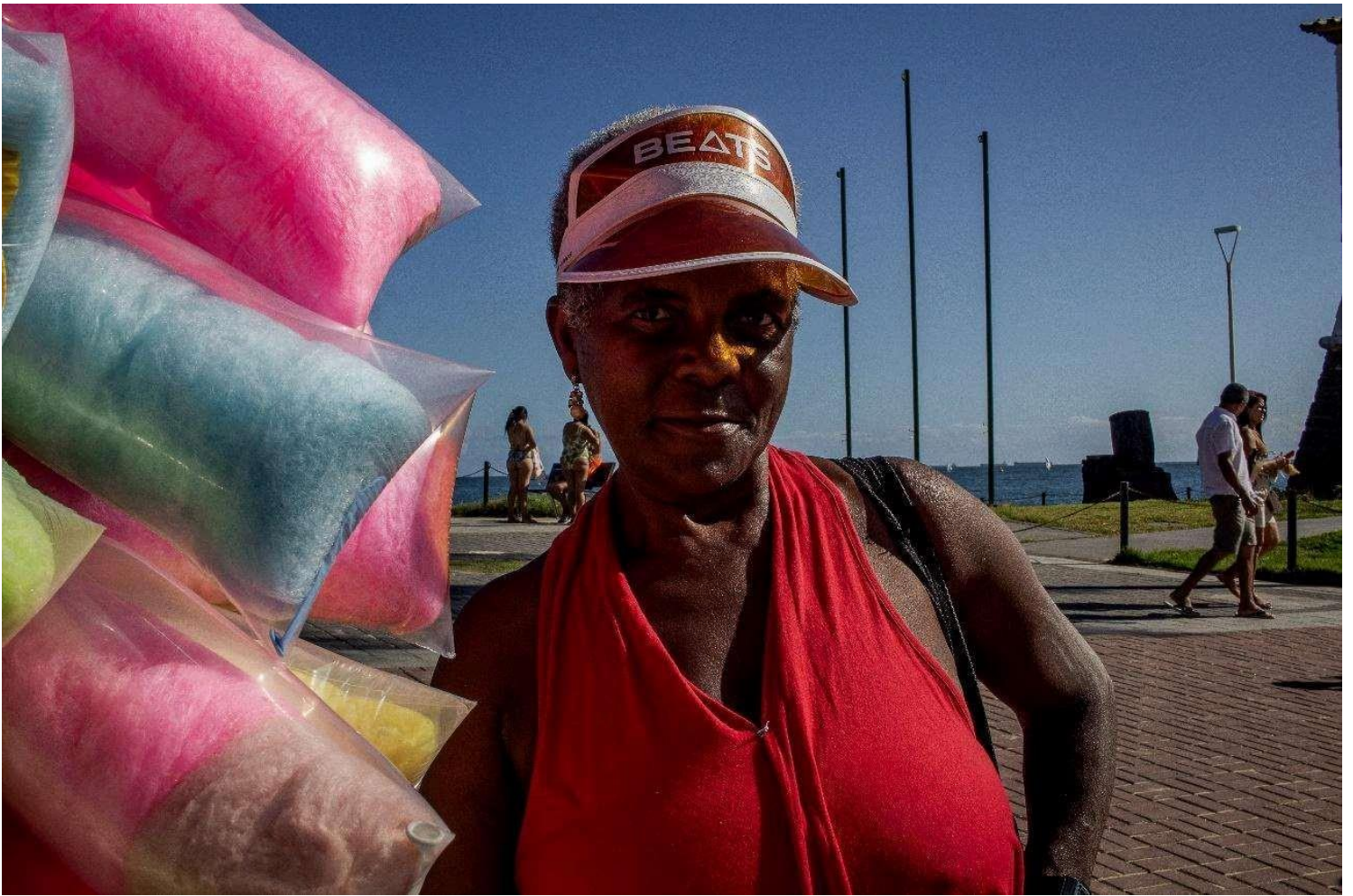




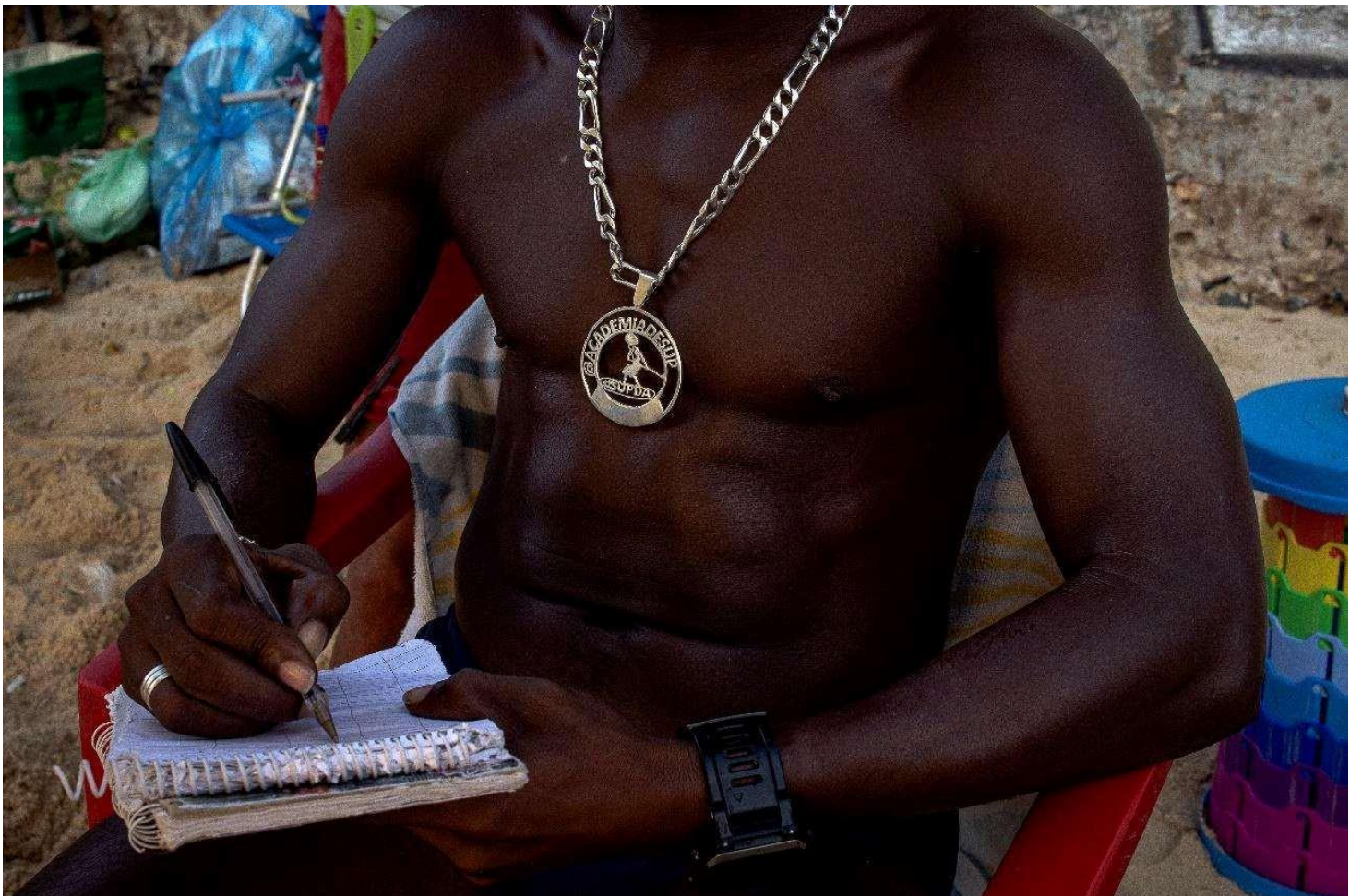


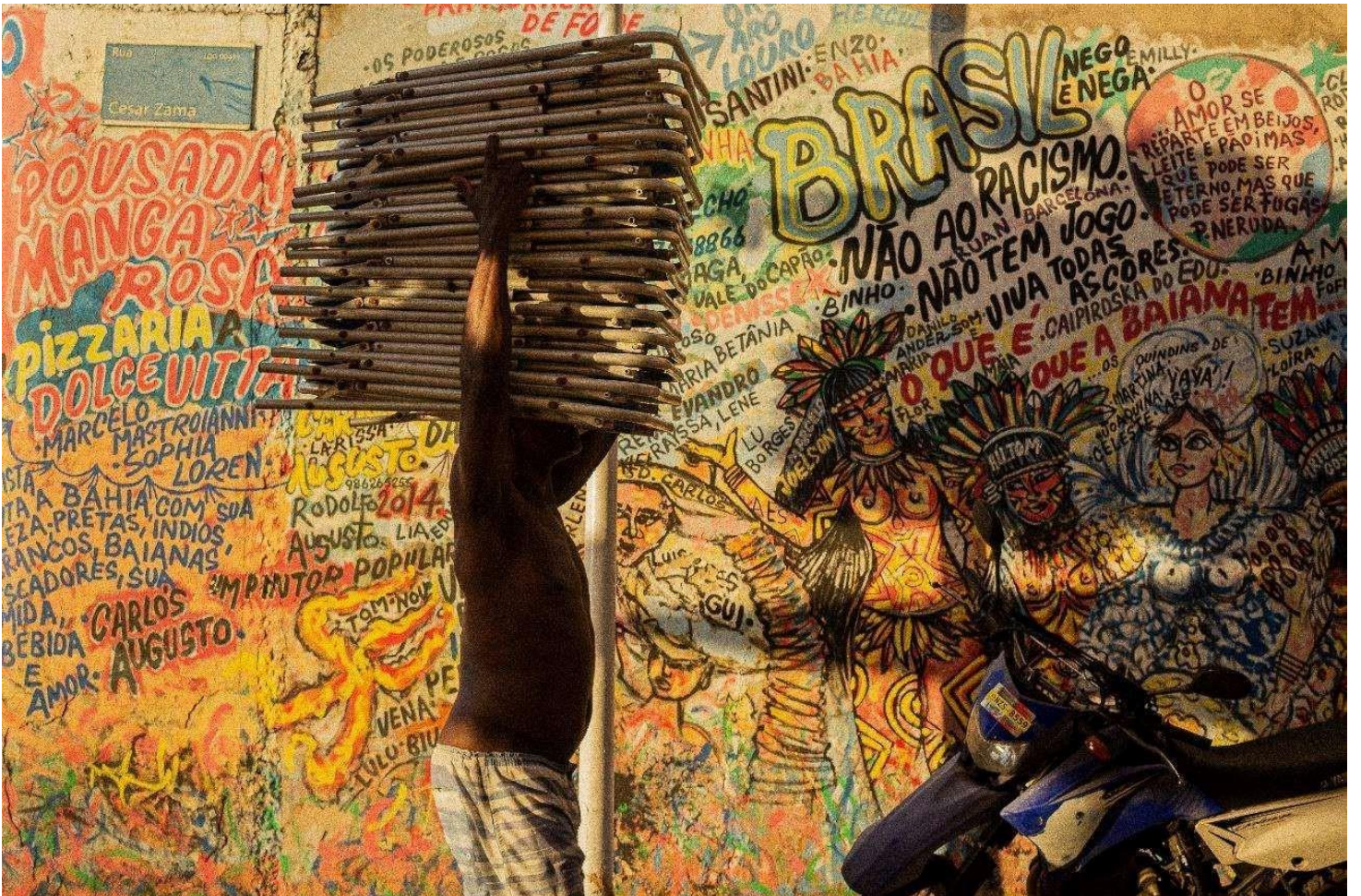
OS TRABALHADORES









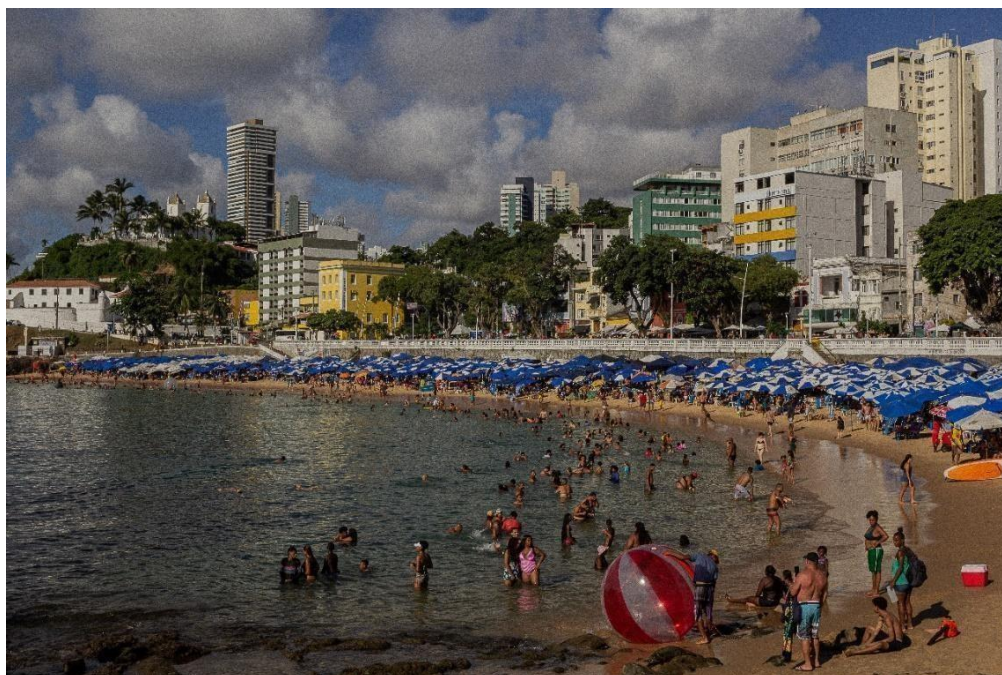




CAPÍTULO 2 — A *PARAFERNÁLIA*¹¹ EM RELANCE: GANHANDO A VIDA EM MEIO A BRECHAS, INVENTOS E MUITO SUOR.

Neste segundo capítulo, debruço-me, inicialmente, sobre o bairro da Barra, sua história e os indicadores sociais que o atravessam, trazendo dados censitários e reflexões sobre as transformações urbanas que marcaram a cidade de Salvador, especialmente no século XX. Em um segundo momento, apresento os trabalhadores que compõem o Porto da Barra e seus modos de fazer o trabalho, seus inventos e estratégias para ganhar dinheiro, criar redes de relações e, em última análise, engajar-se em formas de ser no mundo. Faço isso a partir de retratos fotográficos de meus interlocutores, entrevistas informais, falas e lembranças de meus muitos momentos em campo com eles.

TATEANDO AS ÁGUAS DO PORTO — A PRAIA, A BARRA E A CIDADE DO SALVADOR



O Porto visto do Forte Santa Maria. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia

¹¹ Esse termo surgiu em uma conversa com Miau, um dos meus interlocutores centrais, após minhas explicações sobre os objetivos da pesquisa. Ele comentou: “Tu vai estudar essa parafernália?”. A expressão me chamou atenção e acabou se tornando o nome que escolhi para um dos capítulos. Considerando seu significado — um conjunto de objetos, instrumentos, equipamentos ou acessórios, especialmente quando numerosos —, o termo me pareceu adequado para dar conta da multiplicidade de materialidades que compõem o Porto da Barra.

A praia do Porto da Barra é considerada um cartão-postal da cidade de Salvador, na Bahia. Sua enseada, em formato côncavo, possui cerca de seiscentos metros de extensão de areia. Fechando-a, de um lado está o Forte de Santa Maria e, do outro, o Forte de São Diogo, fortificações coloniais portuguesas do século XVII. Ao seu redor, na Avenida Sete de Setembro, inúmeros bares, distribuidoras de bebidas, casas de câmbio, restaurantes, hotéis e hostels compõem um dos principais calçadões da cidade. Turistas a visitam, soteropolitanos a elegem como lugar preferido, e o Estado investe em sua revitalização, buscando promovê-la como destino turístico nacional e internacional. Desde bares baratos, como o famoso Bar das Putas, até restaurantes “para turistas” ou “para ricos”, com preços elevados, estão presentes nesse calçadão. Há também inúmeros vendedores ambulantes, oferecendo uma variedade de produtos e alimentando uma rede de objetos e artefatos voltados à promoção do prazer que ali se engendra.

Desse calçadão, repleto de banhistas, bares e vendedores ambulantes, descem três escadas e uma rampa que nos conduzem, enfim, à enseada côncava de seiscentos metros. Ao fundo, após a descida, uma parede delimita a faixa de areia.¹² Encostados na parede, os donos das inúmeras barracas de praia que ocupam essa faixa de areia montam, com a ajuda de carregadores e garçons, os seus “escritórios”¹³ e, a partir dali, organizam a extensão de suas barracas sobre a areia, tendo como referencial a própria parede de pedras, marcada por insígnias, pinturas e pichações. Monta-se, então, o festival de cadeiras e sombreiros azuis, que se emaranham com stand-ups, caiaques, piscinas infláveis, carrinhos com chapas para churrasquinho, fogareiros para assar queijo coalho e muitos vendedores ambulantes — todos amotinados, uns muito próximos dos outros. Esse é o Porto da Barra que se apronta para receber gente e mais gente.¹⁴

¹² A depender da maré, essa faixa de areia se torna bastante curta, e as ondas podem se encontrar com esse paredão.

¹³ Espaço onde os donos de barracas atendem seus clientes, na faixa de areia, e guardam seus materiais.

¹⁴ Em março de 2025, após a redação desta dissertação, ocorreram mudanças nos modos de organização da praia do Porto da Barra. A repercussão de um vídeo viral gravado por um turista mineiro, que denunciava a falta de espaço na areia devido à antecipada disposição de cadeiras pelas barracas, levou a Secretaria Municipal de Ordem Pública (SEMOP) a estabelecer novas regras para o uso da faixa de areia. As principais mudanças incluem a limitação de até 20 cadeiras por barraca, a exigência de que essas cadeiras sejam colocadas apenas mediante solicitação dos banhistas, e não mais antecipadamente, além da delimitação do espaço de atuação de cada permissionário, da padronização dos equipamentos utilizados e da regularização fiscal obrigatória dos trabalhadores. As novas diretrizes, embora tenham provocado protestos entre os trabalhadores da praia, especialmente ambulantes e barraqueiros, foram bem recebidas por parte da população soteropolitana e vêm sendo acompanhadas por fiscalização mais intensa. Até o momento em que esta nota é escrita, seguem sendo cumpridas. Cabe observar como essas mudanças irão reorganizar os modos de lazer, as práticas de trabalho e a ocupação da praia, que são justamente alguns dos elementos centrais discutidos ao longo desta pesquisa.



Garçom correndo entre as cadeiras e sombreiros das barracas. Inserir local, mês, dia da semana, autoria da fotografia e ano. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia.

A praia se situa no bairro da Barra, local central nas transformações da cidade de Salvador. Ao longo do século XX, o bairro que recebeu a esquadra portuguesa de Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, conformou-se, com significativo investimento estatal, como um cobiçado espaço residencial de uma elite urbana que começava a se delinear na cidade (AZEVEDO, 1988). Em razão da novidade de uma República que mobilizava ideias particulares de “civilização” e “modernidade”, a Barra transformou-se em palco de grandes reformas urbanas, tendo como espelho a cidade de Paris e o modelo haussmanniano. Alargaram-se vias, construíram-se jardins, balaustradas e passeios com pedras portuguesas. Nesse conjunto de reformas, a Avenida Sete de Setembro foi construída como via de ligação entre o novo bairro e o centro da cidade, inaugurando um eixo de crescimento litorâneo que marcaria a Salvador do século XX. As obras seguiam “ideais modernos” que articulavam desejos de salubridade e embelezamento, com forte presença do mar na conformação desse imaginário — acompanhando, em larga medida, as novas práticas e costumes que estavam em voga na Europa.

Nesse contexto, a praia do Porto da Barra apresentava-se como lócus de invenção e reinvenção de práticas e valores da elite que ali se assentava no início do século XX. Era, sem dúvida, um elemento central na conformação de todo um universo de significados relacionados aos usos do espaço público e às suas formas de distinção social, às preocupações com a saúde do corpo e da mente, à importância do contato com

a natureza e à conformação de um iniciante circuito de lazer praiano. Fonte tanto de saúde quanto de lazer, entrelaçando ludicidade e salubridade, o Porto constituía um espaço de construção e manutenção de uma identidade burguesa branca, cujos valores e costumes estavam fortemente ancorados no disciplinamento do corpo e do comportamento. Como aponta Azevedo (1988), nesse período inicial do século, a Barra torna-se um microterritório de moda na cidade de Salvador, repleto de lojas de grife e salões de beleza, chegando a ser considerada uma “copacabanazinha baiana”.

Muitas águas rolaram — e ainda rolam — desde então até hoje. Os biquínis surgem como elementos centrais na contestação de uma moral pudica sobre o corpo, sinalizando a emergência de uma vocação transgressora nas areias (HUGUENIN, 2019). Para Azevedo (1988), introduziam-se, gradativamente, mudanças nos costumes referentes ao uso dos espaços das praias, com novos hábitos, valores e vestimentas. Essas perturbações culminariam, mais tarde, no movimento hippie e em toda sua agenda de contestação moral e invenção de outros modos de ser e estar. O Porto da Barra torna-se, então, a praia de Caetano Veloso, Gal Costa e Gilberto Gil, iniciando seu processo de popularização. Afluem para as areias novos atores, com novos modos de fazer praia, tensionando a hegemonia de uma velha elite, embora ainda com forte recorte de classe e raça.

No decorrer dos anos, o bairro manteve-se como “área nobre” (Censo de 2010) da cidade de Salvador, predominantemente branco e com altos graus de escolaridade e renda, apesar de outros eixos de crescimento levarem elites emergentes para condomínios fechados e áreas afastadas do centro (MOREIRA DE CARVALHO, 2015). Contudo, a partir dos anos 1990, a praia do Porto da Barra consolidou-se como um espaço popular. Como aponta Paz (2007), essa popularização está associada ao desenvolvimento do sistema de transporte público da cidade, que facilitou o acesso à praia. Soma-se a isso o esforço estatal na conformação de um imaginário voltado a fortalecer a imagem de Salvador como destino turístico, tendo a praia do Porto e o bairro da Barra como pontos centrais dessa construção. Inúmeras requalificações e intervenções públicas foram empreendidas, e o Porto tornou-se palco de importantes eventos festivos, como o Carnaval, além de destaque nos roteiros e guias de viagem da cidade.

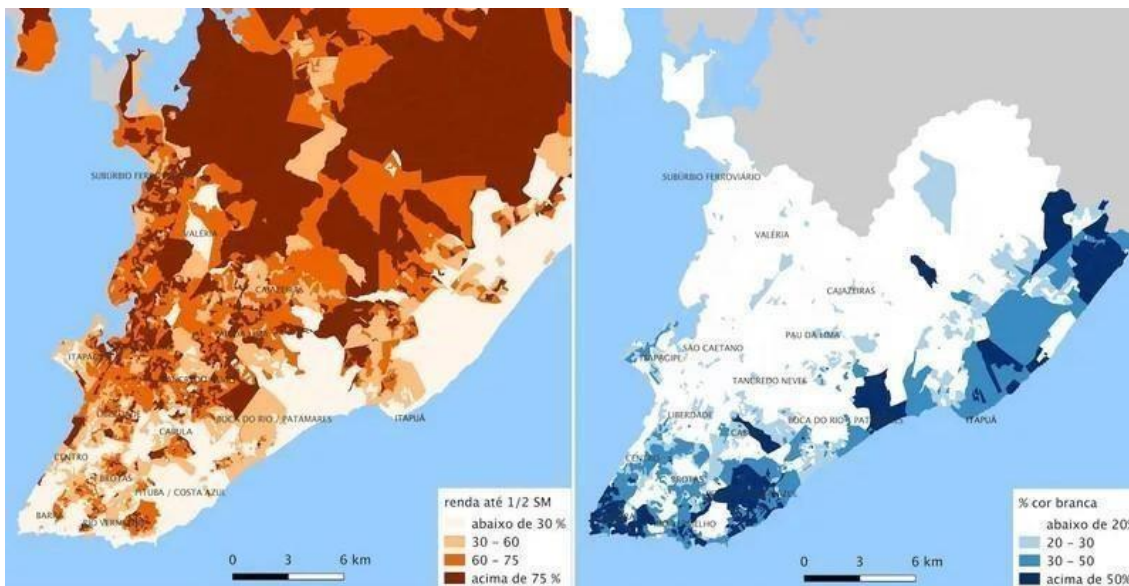
Essa novidade atravessaria os moradores da Barra: sua principal praia, antes lugar de “hippies e ricos”, passou a receber fluxos de populações periféricas da cidade

de Salvador, interessadas, elas também, no cartão-postal da Bahia. Novos modos de fazer praia emergem dessa tessitura, e o entrelaço entre moradores e pessoas chamadas de invasores — nas palavras de alguns de meus interlocutores — produz conflitos e discursos, expostos em associações de moradores do bairro, à luz de um desejo nostálgico. Formam-se outras temporalidades e espacialidades, contornos particulares, redes de relações e significados, inúmeras associações, novos desejos e valores.

No livro *Reforma Urbana e Direito à Cidade* (2022), o Observatório das Metrôpoles apresenta o bairro da Barra da seguinte forma: tradicional, de renda mais elevada e pertencente ao grupo médio superior. Segundo os autores, o bairro é contemplado com excelentes indicadores de qualidade de vida e concentra algumas das famílias com as maiores rendas da cidade. Para o Observatório das Metrôpoles, os dados relativos à composição social dos moradores evidenciam a configuração de um território predominantemente “branco” e afluyente, no qual a concentração desse segmento ultrapassa 50%, indicando a segregação de grupos em espaços específicos e a formação de grandes áreas homogêneas. A Barra integra um grupo de bairros que concentram a maioria dos estabelecimentos comerciais e de serviços no espaço urbano de Salvador, assim como as oportunidades de emprego e renda nos setores de turismo e comércio.

Conforme os dados do Censo de 2010, o bairro da Barra contava com uma população total de 17.298 habitantes, dos quais a maioria se autodeclarava branca (54,74%), do sexo feminino (57,73%) e encontrava-se na faixa etária de 20 a 49 anos (47,8%). No que diz respeito aos domicílios, 2,07% dos responsáveis não eram alfabetizados, 28,4% estavam na faixa de 5 a 10 salários mínimos, e a renda média dos responsáveis era de R\$ 6.585,00. Em relação à cidade de Salvador, a população era majoritariamente autodeclarada parda (51,68%) e preta (27,80%), do sexo feminino (53,32%) e concentrada na faixa etária de 20 a 49 anos (52,06%). Quanto aos responsáveis pelos domicílios, 4,96% não eram alfabetizados e, embora 31,3% declarassem rendimento na faixa de 0 a 1 salário mínimo, a renda média da população da cidade era de R\$ 2.054,74. No que se refere à infraestrutura, 96,64% dos domicílios contavam com coleta de lixo, 98,88% com abastecimento de água e 90,79% com esgotamento sanitário.

FIGURA 2 — PERCENTUAL DOS DOMICÍLIOS COM RENDA PER CAPITA INFERIOR A UM SM - SALVADOR, 2010



Fonte: CARVALHO; PEREIRA, 2015, p. 17. Elaboração própria dos autores com dados do IBGE.

ENTREMEANDO TRABALHO E LAZER — AS CATEGORIAS E SUAS POSSIBILIDADES NO/COM O CAMPO.

Mobilizo esses dados históricos e censitários porque eles se entrelaçam às práticas de lazer dos meus interlocutores, às suas motivações e aos modos de invenção dos seus dias de entretenimento, descanso e reunião no Porto, assim como fazem parte do repertório de fazeres dos trabalhadores da praia. O Porto e suas práticas, como espero demonstrar, emergem em um emaranhado de temporalidades e lugares, não sendo possível dissociá-lo desse espaço-tempo, reificando-o. Tampouco isolá-lo da trama de relações que o faz emergir, especialmente nos dias do Porto-Paredão. As camadas de tempo e as interligações de espaços que se entrelaçam no Porto da Barra evocam relações particulares com Salvador, e são elementos que participam dos engajamentos dos meus interlocutores. Estes, em sua maioria, articulam o Porto da Barra às suas identidades quando saem de bairros periféricos da cidade para *fazer mídia*¹⁵ na Barra. Muito da motivação de ir ao Porto da Barra, para muitos desses indivíduos, passa por inventar a si, de um modo performático, em um espaço *que está na moda, onde se pode*

¹⁵Esse conceito será melhor explicado no terceiro capítulo dessa dissertação. De antemão, trata da composição de identidades, efetuada por meus interlocutores, a partir de práticas e performances que emaranham e aglutinam objetos e lugares.

*pagar de barão*¹⁶, onde se pode encontrar todo mundo. Esses fazeres, focados nos banhistas, seus trânsitos e práticas, serão elementos centrais do capítulo três e, posteriormente, serão discutidos com maior profundidade.

Neste segundo capítulo, pretendo apresentar ao leitor os inventos dos trabalhadores do Porto da Barra, seus modos de fazer-trabalho, os agenciamentos realizados por eles, bem como suas redes e mediações. Minha atenção concentrou-se na diversidade interna desses modos de trabalhar, isto é, na heterogeneidade de trajetórias, objetos, práticas de saber e fazer que são empregados nas tramas cotidianas de meus interlocutores (KOPPER, 2015). Para esse fim, apresentarei cinco atores essenciais da minha pesquisa, que compõem algumas das ocupações laborais no Porto da Barra: vendedores ambulantes, garçons, pescadores, donos de barraca e carregadores.

Se me debruço sobre as relações e modos de fazer trabalho neste segundo capítulo, é porque foi o próprio campo que, em sua dinâmica, fez emergir novas possibilidades para pensá-lo. Maguila, pescador de 55 anos e parte importante da Colônia de Pescadores que me acolheu durante o trabalho de campo, fazia questão de afirmar: *é trabalho, mas aqui a gente faz terapia*. Reafirmava constantemente a indistinção entre essas duas categorias, condensando esse emaranhado na frase: *aqui a gente faz tudo junto*. Como mencionado na Introdução, o projeto de pesquisa flertava — e a dissertação ainda flerta — com uma Antropologia do Lazer e as potências dessas práticas no fazer-cidade; entretanto, ao suspender essa categoria — lazer — pude seguir tramas particulares que meus interlocutores, no contexto de seus trabalhos, inventavam e nomeavam, eles mesmos, como lazer.

Os modos de fazer trabalho que descrevo, portanto, não se dissociam das práticas de lazer acionadas por meus interlocutores. O próprio campo etnográfico, em suas dinâmicas e arranjos específicos, fez emergir formas singulares de conceber o conceito, revelando-o como sobreposto e interdependente a uma perspectiva de fazer-trabalho. Como apontado na introdução, a imbricação particular dessas práticas, desdobradas em modos singulares de fazer praia, evidenciou possibilidades de deslocamento do conceito de lazer em relação à sua forma mais canônica, especialmente no que diz respeito à potência particular dos meus interlocutores em mobilizá-lo como parte da elaboração e realização mais eficaz de seus próprios trabalhos. Essas

¹⁶ Pagar de barão diz respeito a *parecer rico*.

imbricações — práticas de fruição, amizade, afeto, circulação de objetos e relações sociais, produção de espacialidades, uso de jocosidades, manipulação de discursos e de não humanos, etc. — serão descritas neste capítulo, com o intuito de introduzir uma novidade no modo de pensar essas relações conceituais na Antropologia e na Sociologia do lazer.

Refiro-me aqui, com base em Magnani e Spaggiari (2018), a uma perspectiva ocidental de lazer, fundamentada em um quadro específico oriundo da Revolução Industrial, frequentemente citado para marcar a emergência do conceito, tanto como uma questão social quanto como uma abordagem analítica. Essa perspectiva particular, como destacam os autores, consolidou os dois pólos que viriam a influenciar profundamente a discussão subsequente sobre o tema: o tempo de trabalho obrigatório, imposto, e o tempo livre para descanso, conquistado. O autor que centraliza essa perspectiva que se tornaria de grande relevância teórica para o campo do lazer é Dumazedier (2001). Ele argumenta que o tempo livre — seja no cotidiano, nos fins de semana, nas férias ou nos períodos antes e depois do trabalho — constitui um tempo privilegiado, substantivo, na vida dos indivíduos. Assim, ele coloca o lazer como um fato social autônomo, distanciando-se da visão da sociologia da época, que o via como um fenômeno residual, condicionado pelo tempo de trabalho, e o entendia apenas como um momento de recuperação das energias gastas ou como uma oportunidade para descanso e divertimento.

Assim, o lazer, que fez sua aparição com dupla face nos tempos modernos — como um direito, resultado das lutas operárias, mas também como ocasião de desvio e debilitação do caráter —, será reconhecido no ponto seguinte da narrativa — aproximadamente cinquenta anos mais tarde, já no segundo pós-guerra — como uma questão social relevante. E, a partir da década de 1960, será transformado em conceito analítico, institucionalizado e legitimado como campo de estudo por uma disciplina específica, a sociologia do lazer — ou, em uma denominação posterior, mais abrangente, Leisure Studies. (MAGNANI e SPAGGIARI, 2018, p. 17).

Entretanto essa perspectiva ainda concebe, em seus processos de invenção, as dinâmicas de lazer e trabalho como dissociadas em suas temporalidades e espacialidades, deixando escapar, assim, uma série de arranjos que articulam essas duas categorias no tempo e no espaço. Há aqui uma distância analítica no que diz respeito aos modos de fazer trabalho da contemporaneidade e suas transformações dentro do

regime de produção capitalista. Como destacam Magnani e Spaggiari (2018), as transformações ocorridas na chamada “era pós-industrial” introduziram formas mais flexíveis de organização do trabalho, como o horário negociável, o tempo parcial, a terceirização, o banco de horas, o teletrabalho, o trabalho intermitente, o trabalho alternado e os espaços compartilhados de produção, como o coworking. A esse conjunto somam-se ainda práticas que escapam aos modos mais institucionalizados de pensar as relações de produção capitalista, realizadas à margem de contratos formais, amplamente reconhecidas como “informais”¹⁷, novos modos de pensar o “empreendedorismo individual” e os trabalhadores plataformizados, etc.

Suspendendo as formas mais canônicas de pensar esse duplo conceito analítico — lazer e trabalho — e suas relações, e deixando que os modos de vida que atravessaram a trama significativa do campo etnográfico, a partir dos seus próprios arranjos, re-imaginassem esses sentidos, descrevi práticas que, em seus fazeres cotidianos, desestabilizavam as associações rígidas desse duplo. A descrição desses fazeres evidenciou formas singulares de acionar o lazer no interior das dinâmicas de trabalho, revelando como essas imbricações eram essenciais na produção e manutenção de seus modos de vida. Nomeadas como lazer pelos próprios trabalhadores, essas práticas raramente eram separadas, em suas temporalidades e espacialidades, dos momentos de trabalho. Ao negociar o tempo das atividades laborais com a realização das mesmas, esses trabalhadores inventavam modos de fazer trabalho que interseccionavam relações afetivas e econômicas: *tomando uma* com a clientela, coproduzindo aniversários, churrascos, peixadas, estendendo relações para além do Porto da Barra. Essas dinâmicas resultavam na produção e sustentação de uma rede de relações fundamental para a manutenção de seus trabalhos e rendas — articulando clientela, prestação de serviços, trocas, acesso a crédito informal nos períodos de escassez, proteção financeira e formas de circulação na cidade.

No espaço-tempo do Porto da Barra, portanto, as dinâmicas de lazer se mostraram como algo além de momentos de recuperação das energias gastas no trabalho

¹⁷ No que diz respeito à noção de informalidade, que possa, de algum modo, rondar os debates da dissertação, aponto que o “dualismo definitivo” - a contraposição entre trabalho formal e informal e suas definições - apontado por Kopper (2015) em suas reflexões, não interessa, em um primeiro momento, a essa pesquisa. Acompanhando o autor, busco dar conta dos modos de fazer trabalho dos meus interlocutores e espero que, de algum modo, essas descrições contribuam para esse debate. Que esses sejam elementos para pensar a informalidade a partir de outros modelos que não os hegemônicos — “o outro lado do formal” — não cabe a mim e nem a essa dissertação responder

— simples oportunidades de descanso e diversão. Desvinculando-se de uma interpretação simplista, elas emergiram como esferas de produção da vida: tramando redes de relação, proteção e circulação; compondo afetos e amizades; engajando modos próprios de ser no mundo. E da cidade: interligando casas, bairros, praias, praças; produzindo sociabilidades e agenciando identidades; mobilizando circuitos de serviços e uma economia própria; articulando o Porto da Barra as periferias de Salvador através da circulação de mercadorias, sonoridades e modos de ser.

FAZENDO DINHEIRO NA *PARAFERNÁLIA*: AS OCUPAÇÕES E SEUS MODOS DE FAZER-TRABALHO

Antes da chegada dos banhistas, dos turistas e esportistas, dos moradores de toda uma Salvador desejosa de água, sal e cerveja, muitos trabalhadores e trabalhadoras levantam das suas camas em bairros distantes do Porto da Barra, de calçadas e marquises da Avenida Sete de Setembro, nos arredores da praia, para compor esse espaço-tempo coletivo. Uma jornada que envolve inúmeros acordos e conflitos, deslocamentos, e mobiliza distribuidoras, depósitos, supermercados, restaurantes e gente e mais gente. O sol acende o céu, e carregadores, garçons, donos de barracas, vendedores ambulantes, massagistas, pescadores, bombeiros, garis, policiais, tatuadores de henna, trancistas, baianas de acarajé se organizam a seus modos, com o encanto magnético de suas simpatias, para dar vida - e fazer as suas próprias — ao cartão postal da Bahia. (Caderno de campo, data desconhecida)

A maioria dos trabalhadores que atuam no Porto da Barra é formada por sujeitos periféricos, cujas histórias de vida são marcadas por trânsitos, desmembramentos e dificuldades financeiras¹⁸. Vindos de territórios historicamente marcados pela exclusão social e pela negligência das políticas públicas — como o Subúrbio Ferroviário, o Miolo e as frestas populares que resistem entre bairros de maior renda, a exemplo da Roça da Sabina, Calabar e Nordeste de Amaralina —, esses trabalhadores são, em sua maioria, pessoas negras, com baixa escolaridade e inseridas em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Enveredaram para os trabalhos no Porto por indicações de amigos em situações calamitosas de suas vidas, nas quais lhes faltavam recursos financeiros. Alguns vendedores ambulantes e garçons ingressaram nos ofícios por meio de seus familiares, como também ocorre com pescadores e filhos de donos de

¹⁸ As exceções são algumas famílias donas de barracas mais bem sucedidas e com certa tradição na areia.

barraca. Pessoas em situação de rua também participam desse circuito de trabalho, atuando como carregadores.

A rotina desses trabalhadores é atravessada por fatores como o clima, imprevistos pessoais e possibilidades de folga, que são negociadas em função do orçamento do trabalhador e do patrão responsável pela barraca. Contudo, como apontam meus interlocutores, no verão todo dia é dia, e as atividades se realizam diariamente, com alguma possibilidade de folga às terças e quartas, a ser negociada pelos proprietários consigo mesmos, conforme seus níveis de disposição e recursos financeiros; e também pelos garçons com os donos de barracas e consigo próprios. Muitos garçons não são contratados formalmente e atuam como intermediários entre esses empreendimentos e os clientes. No verão, a máxima é o acúmulo: *é a hora de fazer a moeda*, diferentemente do inverno, época de pagar dívidas, quando o dinheiro não circula e é necessário se virar.

As barracas, especialmente as mais consolidadas, são o epicentro dessa ampla teia de trabalho que emerge no Porto da Barra. Servir os clientes, carregar e organizar os materiais na faixa de areia, preparar os drinks, e conquistar novos clientes são funções conhecidas no Porto e fazem parte do processo de montagem e operação de uma barraca de praia. Para essa organização, são convocados trabalhadores que firmam acordos verbais relacionados à fidelização, remuneração, horário de trabalho, ganhos extras e períodos de descanso. Os donos dessas barracas produzem, por meio de suas magnéticas simpatias e performances — que envolvem manuseio de discursos, agenciamento de objetos e a produção de práticas híbridas de lazer e trabalho com e para o cliente — uma ampla rede de relações e clientela que se desdobra em diferentes espacialidades.

Escrevendo sobre Copacabana, Huguenin (2019) aponta a presença de uma demarcação territorial simbólica inscrita na faixa de areia, “em função da essencialização de identificações sociais e estilos de vida dos frequentadores” (HUGUENIN, 2019, p. 45). Para a autora, “o corpo e o comportamento através dele manifesto se tornam também um território, onde a cor, o gestual, a vestimenta, o andar, a atitude e o modo de falar desmentem que as aparências enganam” (HUGUENIN, 2019, p. 45). Em seu livro *O Mito da Praia Democrática* (2019), Huguenin busca descrever os modos de produção de distinção na faixa de areia de Copacabana, que se desdobram em fronteiras simbolicamente demarcadas e que, em última instância,

reproduzem as distinções geográficas e culturais já existentes na cidade, tais como a oposição Norte/Sul.

No que diz respeito ao Porto da Barra, ao pensar com Huguenin (2019) e ao me distanciar de sua compreensão de território marcada pela essencialização de códigos de diferença que produzem exclusão, aponto que certas espacialidades — no sentido de agrupamento de sujeitos — podem emergir a partir da rede de relações que os donos de barracas produzem e de como mobilizam símbolos, objetos e discursos na construção de seus espaços na faixa de areia e de suas clientelas. Assim, agenciam, por meio de suas estratégias particulares, grupos específicos com seus “estilos de vida” — nas palavras de Huguenin (2019), quando utiliza o conceito de “habitus” de Pierre Bourdieu (2007). Pensando essas espacialidades, veremos como Ilma, a Dinda do Povo, articula bandeiras e roupas coloridas, discursos e simpatia para tornar-se figura conhecida do circuito LGBT da cidade de Salvador e sustentar, há longos anos, uma das maiores barracas do Porto da Barra.

Para além das barracas e de toda a rede de trabalho que emerge de seu movimento e tessitura, há ainda outros actantes. Circulando à parte, e nem sempre sem conflitos, os vendedores ambulantes prestam serviços e oferecem mercadorias de consumo imensamente variadas, desde brigadeiros de maconha a massagens e leituras de tarô, de acarajé a shakes alcoólicos, caipirinhas, cervejas, colares e guias do candomblé. Nesse fazer-trabalho em circulação, produzem redes comerciais que ligam bairros periféricos, pequenos comércios, empreendedores, supermercados e distribuidoras ao Porto da Barra, viabilizando modos de desfrute alicerçadas ao prazer sensorial praticados comumente nas areias da praia. Os pescadores, com histórias antigas ligadas ao Porto da Barra, também prestam seus serviços, oferecendo peixes frescos ou fritos na hora, paneladas de moqueca e o que mais o cliente trouxer para ser preparado na pequena bancada de madeira de frente para o mar.

OS CARREGADORES: *NEGÃO* ANDANDO DE CIMA PRA BAIXO, ENTRE SOMBREIROS, CADEIRAS E UMA *ALTINHA* NA BEIRA DO MAR.



Negão em seu trabalho como carregador. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia.

Às 5 horas da manhã, com o sol ainda nascendo no céu, os primeiros carregadores começam a chegar em frente aos depósitos no Porto da Barra. Muitos deles são moradores de rua que passam seus dias e noites ali mesmo, embaixo de sacadas de prédios e árvores; outros são desempregados em busca de uma alternativa rápida de renda; e há também quem faça dessa ocupação — ou uma segunda ocupação — sua atividade diária, acumulando barracas. Os mais experientes investem em carrinhos de transporte para aumentar a velocidade dos carregamentos, acumulando de três a quatro barracas em um só dia, tornando-se assim *Ubers*, carregadores com carrinhos, e reivindicando diárias melhores. A função consiste em buscar nos depósitos os materiais necessários para a montagem tanto dos espaços reservados aos banhistas — mesas, cadeiras e sombreiros de praia — quanto dos *escritórios* dos donos, isto é, seus espaços de gerência, compostos por coolers, grandes sombreiros, utensílios para preparo de drinks, mesas e cadeiras.

Às 5 da manhã, Alex, mais conhecido como Negão, está na guarita de vigilante de um prédio de classe média no bairro do STIEP, onde trabalha em turnos de 12 horas. A jornada começa às 20h e termina às 8h, o que o impede de participar do primeiro turno

dos carregadores no Porto da Barra, que começa por volta das 5h. Aos 52 anos, Negão retorna para a casa que seu pai lhe deixou, no Engenho Velho da Federação — bairro historicamente ligado à população negra soteropolitana, repleto de terreiros de candomblé — onde, conforme ele mesmo me disse, não lhe falta nada. Ele descansa em casa e, às 15h, estará no Porto da Barra, ora vindo de bicicleta, ora de ônibus. Negão chega cansado ao Porto, dorme pouco e mal, e só descansa realmente nos dias de folga do trabalho como vigia. Porém, por mais que o cansaço lhe faça companhia, não dispensa um prelúdio futebolístico nas areias da praia.

A primeira parada de Alex é na *altinha*, lá na ponta direita do Porto, conhecida por alguns como *Vitamina M*, devido ao uso de maconha no espaço, e por outros como *Vitrine*, pela concentração de espectadores e atletas dos jogos com a bola. Durante pelo menos uma hora, Alex fica lá, com um short largo, mostrando seu bom nível de habilidade. A bicicleta e a farda de vigilante ficam em um dos depósitos, e ele pode se divertir tranquilo. A partir das 16h30, Negão se prepara para iniciar o trabalho, já esquentado da altinha, e começa levando as cadeiras: *Consigno umas vinte cadeiras enquanto a maioria aí não consegue dez*. Ele carrega o material de três barracas, podendo se estender a quatro, dependendo do dia, e já tem a prioridade de muitos barraqueiros que se filiaram a ele pela *confiança* em seu trabalho e *rapidez*. Começa com as cadeiras, depois parte para os sombreiros, levados a cada quatro até os depósitos, todos a no máximo cinco minutos da praia, e termina às 19h30, na iminência do traslado para sua segunda ocupação laboral, a cerca de 40 minutos de bicicleta do Porto da Barra.

É dinheiro rápido e na hora, ele me diz, indicando os motivos do seu trabalho como carregador. Conheceu essa possibilidade de *aumentar a renda* em um dia de lazer com seu filho no Porto da Barra, percebeu o movimento dos carregadores, conversou com um amigo e foi indicado por ele a uma das donas de barraca, tudo isso há quatro anos. Num dia de quarta-feira, carregou três barracas e ganhou 90 reais, trabalhando das 16h30 às 19h30. Em fins de semana, a diária pode variar, chegando a até 50 reais por barraca. Para ele, trata-se de um bom negócio, mesmo que o trabalho não seja simples e o corpo possa cobrar em breve — dinheiro para botar comida na mesa e comprar alguma coisa para casa.

Negão arranjou um trabalho para os dias em que o Porto da Barra para, especialmente no inverno, como me apontou em nossas conversas. Carregar, para ele, é *mais um jeito de fazer uma moeda*, mas essa não é a realidade de todos: muitos têm no ato de carregar a fonte principal de renda, especialmente moradores de rua chamados para essas funções. Os desempregados veem nesse serviço a possibilidade de “segurar as pontas” até encontrar algo melhor, enquanto os *Ubers* enxergam ali uma oportunidade real de trabalho e empreendedorismo, comprando e alugando carrinhos e pranchas. Esse é um dos trabalhos mais precarizados do Porto da Barra, muitas vezes reservado aos chamados “sacizeiros”¹⁹. Os carregadores ganham de 30 a 50 reais por carregamento, podendo realizar essa função tanto na montagem como na desmontagem²⁰.



Carregadores do Porto da Barra. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia

Os *Ubers* ganham cerca de 100 reais e realizam o trabalho um pouco mais rápido, podendo acumular barracas, trabalhando cerca de duas a três horas por turno, praticamente o mesmo tempo dos carregadores. Muitas vezes, um ou dois carregadores precisam dar conta, no mínimo, de 20 cadeiras e 10 sombreiros — média das menores barracas da praia — além de todos os utensílios do *escritório* dos donos. As grandes

¹⁹ Termo pejorativo que indica usuários de drogas ou moradores em situação de rua.

²⁰ São dois no dia, um na parte da manhã, por volta das 5:00 - a depender da barraca e dos seus clientes e donos, podendo durar até as 9:00 - e outro que se inicia às 16:30 — também depende dos clientes no dia e dos horários da própria barraca e pode durar até as 21:00.

barracas podem chegar a descer 90 cadeiras nos fins de semana e feriados, além de mais de 30 sombreiros. As distâncias até os depósitos — localizados em becos, dentro de hotéis ou embaixo de bares — variam de 100 a 500 metros, e os percursos, quando não se é *Uber*, são demorados, pesados e deixam marcas nas posturas dos trabalhadores.

Por vezes, alguns garçons que trabalham nas barracas há mais tempo e são valorizados pelos donos — assim como os próprios donos, seus filhos e parentes — auxiliam no processo de montagem, contudo, esse trabalho é compreendido, hierarquicamente, como um serviço menor, braçal, cansativo e delegado àqueles que, de fato, estão dispostos a aceitá-lo. Nem garçons, nem os donos costumam realizar o transporte até os depósitos, limitando-se a organizar as cadeiras e sombreiros na areia, para que os carregadores os busquem. Na etapa inicial da montagem, todos se envolvem, inclusive os gestores das barracas; entretanto, o transporte dos materiais permanece como responsabilidade desses trabalhadores, muitas vezes lidos como precarizados. Em algumas situações, ouvi que esses empregos eram considerados *coisa de maloqueiro*²¹. A ideia de *não pegar peso* é recorrente entre muitos donos de barraca e garçons, demarcando uma separação simbólica entre o trabalho de gerência e o trabalho braçal. Essa distinção reforça hierarquias internas no circuito laboral do Porto da Barra, articulando dinâmicas de poder e critérios de precificação dos serviços. Por mais que essas lógicas sejam fundamentais para pensar a esfera do trabalho no Porto, esta dissertação não tem alcance suficiente para descrevê-las em profundidade, deixando em aberto esse campo para futuras investigações.

Esses carregadores, por vezes, desempenham outras funções ao longo do dia: buscam caixas de cerveja e gelo nos depósitos, consertam sombreiros e cadeiras, tentam a sorte nas *caçadas*²², entre outras atividades. Os trabalhos no Porto não são estritamente separados, embora certa hierarquia prevaleça entre eles. Muitos começam como carregadores, passam a garçons, tornam-se pessoas de confiança em determinadas barracas e, com o tempo — como veremos nos próximos capítulos — chegam a ser donos dos seus próprios estabelecimentos. Muitos circulam nessa linha hierárquica, abrindo e fechando seus empreendimentos — passando o ponto — para voltar a atuar como garçons.

²¹ Sinônimo de drogado na Bahia.

²² As caçadas são temas do subcapítulo sobre os garçons.

OS DONOS DE BARRACA: *VIRANDO PINK* COM OTÍLIA E MIAU.

Otília e Miau na Barraca da Pink. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia.

Otília e Miau se conheceram trabalhando na praia do Porto da Barra. Ela cuidava de uma pequena barraca de drinks, preparando caipirinhas e caipiroschas, enquanto ele era garçom e *vendedor das antigas*. Num dia qualquer, buscando uma forma mais rápida de voltar para casa, eles dividiram um táxi até Cajazeiras, bairro que ambos chamavam de seu, localizado a cerca de uma hora e meia de transporte público do Porto da Barra. Segundo Miau, foi ali no táxi, diante do riso leve e complacente de Otília, que o amor nasceu. O casal de trabalhadores, com uma família extensa de cinco filhos, buscava uma vida melhor e uniu seus talentos: de um lado, o tino estético, a simpatia e a habilidade na preparação de drinks; do outro, um talento ímpar para vendas e a licença da prefeitura, conquistada com muito suor e burocracia, necessária para montar a barraca. Assim, meio que inventando uma vida a partir das qualidades que acumularam em mais de dez anos de trabalho no Porto da Barra, o casal, hoje na casa dos 30 anos, abriu a Barraca da Pink. Segundo Miau, já fazem cinco anos que eles *viraram Pink*.

No Porto, em relação ao trabalho, muita coisa gira em torno das barracas. Os carregadores trazem os materiais para montagem e desmontagem; os garçons atendem os clientes que se sentam nas cadeiras, saem à *caça* de novos clientes, organizam o estoque e preparam os drinks. Os donos — que, especialmente nas barracas menores, muitas vezes fazem um pouco de tudo — ficam em seus escritórios com cadernos e

canetas, anotando tudo o que está sendo consumido. Registram quanto será destinado aos garçons e quais mesas são responsabilidade de cada um, orientam os carregadores e garçons nas idas em busca de gelo, água, cervejas e o que mais for necessário junto às distribuidoras próximas, refletem sobre a possibilidade de disponibilizar mais cadeiras, equilibrando custos e expectativas, e acionam os restaurantes parceiros para o pedido de petiscos feitos pelos clientes na faixa de areia, trazidos, claro, pelos carregadores. No fim do dia, realizam os pagamentos a partir de uma lista sofisticada, riscada dos dois lados com canetas coloridas, onde os garçons e demais trabalhadores conferem os valores a receber, incluindo acordos com clientes, taxas fixas, dívidas e comissões.



O fim do dia nas barracas. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia.

Emerge assim uma rede que emaranha objetos, valores monetários, habilidades coletivas e pessoais, sujeitos e lugares, e estabiliza os fazeres da praia do Porto da Barra. Soluções para a falta de cozinha na areia são sanadas por meio de parcerias com restaurantes na Avenida Sete de Setembro, que ainda permitem indicar o uso de seus banheiros aos clientes da praia, mediante um pedaço de papel assinado pelo dono da barraca como forma de mediação. Das distribuidoras saem bebidas a preços mais baratos, gelo, água e todo o complexo de consumo necessário para alimentar a barraca. Firmam-se parcerias com essas distribuidoras, abrindo-se contas informais que possibilitam aquisições a crédito. Além disso, cadeiras, mesas e sombreiros também

saem dessas distribuidoras, enquanto os trabalhadores, na correria de suas funções, circulam produzindo linhas, fluxos e redes. Pensando com Ingold (2015), são as múltiplas trilhas do devir, traçadas por trabalhador(a)s negros(as) de Salvador, em sua maioria das periferias da cidade, que inserem a praia do Porto da Barra em um emaranhado cotidiano de linhas e movimentos, tornando-a cartão-postal da Bahia. É essa rede de ação e mediação, agenciada pelos atores em toda sua multiplicidade — acordos, conflitos, negociações, cálculos, expectativas, parcerias, funções e alianças — que compõe e estabiliza esse espaço-tempo coletivo soteropolitano (LATOUR, 2012).

Os donos das barracas são os organizadores dessa composição e, por isso, carregam consigo poder, que mobilizam nas negociações para pressionar os valores a serem pagos e exigir produtividade. Muitas tensões emergem dessas relações. Os novos garçons e carregadores precisam conquistar a confiança dos patrões para trabalhar com frequência, pois a concorrência é grande e há muitos dispostos a trabalhar. A maioria dos donos de barraca é composta por núcleos familiares — casais e uma rede extensa de parentes — que privilegiam trabalhadores antigos, inseridos em relações íntimas alinhadas à sua concepção de família. É comum que esses trabalhadores sejam chamados de filhos²³, e que chamem os donos e donas de barraca de mãe e pai, já que a relação de acolhimento na barraca — e na vida — é tão forte que essa consideração se torna natural.

Para além disso, esses *chefes* mobilizam suas simpatias, discursos e práticas na formulação de uma rede de relações, clientela e apoio que extrapola, inclusive, o trabalho no Porto da Barra. Uma promoção aqui, outra ali, uma abertura para uma conversa mais profunda, um preço diferenciado *para você, que é cliente antigo* — tudo isso vai tecendo essa rede, dando vida e sustentação à barraca. Mais do que estabelecimentos comerciais, e muito pela capacidade ímpar dos donos de barraca e seus garçons, esses espaços se tornam lugares afetivos, tanto para os barraqueiros quanto para os clientes, emergindo, na vida desses trabalhadores, como um espaço de possibilidade, de apoio, acesso a recursos e parcerias com pessoas de diversas classes sociais e nacionalidades. Alicerçam assim parcerias que serão acionadas em momentos de dificuldades financeiras — inverno e período de chuvas —, ou em auxílios para a

²³ Muitos garçons são considerados *filhos de criação* e veem os donos e donas de barracas como *pais e mães de criação*. Essa relação está alicerçada em um conjunto de histórias que atravessam a vida desses garçons e que tem início, muitas vezes, na primeira contratação para o trabalho. São muitas vezes os donos de barracas que tiram eles do “mal caminho”, que cuidam deles financeiramente, que os adotam no dia a dia do Porto lhes conseguindo almoço e novas oportunidades de emprego.

família estendida que compõe a barraca; e, ainda, por meio dessas redes, garantem — via consumo em seus empreendimentos — a renda de cada mês. São mestres em produzir relações, em dizer o que se deseja ouvir, em colocar a música que se quer escutar.

Escolher a música a ser tocada nas caixas de som²⁴ da barraca não é algo banal. Os donos de barraca, em um cálculo particular, entrecruzam temporalidades e espacialidades, manipulando sonoridades²⁵ para atrair clientes. Sabem quando e onde estão os que gostam de Pagodão ou de Partido Alto, conhecem o momento certo para tocar um Axé da Bahia, que chama os turistas, e escolhem cuidadosamente a quem entregar o celular para a escolha das músicas — um ato simbólico e performático na produção de relações. Afinal, como apontam Pistrick e Isnart (2013), as sonoridades produzem dinâmicas de aproximação e distância entre sujeitos distintos, cumprindo papel crucial como identificadores de pertença e acolhimento.

No ínterim de produzir suas redes de relações, esses *patrões* acabam por criar espacialidades tramadas por essas conexões. Contudo, essas espacialidades não surgem simplesmente como consequência da rede de relações e clientela, mas são agenciadas intencionalmente pelos donos das barracas. Para isso, mobilizam objetos, sonoridades, discursos e práticas com a intenção de fidelizar a clientela e se articular com certos grupos. Ilma, a *Dinda do Povo*, é um ótimo exemplo dessa construção. Figura conhecida do circuito LGBT da cidade de Salvador e dona de uma das maiores e mais rentáveis barracas do Porto da Barra, Dinda, como é chamada *pelos seus viados*, mobiliza bandeiras, camisas, fitas adesivas e todo um discurso para tecer relações com a comunidade LGBT que frequenta o Porto. Muito por causa dela, como dizem, esse espaço se tornou *seguro para ser viado*, e esse grupo, em grande medida, se encontra ali, no *Bar do Tudão*, parafraseando Will, *filho* de Ilma.

²⁴ Nem todos os donos de barraca têm caixas de som. Otília, dona da Barraca da Pink, deseja comprar uma com o dinheiro a ser conquistado no verão, para colocar *só música top e som ambiente, sem baixaria*.

²⁵ É interessante pensar que esse cálculo é atravessado pelo gosto pessoal dos donos da barraca que, quando podem, mesmo que rapidamente, colocam o cálculo de lado e escolhem a música que desejam ouvir.



Ilma na Barraca da Dinda. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

Essa rede de relações atravessa, também, outros trabalhadores do Porto. Trocas são feitas — cervejas por pastéis, doses de cachaça por carregamentos de gelo — e, na ausência de cadeiras ou produtos, esses donos de barraca se ajudam, permitindo que o outro não perca a venda. Um elemento central de aproximação é o *passar troco*, prática sempre coletiva diante da ausência das notas. Outro evento que une os barraqueiros são as tensões inerentes à praia, como roubos e o sumiço de crianças. Eles são acionados por banhistas e se articulam entre si para lidar com essas situações e manter o funcionamento cotidiano do espaço. Os conflitos, no entanto, também fazem parte dessa tessitura. As disputas em torno da delimitação da faixa de areia — especialmente sobre onde colocar as cadeiras e sombreiros — são constantes. Esses limites, muitas vezes marcados com pedras, pintura nos muros ou elementos improvisados, geram atritos entre os barraqueiros, sobretudo em dias de praia cheia. A disputa por clientes, as dívidas e a variação de preços intensificam esse ambiente, inserindo a praia em um processo permanente de negociação e mediação.

Voltemos a Otília e Miau. A Barraca da Pink é pequena, tem somente cinco anos de existência, diferente de muitos barraqueiros da praia que há mais de 40 anos trabalham na areia. Na Pink, não há garçons — somente carregadores são acionados no processo de montagem e desmontagem. O casal dá conta de tudo: servem os clientes,

“caçam” novos, buscam bebidas e petiscos, fazem drinks, acertam as contas. A jornada de trabalho começa, normalmente, às 8h30 da manhã, após uma longa viagem de Cajazeiras até o Porto da Barra. Nos fins de semana, as crianças não perdem a oportunidade de vir à praia, especialmente as mais jovens — Mirela, Milena e Maiara, entre 7 e 10 anos, sendo duas delas gêmeas. Felipe, o filho mais velho, vem pouco à praia e é responsável por cuidar da filha mais nova em casa, de 2 anos.

Os materiais para montagem da barraca não são trazidos de casa, apenas as frutas para as caipirinhas, compradas no dia anterior ou ainda no mesmo dia, no bairro. Nas conduções que os levam à Barra, trazem bolsas com carregadores portáteis de celular, roupas para as crianças, máquinas de cartão, utensílios pessoais e, claro, as frutas. É no depósito, logo adiante do ponto de ônibus, na parte de baixo de um hotel, que se encontram os materiais para a montagem da barraca, assim como óculos de mergulho, macarrões e boias, para a diversão das crianças e o lazer dos adultos. Segundo Miau, o depósito sai por 600 reais por mês, sendo sua barraca modesta, com cerca de dez sombreiros, trinta cadeiras, duas mesas grandes, algumas mesinhas de centro, isopores e utensílios básicos para a preparação de drinks e manutenção da estrutura. Há também os 130²⁶ reais pagos à prefeitura, pelo menos duas vezes ao ano — *ou quando eles aparecem aí para cobrar da gente* — pelo alvará de utilização do espaço da areia para montagem da barraca.

Os carregadores, já em frente ao depósito, na iminência do chamado, recebem o aval para iniciar o carregamento. Para a Barraca da Pink, são necessárias ao menos três viagens, feitas em carrinhos de supermercado repaginados, pranchas ou na cabeça mesmo, com duração de 20 minutos cada, no mínimo. Todos os materiais contêm iniciais ou nomes — MIAU, OTI, OTILIA — específicos dos donos, que os diferenciam dos de outras barracas e servem como indícios aos carregadores. Na areia, Miau inicia a montagem: um sombreiro para cada duas ou mais cadeiras e uma mesa de centro. Do paredão que separa a Avenida Sete de Setembro da Praia do Porto da Barra, com o desenho de Otília marcando a posição da barraca da Pink — feito por um cliente gringo antigo — até a beira do mar, as cadeiras e sombreiros são enfileirados, em duas linhas e mais ou menos oito núcleos. Otília trabalha no *escritório*, organizando sua estética: a disposição das frutas, empilhando os copos rosas, arrumando a bancada,

²⁶ Esse valor é sazonal e negociado com a SEMOP (Secretaria Municipal de Ordem Pública), variando de barraqueiro para barraqueiro — ao menos nas minhas interlocuções e nos discursos que mantive com eles.

conferindo o gelo, a cerveja e os utensílios básicos — com um olho que não desgruda do celular.

Inicia-se assim mais um dia de labuta. Amigos que se tornaram clientes, clientes que se tornaram amigos, e uma cerveja para *iniciar os trabalhos*. Otília no celular, apostando no jogo do bicho; Miau em uma conversa com um brother de Cajazeiras que veio lhe visitar. Cliente vem, cliente vai, e Carlinhos, vizinho de barraca, coloca um arrocha em sua caixa de som: outra cerveja estala no escritório dos Pinks. Esse dia só acabará por volta das 17h, com o início dos trabalhos do *Uber*. Otília encerra o dia com pressa, desejosa de ir para casa, e muitas vezes aceita pagar um pouco mais caro para que tudo ocorra mais rápido. A barraca tem lá suas oscilações de renda, movimentando valores altos em dias bons e amargando baixos rendimentos em dias ruins. Folgam pouco, dependendo da grana no banco ou do milhar — se acertar na cabeça. Quando sim, nas quartas-feiras ou em dias de chuva. Entre *caçadas*, levadas a cabo por Otília quando o movimento está fraco; cervejas, levadas à boca quando o movimento está bom; e conversas, levadas à roda quando chegam os amigos, o casal de trabalhadores inventa, faz e trama seus dias de labuta, praia e sol.

OS *GARÇONS*: ENCONTRANDO E CONVENCENDO CLIENTES COM MARLON NA AVENIDA SETE DE SETEMBRO



Marlon na Avenida Sete à espera de clientes. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel

Para que as barracas possam funcionar de modo eficaz, atendendo a seus clientes com rapidez, ou para que, em seus *escritórios*, não lhes faltem bebidas ou gelo nos grandes isopores que servem como freezers de bebidas, ou ainda para trazer petiscos dos restaurantes, cobrar a conta, negociar preços, consertar sombreiros e, especialmente, encontrar novos clientes, muitos garçons precisam se organizar em torno de algumas funções principais: caçar; organizar a barraca e servir os banhistas; fazer drinks; transportar mercadorias, entre outras tarefas. Muitos ocupam várias funções ao mesmo tempo, outros se dedicam somente a algumas delas. Uma das principais funções é *caçar*. Ainda no alto da Avenida Sete de Setembro, antes mesmo das escadas que levam até a areia, os garçons se postam atentos a possíveis clientes. A abordagem inicial envolve diversas “artes do dizer” (CERTEAU, 1998), camadas de manipulação do discurso, modos de convencer os passantes a descerem as escadas para “suas barracas” — espaços onde também desempenham outras funções e com os quais mantêm redes de relações mais consolidadas —, ou para qualquer barraca que o cliente deseje, desde que ele, o garçom, negocie os valores tanto com os banhistas quanto com os donos da barraca.

De início, os donos das barracas definem seus preços com cada garçom e retiram os sombreiros e cadeiras da equação. Os valores do aluguel desses materiais são exclusivos dos donos das barracas. Normalmente, os preços negociados são os usualmente praticados pelas barracas, mas, dependendo da ocasião, esses valores podem ser ajustados, especialmente em dias de baixa demanda. Após a negociação dos preços com os barraqueiros, os garçons se mobilizam para negociar os preços com os clientes. Os valores ganhos acima do combinado com o barraqueiro serão repartidos entre eles. Ou seja, se com o barraqueiro uma cerveja custa 8 reais, muito provavelmente o garçom a venderá por 10 reais e dividirá os dois reais excedentes com o dono da barraca. Há ainda o acréscimo dos 10%, que, na grande maioria das vezes, será destinado ao garçom.

Cada barraca tem um poder de barganha com os *caçadores*, algumas cedem ao valor negociado, aceitando que os garçons fiquem com todo excedente. Essa negociação acontece ou antes, com os mais conhecidos, ou na descida dos clientes para a areia, mediante uma palavra-código, de uma conversa rápida, ou de uma piscadela. Ela depende muito do movimento; quanto mais clientes e dinheiro nas barracas mais poder de barganha ela tem sobre os garçons. Algumas barracas não trabalham com *caçadores*,

apostando em seus clientes fixos e conhecidos, especialmente as menores ou as mais antigas, gerenciadas, em grande maioria, por grupos familiares. Muitas tensões emergem dessa relação e os donos das barracas reclamam imenso dos garçons. Os acusam de exploradores, *espanta clientes*, *vampiros que só sabem sugar*. Muitas barracas dependem dessa relação para conseguir consumidores. Alguns dos elementos apontados pelos barraqueiros são: preços abusivos; desvio de clientes; precarização do atendimento.

Marlon é um desses *garçons caçadores*. Às 09:00 da manhã chega ao Porto da Barra, sem pressa, podendo se atrasar, pois *não tem patrão e faz seu tempo e sua escala*. Comparece entre segunda-feira e sábado, não gostando de ir aos domingos. Folga, também, quando sua namorada ganha um descanso no trabalho dela, guardando ao menos mais um dia *para ficar com a mulher*. Morador de Fazenda Coutos, bairro periférico distante ao menos uma hora e meia da praia, pega 4 baldeações para chegar ao Porto da Barra: um ônibus; dois metrôs; e outro ônibus. Marlon trabalha no Porto há 8 anos, passou pelo tempo escasso da pandemia, ficando impossibilitado de realizar seu trabalho.

Conserva na areia uma barraca fixa, *na Kika*, como ele me diz, espaço que o acolheu em sua chegada e onde ele mantém mais relações de amizade e confiança. Porém, é o cliente que escolhe e, se ele deseja ir para outra barraca, as negociações serão abertas. Como aponta Marlon, o cliente fiel já vai direto para a barraca, sem passar pela abordagem dos garçons. Os banhistas que lhe interessam são os turistas e os pouco sabidos dos meandros do Porto, visitantes não assíduos do lugar. *Pela cara você já sabe*, me indica Marlon, mostrando sua expertise em lê-los. Feito a aproximação, começam os jargões e promoções: *Vou armar um camarote para você na frente do mar com a cadeira e o sombreiro baratinhos*.

O preço a ser cobrado, como me apontou um dos barraqueiros, *depende da cara e do bolso*. Nesse contexto, estereótipos de classe e de raça emergem e o *gringo*, tipo idealizado de europeu, aparece como o mais desejado em uma hierarquia que mistura cor de pele, trejeitos, objetos e modos de se apresentar no mundo. Um banhista que carrega um cooler consigo se apresenta desinteressante para os garçons, significa que ele não vai comprar bebida na barraca e os lucros serão reduzidos. Entretanto, grupos de turistas

originários da Europa, normalmente em grandes números, são imensamente disputados por eles. Afinal, *com uma mesa boa que você coloca já dá para fazer o dia*.

Caso o cliente já tenha se fidelizado a um dos garçons após a abordagem inicial, eles tratam de indicar aos outros, por meio de códigos linguísticos ou gestuais, essa fidelização. A correria, na chegada dos carros de aplicativo à praia do Porto da Barra, também é grande, com gritos anunciando os donos dos veículos: “*Uber preto é meu!*”. Nesse vai e vem, Marlon coloca de cinco a sete mesas e torce para que alguma delas “bata certo”. Sua remuneração varia de acordo com o movimento: em dias bons, consegue entre 150 e 300 reais; em dias ruins, cerca de 50.

Diferente dos garçons, os organizadores, normalmente mais bem pagos e mais fidelizados, recebem diárias fixas e são responsáveis por verificar as mesas e seus pedidos, atentar-se às mercadorias que faltam na barraca, mediar conflitos e servir os clientes. Essa função é mais comum em barracas maiores. São, em geral, filhos dos donos ou parceiros antigos de trabalho, esposas, maridos e parentes, ocupando um espaço hierarquicamente mais consolidado. Maguila, interlocutor que conheci na Colônia de Pescadores, trabalha com Noel, dono de uma das maiores barracas do Porto, quando chega o verão. Assume o cargo de organizador, como ele mesmo me conta. Ganha 150 reais por dia e só folga às terças e quartas.

Rato de Praia, como ele mesmo se intitula, conhece bem os meandros da praia. Vem de bicicleta de Brotas para o Porto e estaciona a magrela no barco ao lado da Colônia. Seu traslado não dura 30 minutos. Inventor de frases icônicas, Maguila anuncia com frequência, em algum momento dos nossos encontro, que hoje é seu aniversário — uma piada pronta para dizer que *todo dia é seu aniversário*. Na sua função na barraca, ele faz questão de afirmar que *não pega peso*, destacando que esse trabalho é reservado aos carregadores; sua tarefa é supervisionar a barraca e *ser gerente*. Há ainda a função de *fazedor de drinks*, sem falar nas tarefas rápidas que surgem durante o dia. Esses sujeitos se inventam por meio de um saber-fazer particular que mobiliza simpatias, habilidade de convencimento e negociação, certas leituras sociais e muita, muita lábia, como se diz na Bahia.

²⁷ Me lembro de uma pérola que ouvi em campo nesta situação: *já passei a senha do wi-fi*, indicava Will, avisando a outro garçom que já havia me conquistado”.



Maguila em seu barco na companhia do filho de uma amiga. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024.
Fotografia de Daniel Soglia

OS VENDEDORES AMBULANTES: COM EXPEDITO, ENTRE CANÇÕES DE ROBERTO CARLOS, OU NO BANCO COM SONIA.



Expedito posando e mostrando sua frase clássica para vender cigarros. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

Entrecortando as barracas de praia, entre sombreiros e cadeiras, perambulando pela faixa de areia do Porto da Barra ou parados no calçadão da Avenida Sete de Setembro, os inúmeros trabalhadores, ambulantes ou não, vendem e negociam mercadorias e serviços. Acarajés, queijos coalho com goiabada, cigarros e balas, bebidas alcoólicas, quentinhas, salgados, brigadeiros, doces diversos, brownies mágicos, picolés, geladinhos, comidas orgânicas e saudáveis, biquínis, óculos de sol, caixas de som, protetores e bronzeadores, guias, fitas e muito mais. Sem falar nos serviços de massagem, leitura de tarô, ventosaterapia, tatuagem de henna e fotografia. Um mundo de objetos e serviços destinado ao prazer — na boca, no corpo, na pele.

Esses trabalhadores constroem inúmeras conexões para estarem na praia, desde os trajetos — por vezes envolvendo três ou quatro baldeações — até as ligações com distribuidoras locais, supermercados, restaurantes e outros revendedores. Conversam entre si, trocam mercadorias e formam redes de apoio essenciais para a manutenção de suas rotinas de trabalho. Com um magnetismo particular, bordões e sacadas geniais, esses trabalhadores manipulam seus discursos, negociam preços, fazem promoções, contam histórias, convencem e desconvencem clientes, na malícia do *jogador caro*,

entre risadas, conversas e trocas de mercadorias. O *talento puro*, inegavelmente, é filho da malandragem, e o preço *vai depender da cara e do bolso*. Afinal, como me disseram os mais velhos do Porto da Barra: *quem não vai esperto paga ouro em água*.

As experiências são muitas e os perfis, diversos: viajantes; aposentados; jovens empreendedores; estudantes; imigrantes africanos; mães e pais de família. Muitos produzem em casa seus próprios produtos, como brigadeiros, doces e sucos; outros revendem mercadorias industrializadas adquiridas no centro da cidade ou importadas a baixo custo. Também revendem cervejas, água e refrigerantes comprados no bairro onde moram — subúrbios da cidade, a cerca de duas a três horas da praia —, carregados em pequenos carrinhos. As quentinhas, presença constante no Porto da Barra, são preparadas nas casas ainda no início das manhãs e percorrem a cidade, transportadas com muito esforço por entre ruas, ônibus e metrô, dentro de grandes e pesados coolers.

Com remuneração diária incerta, atravessada pelas intempéries do clima, as rendas desses trabalhadores oscilam muito ao longo do ano. O verão se apresenta como o *tempo de juntar um dinheirinho*, afinal, nessa época, *só não trabalha no Porto quem é preguiçoso*. No restante do ano, outros modos de “*ganhar uma moeda*” vão sendo acionados, desde fazer esculturas, arranjar trabalhos domésticos até vender outros produtos em diferentes lugares. Muitos retiram dali seu sustento, outros complementam a renda mensal em dias em que o trabalho principal lhes permite folgar, e alguns *trabalham para se distrair*, especialmente os mais velhos. Esses trabalhadores, em seus trânsitos na cidade, tramam redes de comércio que articulam o Porto da Barra a toda uma economia produzida nas periferias dos bairros de Salvador. Essas redes permitem a circulação de mercadorias, serviços, dinheiro e sujeitos. Esses atores, por outro lado, produzem o Porto da Barra na medida em que disponibilizam para os banhistas, por meio de seus produtos — cervejas, cigarros, drogas de modo geral, chocolates, brigadeiros, queijos coalhos, picolés, drinks, etc — a possibilidade de acionar um ciclo de consumo central nos modos de fazer praia dos meus interlocutores, que tem o corpo como centralidade e valoriza o prazer em todo o seu transpassar sensorial.

Expedito, ou Robertinho — como costume chamá-lo, e como ele também me chama devido à minha aparência *parecida com Roberto Carlos quando era jovem* — mora sozinho no bairro de Valéria, a cerca de uma hora e meia do Porto da Barra. Tem 72 anos e é aposentado da LIMPURB. Para chegar ao Porto, pega um ônibus, um metrô e

outro ônibus, e vende cigarros. Figura carismática e tímida, bom de prosa, de venda e de música, diz que vem para *movimentar o corpo e não ficar parado em casa*. Às vezes tira 50 reais, outras vezes 30 — depende do dia. Mas não se preocupa tanto com o quanto ganha: chega normalmente às 15h e vai embora às 18h, no dia em que lhe dá vontade. Vende o que tem para vender e conversa com quem lhe dá papo. Gosta de cantar músicas de Roberto Carlos e considera o Porto um *remédio*.



Sônia trabalhando, com o cigarro na boca. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

Sônia, outra das minhas interlocutoras, tem 50 anos e mora no IAPI, bairro distante mais de uma hora do Porto da Barra. Trabalha de quatro a cinco vezes por semana, vendendo água, cervejas, refrigerantes, cigarros e balas. Com seu carrinho de duas rodas, acoplado a um isopor na parte de cima, carrega tudo do bairro onde mora e só compra nas distribuidoras locais quando os produtos acabam. Para chegar à praia, pega um ônibus, um metrô e depois outro ônibus. Em certos dias, consegue lucros na casa dos 50 a 70 reais; em outros, não passam dos 30. O transporte, *tem dia que paga, tem dia que não, depende do motorista*. Já a comida, *não tem jeito, tem que gastar*. Sônia sempre me diz que não come comida de rua, que faz mal ao estômago, e que só come, às vezes, *em um bom ali na esquina que custa 18 reais*. Contudo, em outras ocasiões, almoçava mesmo um pão com manteiga trazido de casa: *dependia do dia*, diz ela.

A incerteza era o mote das nossas conversas — as dificuldades financeiras e as pequenas conquistas que a vida lhe dava. *Comprei uma casa nova lá no bairro*, me contou certo dia. Perguntei se foi com o trabalho no Porto da Barra que conseguiu, e ela me disse que sim, fora “*as outras coisinhas*” que ela fazia — *coisinhas* essas a que nunca tive acesso. Sônia não costumava ir às segundas, terças e quartas, só se fosse feriado ou acontecesse algo especial. Costumava me dizer que *segunda-feira não dava dinheiro*, alegando que as pessoas *populares* já vinham com suas coisas de casa em seus coolers e que raramente compravam com ela. Focava sua energia nos fins de semana. Sônia era uma ambulante que não perambulava. Sempre sentada em um banco que há mais de dez anos fez ser seu ponto. Começou no Porto por indicação de uma amiga, em um momento em que a grana apertou. Comprou as mercadorias e veio um dia para testar: vendeu bem, conheceu *uma galera bacana* e fez *amizades com os mais velhos*. *Sentavam todos aqui perto, eu trazia uns banquinhos, vendia bem demais, mas depois da pandemia tudo mudou, o Porto não é mais o mesmo, acho que muitos morreram ou não vêm mais para cá*.

Brincava com ela que, quando fosse escrever sobre aqueles momentos na dissertação, o título seria “*No Banco com Sônia*”. Afinal, a seu modo e ao seu redor, toda uma constelação de sujeitos se articulava em torno daquele banco. Segundo um tatuador que sempre passava por ali, o banco de Sônia era o “*Pit Stop do Porto*”. Alguém que ia almoçar, ir ao banheiro ou renovar seu estoque de produtos deixava ali sua churrasqueira, seu isopor, sua grande vasilha repleta de salgados ou, quando a caminhada acabava na faixa de areia e a *vendagem* dava boa, se achegava para fumar um cigarro ou *tomar uma gelada*. *Na espinha mole*, muitos ali permaneciam um tempo, usufruindo do *combustível do trabalhador* — *uma cervejinha*. Trocava-se ali água por salgados, quando a fome batia, favores por cigarros, cervejas por queijos coalhos — e se conversava muito, sobre tudo e mais um pouco.

OS PESCADORES: OS ENSINAMENTOS DE CAPA NICO OU ENTRE ANIVERSÁRIOS, PEIXES E CERVEJA NA COLÔNIA.



Capa Nico com o cigarro e a cerveja, escolha própria para *sair bem na foto*. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

Aos 61 anos, Capa Nico sai do Nordeste de Amaralina até o Porto da Barra para pescar, vender, fritar peixe e, claro, ver os amigos. Com uma camisa branca de vendedor de queijo coalho e um cooler vermelho sempre em mãos, dribla a obrigatoriedade do pagamento do ônibus com a ajuda da amizade dos motoristas, que costumam aliviar para os ambulantes. Depois de uma baldeação pela orla, chega à praia. Desde os 20 anos está nesse ramo. Trabalhou em uma peixaria no próprio Porto da Barra, demolida após as requalificações ainda nos anos 1990. No início, vendia pescados e “trabalhava para os outros”. Hoje, quatro décadas depois, pesca o próprio peixe — duas ou três vezes por semana — para vender na rua e fritar na colônia. Se mete em buscas por “camarão do bom” nas peixarias da cidade, especialmente para clientes paulistas. Leva facas da Feira de São Joaquim²⁸ com a intenção de “passar” para os amigos pescadores, em troca de peixe ou de um dinheiro.

O manzuá²⁹ fica parado na saída da bacia de águas quietas do Porto, esperando a presa. Ainda na parte da manhã, por volta das 11h, Capa Nico toma seu barco e vai conferir se

²⁸ Espaço conhecido na cidade de Salvador como *bom de comprar para vender na rua*, nas palavras de Capa.

²⁹ Tipo de armadilha para pescar.

algum peixe caiu na armadilha. Costuma demorar por lá e, vez ou outra, retorna com um burdião e uma corvina para a sua pequena colônia: um espaço com uma mesa, um balcão, alguns bancos e um barco sempre de cabeça para baixo, que funciona como armário para diversos utensílios — facas, pratos, panelas, isopores, coolers. Os peixes são guardados com gelo e cervejas no mesmo lugar: o cooler vermelho. Ali, ele espera que alguém se interesse em comprá-los. Às vezes, compra também de amigos pescadores para revender aos clientes. Em outras, encontra pessoas desejosas de saborear, ali mesmo na praia, um dos peixes que acaba de adquirir. Capa Nico então pega uma calota de carro antiga, enche de carvão, pedaços de barco, papelão e qualquer outro material inflamável que encontrar por perto, e acende uma pequena fogueira. Sobre ela, dispõe uma panela com óleo ou uma pequena grelha, caso o preparo desejado seja assado. Segue com o preparo: trata o peixe, adiciona limão, sal grosso e um tempero amarelo sobre o qual nunca revela muito. Vai assim mesmo para a grelha, se assado; se for para fritar, o peixe passa primeiro pela farinha de mandioca.

Nesse vai e vem de dinheiro e objetos — muitos que ficam na promessa, outros que se concretizam —, Capa Nico vai vivendo. Vende peixes fritos ou frescos, revende objetos e, de vez em quando, ajusta acordos e trocas, onde todos saem ganhando. Sabe tudo sobre peixe e sobre venda, os dois pilares de sua vida, mas, acima de tudo, entende de copo e de como fazer e manter amizades e relações. Ao seu redor, forma-se uma rede de amigos: pescadores antigos do Porto da Barra, vendedores ambulantes, moradores de rua e prestadores de serviços. Nesse movimento, Capa Nico agencia uma economia particular que vai desde um corte de cabelo a uma fritada de sardinha recém pescada.

Uma cerveja gelada, de preferência Itaipava, quando misturada aos pescados do seu cooler, faz Capa Nico querer partilhar o momento. Ele não demora a fritar peixes e servir aos outros, pois pouco ou nada come. *Aqui não tem essa, é tudo nosso*, afirma Maguila, seu parceiro de Colônia. No entanto, é preciso compartilhar: *abrir a mão, botar alguma coisa*, cortar um tomate e uma cebola, lavar os pratos no mar ou até ir ao supermercado comprar óleo e carvão. Não pode ser *encosto*³⁰, ratifica Capa Nico. A Colônia, fruto da presença constante desses pescadores e clientes naquele pequeno espaço do Porto da Barra — ao lado do Forte Santa Maria — torna-se um espaço de agenciamento de novas tramas e tessituras de objetos, lugares e pessoas. É ali que se

³⁰ Um sujeito que só fica encostado comendo e não *participa*

inventam modos de fazer trabalho, lazer e renda, e se produzem e mantêm redes de relações, amizades e afetos. Nos próximos subcapítulos, veremos mais a fundo esses e outros fazeres.

Carregadores, garçons, donos de barracas, vendedores ambulantes e pescadores têm na praia seu principal espaço de trabalho. Estando nele, não se furtam de inventar formas de estender suas realidades para além da obrigação laboral, mesmo que nas brechas, nos interstícios dos tempos que lhe escorrem pelos dedos ao longo dos dias. E o fazem tramando práticas, emaranhando objetos, entrelaçando desejos. Alguns *vêm para se distrair*; outros não perdem uma *altinha* no meio do trabalho, um banho de mar na hora do almoço ou um olhar cruzado com aquela pessoa que se deseja. Bebem entre amigos durante o expediente, de forma consciente, agenciando relações — como veremos adiante — e não deixam escapar uma cervejinha para comemorar quando a venda *bate certo*.

É evidente que a vida não é fácil no Porto da Barra, todo mundo quer dinheiro e as dívidas são motes de longas conversas: sem falar nos preconceitos raciais, a violência, os constrangimentos com a polícia e com a prefeitura. Há, evidentemente, atravessando os modos de fazer-trabalho aqui descritos, um processo — geopolítico, histórico e global — de precarização do trabalho, como apontam Nogueira e Carvalho (2021). Fenômeno entendido como expressão da crise estrutural do capital, convergindo, globalmente, a um cenário de desestabilização das ocupações estáveis e a institucionalização de formas de subemprego. Essa condição, para os autores, aponta a uma vida precária, marcada pela ausência de segurança no emprego, no trabalho, na habitação, na doença, na incapacidade e na velhice.

Porém, no fazer da pesquisa etnográfica, meus interlocutores, por mais que expressassem suas dificuldades, nunca se rotularam — ou se deixaram rotular — como “precários”. Muito pelo contrário. Nesse fazer próprio sempre deixaram claro que ali *ninguém é besta*. Quero com isso dizer que, no fazer das suas práticas cotidianas — arranjos criativos, modos de viração e gestão de recursos, alianças, práticas de desfrute, peixadas e churrascos — esses trabalhadores e trabalhadoras, enredados em suas intencionalidades, fazem emergir um Porto da Barra particular, criando e recriando naquele espaço-tempo modos únicos de fazer a vida. Nessa agência sugerem novos modelos de existência, deslocando o imaginário que define modos outros de

empregabilidade³¹ como espaços da escassez. Diluindo as fronteiras que marcam as divisões entre tempo de lazer e tempo de trabalho, esses trabalhadores recusam o rótulo de “precários”, afirmando um estilo de vida próprio, afinal: *ruim é não trabalhar de sunga em seu escritório*”.

TECENDO REDES DE RELAÇÕES E CIRCULANDO OBJETOS COM CAPA NICO E GILMAR NA COLÔNIA.

Apono na escada que leva a uma das entradas principais do Porto da Barra, em uma segunda-feira ensolarada de primavera. Na Colônia, Gilmar — pescador antigo e presença constante ali — me aponta o dedo e diz: “Só desça com as minhas fotos, nem venha para cá.” O tom brincalhão da fala me alerta para a cobrança; fazia um mês que não voltava ao Porto. Respondo que as fotografias já estão impressas, que estive trabalhando durante as eleições municipais e, por isso, não pude voltar a Salvador. Passei meses em encontros com os pescadores da Colônia, especialmente Capa Nico e Maguila, dois amigos que a pesquisa me deu. Nesses encontros, estava sempre com a câmera em mãos, fiz fotos dos momentos de lazer deles e fui convocado a “cobrir diversos eventos” — como eles costumavam dizer quando me convocavam — desde aniversários até feijoadas e moquecas de amigos e familiares. Nesse momento, na Colônia, um churrasco havia sido preparado e já se encontrava no fim. Peixes descansavam sobre a bancada de madeira, defronte à balaustrada, aguardando para serem fritos. Amigos, pescadores e clientes se reuniam ao redor da pequena e improvisada mesa, rodeada por cadeiras de madeira e grandes baldes de manteiga com suas bocas voltadas para o chão. Em um canto mais abaixo, sob a sombra de um barco que permanece grande parte do tempo na vertical, coolers de cerveja, isopores com peixe e gelo, instrumentos de pesca, carvão, óleo, temperos, facões e pedaços de madeira se amontoavam.

³¹ Refiro-me a formas de inserção econômica que, embora fora dos marcos do trabalho formal assalariado, mobilizam arranjos criativos de fazer e ganhar a vida. Esses modos de fazer-trabalho, muitas vezes classificados como “informais”, articulam estratégias próprias e, diluindo as fronteiras entre trabalho e lazer, tencionam os signos da escassez e da precariedade, muito comuns no imaginário social.



Uma festa na *Colônia* — Aniversário de Gilmar. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

Capa Nico me pergunta “se estou em condição” de participar, sugerindo a compra de carvão e duas latas de cerveja. Um convite à colaboração, ao início de um processo de trocas agenciado por ele, que visa possibilitar a fritada dos peixes, pescados ou comprados ainda na manhã do mesmo dia. Esse círculo de trocas permite que Capa, ao adquirir o carvão, avance com a venda de peixes para certos clientes que estão ali à espera. Esse ciclo de confiança — uma economia circular — materializado em minha convocação, naquele momento, se apresenta como uma possibilidade de dar continuidade ao negócio e fazer girar — servindo como um capital de giro — o pequeno universo de trocas de produtos que se desenham na Colônia.

Acompanhando Karl Polanyi (1980), esse modo de circulação e troca de objetos descrito contrasta com a lógica dominante das economias de mercado modernas, marcadas pela impessoalidade e pela abstração das relações. Enquanto, nas sociedades ocidentais, a produção tende a se destinar a um mercado autorregulado, no qual os agentes da troca pouco interagem, na Colônia os objetos circulam como mediadores de relações sociais. O peixe, o carvão, a cerveja — mais do que mercadorias — operam como pretextos para encontros, negociações, resolução de conflitos, definição de limites do grupo e produção de redes de relações. Não se trata de bens como fins em si mesmos, mas de objetos que vinculam pessoas, instauram situações e atualizam

compromissos. Nessa perspectiva, a economia não aparece como uma esfera autônoma ou regida por leis próprias, mas como dimensão integrada à vida social. A circulação e a distribuição de bens estão implicadas nas tramas cotidianas dos vínculos, nos modos de produzir relações, amizades e alianças, nos modos de compor aquele coletivo (MAGNANI e SPAGGIARI, 2018).

Por fim, acato o pedido e sigo até o China ³² para a compra. No meu retorno, certos clientes, sabedores da presença do carvão e da fritura dos peixes, se achegam e começam a negociar. Uma pequena posta de vermelho é vendida, frita, por vinte e cinco reais; um burdião grande, por cinquenta. O comprador — um baiano jovem que apresentava a Bahia a um alemão ainda mais jovem — aprova o preço, enquanto o amigo se anima com a experiência. Capa inicia, juntamente ao pedido dos clientes, o preparo de outros peixes menores para os amigos que ali se encontram. A rede de relações que se conforma na colônia é atravessada por diferentes formas de participação: seja pelo aporte financeiro, como na compra de bebidas e materiais, seja pela prestação de serviços — buscar itens, lavar pratos — ou ainda pela força dos vínculos construídos ao longo dos anos. Nem sempre o dinheiro é o que garante o lugar, mas o pertencimento a uma convivência compartilhada.

Ao mesmo tempo em que as fritadas de peixe são vendidas para os clientes, elas se configuram como elementos centrais na construção e articulação de relações. As duas cervejas que busco, junto ao carvão, no China, são igualmente fundamentais para o fortalecimento desse coletivo. Os peixes fritos, assim, não são apenas resultado de uma prática de trabalho voltada para gerar dinheiro — ou, como dizem, *ganhar uma moeda* —, mas também agentes que mobilizam redes de afeto e amizade, originando práticas de lazer. São esses agenciamentos, modos de produção e manipulações, formas de fazer praia, como venho destacando, que constroem e sustentam um coletivo que vive e circula ao redor da Colônia.

É interessante pensar, no que diz respeito aos valores cobrados por Capa Nico aos clientes, que as trocas simbólicas entre eles se revelam no momento em que, de forma um tanto envergonhada, se resolve o preço final da refeição daquele dia. A negociação é delicada, pois, em última instância, representa o ato final de um processo

³² Como são chamadas algumas das distribuidoras de bebidas que ficam ao redor do Porto da Barra. Muitas delas têm chineses como donos.

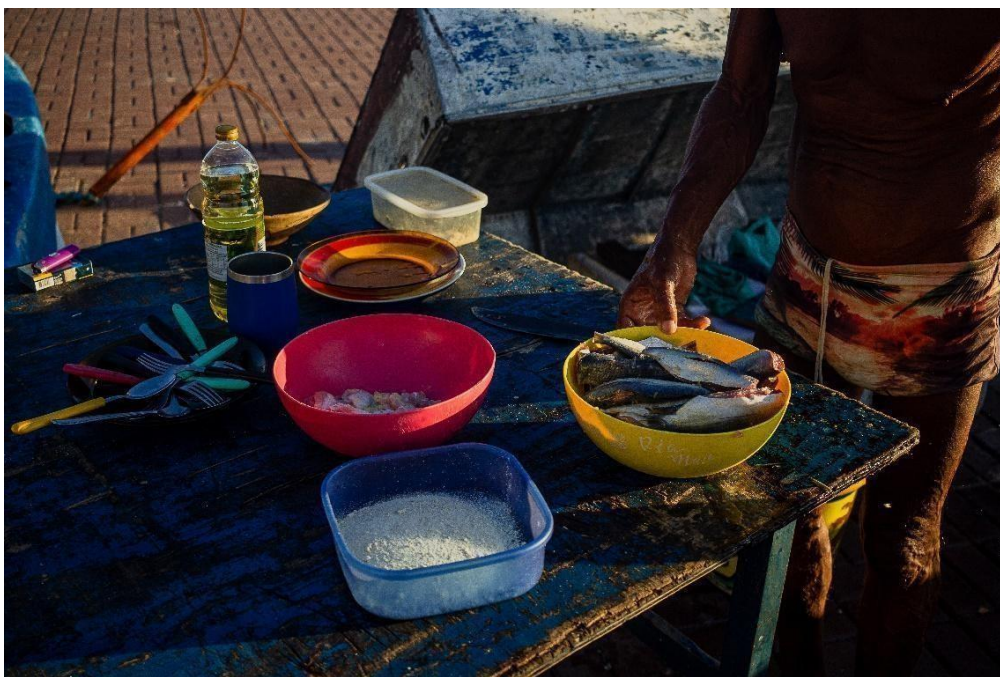
de tessitura que tem como elemento central a produção e manutenção de relações. Nessas interações comerciais, o valor objetivo das mercadorias se desloca, dando lugar a um valor subjetivo, ancorado na interação entre os envolvidos. O preço, portanto, emerge da relação e do *momento* do parceiro, cliente e amigo — evidentemente, quando essa relação existe de fato e se apresenta ao pescador como algo que vale a pena manter e construir. Em dias que eu estava *em condição*, pagava 50 reais; em dias que não estava, comia de graça. Uma frase frequentemente dita que resume essa dinâmica: *só dá se tiver, se não tiver, tá de boa, aqui não tem essa*.

Na Colônia, como aponta Kopper (2015), os cálculos sobre o que pode ou não ser comercializado não se limitam à lógica do que seria mercadologicamente rentável. Assim, os peixes — assim como as feijoadas, moquecas e churrascos — se apresentam como “coisas” (INGOLD, 2012), na medida em que não operam apenas como mercadorias com valor de troca, e tampouco os sujeitos se pensam como meros intermediários de objetos inanimados. Ao contrário, são percebidos como feixes de vida, pontes de comunicação entre compradores e vendedores, mundos passíveis de conexão por meio das trocas, das jocosidades, das conversas e, especialmente, da comensalidade (KOPPER, 2015). Enquanto “coisas” — elementos não humanos em cena, capazes de modificar o curso da ação daqueles pescadores —, as comilanças regadas a cerveja produzem um lastro de imaterialidade, sustentado pelo afeto e pela construção de vínculos, vivido no tempo e no espaço da praia, que transcende o caráter meramente econômico daquelas transações.

Pensando com Picanço (2018), a comensalidade — isto é, a prática de comer e beber em partilha — é um elemento central na operação da reciprocidade e da solidariedade, podendo sustentar modos de vida de todo um povo, além de produzir e reforçar laços de identidade, relações de apoio e amizade. A comida, para o autor, se apresenta igualmente como “coisa” (INGOLD, 2012), no sentido de que pode ser vista como algo tramado relacionalmente, carregando uma vida social particular a ser agenciada pelos atores em contextos específicos. Para Picanço (2018), o complexo da mandioca — em toda a sua miríade de formas de produção — “cumpr[e] um papel relevante na construção de identidades culturais e, ao mesmo tempo, são instrumentos que fortalecem a tradição e os vínculos sociais, produzindo sociabilidades entre os

sujeitos que ali habitam, possibilitando a reinvenção de novos hábitos e práticas” (PICANÇO, 2018, p. 197).

Penso que, no que diz respeito à Colônia, a comensalidade é uma prática central do modo de vida desses pescadores. Esse ato coletivo — calcado na reciprocidade, feito e refeito através da coletivização dos custos da comilança a partir da coleta do que as pessoas podem oferecer — se apresenta como uma possibilidade de, agenciando sujeitos, objetos, alimentos, bebidas e lugares, fazer e refazer laços de sociabilidade, redes de relação, apoio e clientela, assim como sustentar materialmente Capa Nico e seu modo de ser e estar no mundo. Sugiro que uma Antropologia da Alimentação que compreenda os alimentos e suas tramas pode ser um solo fértil para pensar o Porto da Barra. Entretanto, esse fazer transborda o limite desta dissertação, podendo ser mobilizado em futuros trabalhos. Voltemos, portanto, à Colônia.



Capa Nico preparando peixes. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

A fritada está servida e os amigos se achegam para comer. Capa e Gilmar me incentivam, dando-me o lugar de bem-vindo naquela comilança. Nas palavras de Capa, eu *sou irmão, não sou encosto*, isto é, contribuo para a construção daquele coletivo de algum modo — seja com os recursos, com a amizade ou com as fotos. *Encosto* seria quem *não abre o bolso, quem só quer o seu e não bota nada*, ou ainda *quem é gente ruim e não vem para somar*. Belisco minha posta de peixe frito e sinto-me feliz diante daquele alimento feito a várias mãos. Compartilho a mesa com o alemão que luta, não

sem a ajuda de seu amigo, com as espinhas do burdião. Após o fim da comilança, os amigos se despedem de mim e dos pescadores. Na saída, já de costas, um deles indica que irá fazer uma campanha no Instagram para tornar a Colônia conhecida, apontando para Capa Nico e dizendo que ele terá muitos clientes — no que, após o distanciamento dos mesmos, Capa Nico responde aos amigos pescadores: *Deus é mais, não quero gente demais aqui, não. Quero poder chegar a hora que eu quiser e trabalhar de sunga.*

A afirmação potente do pescador, naquele momento de pesquisa, me conduzia a reflexões ainda do início da escrita da dissertação. Era preciso, de alguma maneira, dar vazão aos inventos e tramas de meus interlocutores sem circunscrevê-los somente à chave da “escassez” e “informalidade”, apontando-os como “precarizados”. Era preciso reconhecer um fenômeno oriundo de uma crise estrutural do capital, como apontado por Nogueira e Carvalho (2021), em um contexto marcado pela erosão das ocupações estáveis e pela consolidação de formas de subemprego, sem, no entanto, invisibilizar os saberes próprios dos meus interlocutores, seus arranjos particulares e criativos de fazer a vida. Afinal, como aponta Abílio (2014), são as práticas de “viração”, ou seja, “a provisoriabilidade das ocupações” que, enquanto traço constitutivo da sociedade brasileira, “garantem a sobrevivência” [...], os ‘bicos’ e as ocupações extremamente vulneráveis que estruturam a vida de muita gente” (ABÍLIO, 2014, p. 14). Era preciso, portanto, partir da invenção da prática cotidiana, atento a não inserir, a partir de um discurso homogenizante de precarização, os trabalhadores e trabalhadoras, em sua maioria negros e desprivilegiados em seus acessos a recursos, em um campo limitado de escolhas, destituídos de legitimidade em seus inventos e pouco sensíveis às habilidades, conhecimentos e manobras que estruturam seus modos de vida. Busquei visibilizar esses inventos, optando por descrevê-los e situá-los, sem perder de vista as relações de produção e suas transformações no trabalho.

Com a resposta — um pouco de canto e feita como piada —, Capa Nico afirma toda uma miríade de práticas, um modo de ser e estar no mundo que se encontra em si e ao seu redor: um saber-viver, um saber-trabalho que ganha materialidade e imaterialidade na Colônia, na praia do Porto da Barra. Após a fala e o desdobramento da mesma em comentários jocosos dos pescadores, me despeço de Capa Nico com um abraço. Converso com Gilmar e adianto, antes da próxima bronca, que trarei suas fotografias impressas, tiradas no dia do seu aniversário junto a seus familiares em uma

festança que aconteceu na Colônia — e ele me lembra algo que já havia dito: amanhã tem feijoada.

É terça-feira e me encontro no mesmo lugar, na mesma escada do início deste subcapítulo. Dessa vez, encontro João e Beto — pescadores com quem fiz amizade em minhas idas à Colônia — sentados, conversando em uma cadeira. Digo que estou com as fotos que fiz deles. Me demoro procurando entre tantas imagens³³ e as entrego. Nas fotografias estão: Beto, sentado em uma cadeira num domingo, tomando uma cerveja gelada; João com seu filho; João com sua ex-mulher, Marluvia, e a filha dela. Marluvia se aproxima, e entrego a ela suas imagens: seus filhos em um aniversário improvisado no Porto da Barra, com bolos e doces; sua filha, aniversariante do dia, feliz, cantando os parabéns; sua filha beijando sua barriga grávida. Recebo um abraço de Marluvia enquanto a ouço dizer que levará aquelas fotos consigo, para sempre. João agradece e diz que mostrará ao filho. Beto mostrará às suas mulheres, indicando que ficou bonito. E as imagens, então, transitaram. Como aponta Edwards (2012), essa materialidade, pensada aqui como um objeto relacional, se enreda a outros sujeitos, produzindo novas mediações e redes; sua extensão, portanto, em linhas e movimentos, está além do que a superfície da fotografia exhibe visualmente (INGOLD, 2012). As fotografias se apresentam como objetos táteis e sensoriais que existem no tempo e no espaço, sendo ao mesmo tempo constituídas e constituidoras de relações sociais (GELL, 1998).

³³ As imagens foram impressas em formato 10x15 com bordas brancas.



Marluca na festa de aniversário da filha, que beija sua barriga grávida. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

Me direciono até a Colônia e encontro Gilmar, Capa e Maguila. Todos dizem que cheguei atrasado, que o feijão já foi comprado e está no forno, e ainda brincam, dizendo que eu não comprei nada para ajudar. São uma da tarde, e desde às onze os preparativos já estavam em andamento. Gilmar me intimida, em seu tom brincalhão, mandando *abrir o bolso* e comprar uma caixa de Itaipava. De pronto, digo que irei, subo, pago trinta e seis reais por uma caixa de Itaipava no China, volto e me demoro conversando com Maguila, um desses personagens icônicos do Porto da Barra. Maguila é um dos organizadores das comilanças. Com Capa, formam a dupla que se apresenta como cuidadores da Colônia, revezando entre as funções práticas dos encontros e a proteção do espaço contíguo à enseada.

Enfim, entrego as fotos para os pescadores: Gilmar e sua família, Capa Nico com seu cigarro, Maguila em uma pose icônica. Todos agradecem. Outros, que não saíram nas fotos que trago impressas, me convocam a fotografar seus aniversários, em paneladas “das grandes” que farão em tal e tal dia. Concordo e digo que trarei a câmera, sim, é só chamar. O feijão segue no fogo, a cerveja no isopor misturada com burdiões, vermelhos e camarões. Hoje não há clientes³⁴; a Colônia se reserva a compartilhar para si um momento de lazer. Uma rede de apoio segue mobilizada e mantida por essas

³⁴ Os clientes são sempre bem-vindos, mas nem sempre são a prioridade da Colônia. Por vezes, os encontros são mesmo deles e, para eles, toda via não se recusa uma oportunidade de “fazer uma moeda”.

práticas, atravessada por trajetórias comuns de trabalho e amizade. Um modo de fazer a vida, e conseqüentemente de fazer a praia, é gestado, articulando peixes, cervejas, distribuidoras de bebidas, supermercado, fotografias, feijoada, amigos e clientes. Ligam-se objetos, lugares e sujeitos ao redor da Colônia e de seus inventos, tramas e modos de fazer e ser a/na praia do Porto da Barra.

ENTRE CERVEJAS, CONVERSAS E CAÇADAS: MOBILIZANDO DISCURSOS, MANIPULANDO MATERIALIDADES, E PRODUZINDO REDES DE APOIO NA BARRACA DA PINK.

Em um dia qualquer, no meio de uma semana, recebo uma mensagem no celular. Era Otília. O contato dela estava salvo há quatro meses, o campo ia bem e a interlocução ganhava fôlego. Na mensagem, ela perguntava se eu estava em Salvador e se viria à praia nos próximos dias. Respondi que sim, que pretendia ir à praia ainda naquela semana. Ela me lembra do aniversário de seu filho Felipe — que não aconteceria devido à chuva — e da convocação para fazer as fotografias da celebração. Digo que estarei à disposição. Depois, um pouco ressabiada, pergunta se eu posso lhe dar um adiantamento de caipirinhas, prática que vinha ganhando corpo nos últimos meses. Na proposta, eu lhe adiantaria quarenta reais, para o transporte e a compra das frutas, segundo ela, e no momento que desejasse, na praia, receberia duas caipirinhas. Aceitei e enviei o pix.



Escritório da Barraca da Pink. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

Na mesma semana, degustava as duas caipirinhas na areia, sentado junto ao *escritório* de Otília. Conversa vai, conversa vem, e ela me diz, entre um gole e outro de cerveja: o Porto é uma *cena de veneta*. Adoro a frase e pergunto por que, ela me conta que já viu tanta coisa aqui que ninguém acredita: cenas inusitadas, trágicas, cômicas. Otília embala em uma conversa desconfiada sobre saber quem são os *verdadeiros*, sobre amizade, clientes e pessoas em quem realmente pode confiar. Diz que hoje confia em pouca gente, que mantém um ciclo restrito, fazendo questão de reforçar e construir essas amizades, sem confundi-las, claro, com o trabalho. Afinal, a barraca é cara e ela tem que conquistar seu dinheiro. Estamos na expectativa da chegada de Danilo e Wagner, um casal de professores universitários na casa dos 40 anos, mineiros, que se tornaram padrinhos das filhas gêmeas dos Pink's. Os dois, sabidos do ponto de inflexão de Otília em relação a *mudar os preços* para os amigos, trazem suas próprias cadeiras, por vezes um champanhe, guardado no isopor repleto de gelo do escritório da barraca, sem falar no Kindle e no cigarro, sempre nas mãos.

Após a chegada do casal, comemorada pelas crianças, aproveito para perguntar como eles se conheceram. A história contada foi mais ou menos assim: dois mineiros fisioterapeutas, turistando na cidade de Salvador, resolvem ir ao Porto da Barra tomar caipirinhas. Descem as escadas laterais da praia e avistam uma barraca toda rosa. Se aproximam e são abordados de modo carismático pela dona. Tomam caipirinhas, se divertem, conhecem suas filhas e vão embora satisfeitos para casa. Algum tempo depois, passam em um concurso para professores no IFBA (Instituto Federal da Bahia) e alugam uma casa no bairro da Barra. A pandemia se inicia e o mundo se fecha. Passado o primeiro ano da quarentena, as praias de Salvador começam, pouco a pouco, a reabrir. O casal retorna ao Porto da Barra, ressabiado, de máscaras, com medo do mundo, mas com desejo do mar. Não têm dúvida em qual barraca ficar; descem direto para a Barraca da Pink.

Aqui se inicia o que Danilo e Wagner chamaram de *cuidado*. Com o medo solto no ar, literalmente, os dois queriam se sentir um tanto isolados na praia, escondidos em suas cadeiras. E Otília fazia questão de montar o espaço reservado para eles bem no *cantinho da barraca*, organizava tudo ali e esperava o casal, assíduos e presentes. Cuidava para ninguém chegar perto, avisava aos vendedores ambulantes, de antemão, que eles não queriam nada e, através das caipirinhas feitas e entregues depois de uma

boa dose de álcool em gel nas mãos, no *cantinho da praia*, uma amizade foi nascendo. A pandemia acabou, o verão se abriu e as crianças se apegaram aos mineiros. Resultado: padrinhos das gêmeas, amigos íntimos do casal, confidentes e, acima de tudo, parceiros. Formava-se ali uma rede, tecia-se ali um nó, através do *cuidado*, na manipulação dos materiais e dos discursos, no cultivo da amizade, no resguardo do outro ao seu desejo, na caipirinha bem feita, no papo furado, nas risadas, nas bebedeiras em dias que se pode beber.

Fui percebendo, assim, que a *cena de veneta* que Otília verbalizava passava por ela, espertamente. Havia controle dos acontecimentos. Em outra cena, no mesmo dia, após sair para *caçar* na Avenida Sete de Setembro, Otília voltou com um amigo. Aquela relação parecia estabelecida, uma amizade e um carinho na troca dos discursos. Papo vai, papo vem, ela solta uma frase: *Você me acostumou mal, agora só desce de mão vazia, não traz uma cerveja para a gente.* Miau acompanha: *“Não vai tomar uma hoje não?”* E o rapaz confirma: *“Bota três aí, uma pra cada, mas com o preço bom. A veneta estava sendo feita através do carinho, da pergunta, da construção de um espaço de acolhimento para o cliente. E o preço, diferente dos discursos de outrora, havia sido quebrado, como dizem, a cerveja sairia mais barata. Essa agência era recorrente em Otília, suas amizades eram percebidas como demandas a serem cuidadas e mantidas, assim como demandavam também: preços; cuidados; conversas; etc. Se desejava personalismo e acolhimento — para o cliente — e se esperava fidelização, participação em uma rede de apoio e, por que não, cervejas e um bom papo.*

Esse instante de feitura das relações girava em torno do ato de *tomar uma*, tendo a cerveja como elemento central. Como aponta Latour (2012), os objetos carregam uma história, não sendo apenas intermediários em rede de ações. São eles atores sociais que intentam, em si, à ação a partir de suas próprias agências, desvios e mediações. Eles circulam e tecem redes de significados em contextos particulares. A cerveja é um elemento essencial para pensar os temas que busco refletir aqui nesse relato etnográfico, a saber: as redes de amizade, clientela e apoio que a Barraca da Pink faz e refaz através de discursos, práticas e agenciamento de materialidades; e a mobilização de práticas de lazer na feitura de suas dinâmicas de trabalho.



Miau *tomando uma* com os amigos do bairro. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia

Tomar uma, isto é, sentar conjuntamente tendo a cerveja e o ato de bebê-la como elemento aglutinador do encontro, e conversar a respeito de temas banais, *tirando um lazer* — como meus interlocutores costumam falar — ,é o centro da feitura dessas redes de apoio. É nesse momento que uma intimidade pode ser colocada à baila. As perguntas sobre a vida cotidiana se apresentam como profícuas formas de aproximação: o saber da família, da namorada, daquele emprego, da vida e de como ela vai indo. Há, contudo, uma “gestão do lazer” que se desdobra em certa vigilância dos Pink’s no consumo de cervejas, afinal, enquanto mercadoria, há um custo em cada uma a ser consumida. Essa abertura aos deleites de uma *gelada* depende do nível de dinheiro movimentado, do dia da semana — mais propensos nos fins de semana — e, especialmente, da chegada — “financiamento” — de clientes-amigos que desejam tomar uma coletivamente.

Nesse ir e vir, no qual se articulam discursos, cálculos de custo, não humanos, materialidades e cuidados, Otília e Miau tramam suas redes de clientela no Porto da Barra e aglutinam razões, em uma lógica de trocas, para, mais tarde — caso o mundo lhes resguarde azares no jogo do bicho, caso a chuva resolva cair durante uma semana

sem parar, caso o dinheiro do verão não dure até os idos do inverno gelado — convocar esses sujeitos, clientes e amigos, a participar da rede de apoio desse casal de trabalhadores. *Uberes* são chamados em troca de caipirinhas futuras; ensaios fotográficos de aniversários familiares são arranjados com um antropólogo ansioso por causar boa impressão; um valor é emprestado por um cliente íntimo para que a Barraca da Pink prossiga com as compras básicas de funcionamento, servindo como *crédito* e “capital de giro”; e até mesmo um mural — pintado por um *gringo argentino* — se aglutina a essa rede de trocas e afetos que compõem os modos de fazer-trabalho da Barraca da Pink. Essa tessitura, inclusive, transborda o Porto da Barra e leva Otilia e Miau a circularem pela cidade junto aos padrinhos de suas filhas; Faz emergir imagens que circulam no Instagram de clientes — sempre com alguma demonstração de carinho —, reportagens em jornais locais e matérias no estilo “*melhores bares*” para conhecer Salvador.

Pensando com Certeau (1998), as performances acionadas na produção dessas redes de apoio mobilizam inúmeras “artes do fazer”, modos criativos e situados de agir que desdobram uma “ordem geral da economia de mercado e suas exigências de lucro, em um sistema de trocas estabelecido “na ocasião”, no momento da interação com o freguês” (VEDANA, 2004, p. 109). Um sistema de trocas que se apresenta como um saber-fazer prático. Essas performances acionam relações de reciprocidade e ganham forma em jocosidades, *tratamentos vip’s*, conversas e cumplicidades, e, a partir dessas práticas, tecem-se as redes, afetos e relações. Os bordões são partes interessantes dessa “arte do fazer”. Os diversos tons, emulações de intimidades e personalismo, os *camarotes* oferecidos, *em frente ao mar, sem precisar se mexer para beber*. Na Barraca da Pink, o que prevalece é um chamamento clássico: se aponta para uma cadeira e se diz: *acabou de vagar*. A intenção é ratificar a importância daquele chamado e daquela cadeira. Ou, também, no clássico de Miau, dito em tom de brincadeira quando da chegada de um cliente novo: *Miau, seu garçom no Porto da Barra*.

Como aponta Zelizer (2005), Otilia e Miau, em seus modos de fazer-trabalho, criam vínculos que ultrapassam as interações meramente econômicas, “relacionando de forma fecunda as esferas do dinheiro e da negociação com a esfera dos afetos, [...] e da relação de intimidade” (CARDONI, 2017, p. 50). Acompanhando Cardoni (2017), observa-se que os Pink’s, em suas práticas e discursos, agenciam formas íntimas de relação e negociação, pautadas na formulação de vínculos e intimidades que, emaranhadas nessa trama, emergem como elemento central do êxito da barraca. Os trabalhadores articulam,

assim, uma rede de apoio e clientela ancorada na intersecção entre relações afetivas e econômicas. Essa intersecção, reforço, é intencional, sábia e generosa — dá e recebe.



Desenho feito por um cliente *gringo* para a Barraca da Pink. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024.
Fotografia de Daniel Soglia

A noção de “mundos conectados³⁵”, apresentada por Zelizer (2005), é interessante para pensar os modos de fazer dos meus interlocutores. O conceito aponta para a articulação entre relações afetivas e econômicas nos modos de fazer negócios, destacando como dimensões como o cuidado e os vínculos interpessoais são indispensáveis às práticas econômicas. Aproximo essa reflexão aos agenciamento dos meus interlocutores a práticas nomeadas pelo mesmos como lazer, na intenção última de sustentar e produzir seus modos de fazer a vida, suas rendas e ocupações. Essa produção de arranjos, diluídos em suas fronteiras de tempo-espço, entremeando práticas — intimidades, economia, afetos, desejos, negócios —, permitiu evidenciar formas singulares de acionar o lazer na dinâmica cotidiana de trabalho e nos modos de viver dos meus interlocutores, produzindo contribuições interessantes no campo teórico que mobiliza esse duplo — lazer e trabalho —, como explicado no início deste capítulo.

³⁵ Viviana Zelizer (2005) propõe a noção de *mundos conectados* para descrever a imbricação entre relações econômicas e afetivas. Longe de operarem em esferas separadas, essas dimensões se articulam por meio de circuitos socialmente organizados, nos quais dinheiro, cuidado, obrigações morais e trocas materiais circulam segundo lógicas situadas. Trata-se, assim, de reconhecer que as práticas econômicas são atravessadas por significados relacionais e afetivos, e que as pessoas constroem formas legítimas e moralmente aceitas de combinar tais elementos em seus cotidianos.

Junto a Barraca da Pink essas articulações eram evidentes. Agenciava-se modos de fazer lazer, produzindo momentos de prazer com/para os clientes, na intenção de produzir redes de relações, proteção e circulação que permitia o casal dar conta de tocar adiante o empreendimento, se proteger da sazonalidade climática típica do trabalho balnear, angariar clientes novos — e acessar as redes de relações dos mesmos (professores, advogados, políticos) —, prestar serviços outros, como a venda de esculturas de madeira de orixás feitas por Miau. Os Pink's fundamentam essas práticas em um fazer-lazer com os outros, que, mais adiante, se transforma em um fazer-trabalho responsável por garantir renda e sustento.

Em um manuseio consciente de agrados que se entrelaçavam a essas práticas de lazer, meus interlocutores produzem alianças, amizades e parcerias. Tomando essas redes e arranjos criativos como pontos de partida podemos apontar, em uma aproximação analítica com os “mundos conectados”, para a consubstancialidade emergente das práticas de lazer e trabalho nos modos de fazer praia dos meus interlocutores (ZELIZER, 2005). Desse modo é possível, pensando com e a partir do campo, propor uma desestabilização das associações rígidas desse duplo. Essa torção conceitual se assenta em uma crítica etnográfica a uma perspectiva canônica de lazer que divide, em tempo e espaço, o trabalho e o lazer, limitando a emergência de arranjos novos que ambicionam-se híbridos (MAGNANI e SPAGGIARI, 2018).

No fazer do campo aqui descrito, os modos particulares de agenciar as práticas de lazer, especialmente nos seus encontros com o trabalho, foram visibilizados, contribuindo para ampliar o repertório teórico que informa essas dinâmicas nos meios urbanos brasileiros, especialmente a partir da Antropologia e da Sociologia do lazer, flertando com uma Antropologia e Sociologia do Trabalho. Desvinculando-se de uma interpretação simplista, argumentei, por meio das descrições acima, que as inúmeras tramas possíveis desses engajamentos possuem uma capacidade inventiva que atravessa várias camadas da cotidianidade dos meus interlocutores. Essa leitura, no entanto, só se sustenta se compreendermos o lazer como algo que ultrapassa a simples reposição das energias consumidas no trabalho³⁶, integrando-o às suas dinâmicas de afeto, aos seus

³⁶ O conceito clássico de lazer, partindo de Dumazedier, reforça esse caráter de descanso, assim como define no espaço-tempo, a diferença entre as categorias. “(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

potenciais de produção de renda e de redes, e à sua capacidade de inventar um cotidiano imerso em um estilo único de ver e viver a vida.

Além disso, o lazer é um espaço de engajamento na cidade, onde se disputam imaginários sociais produzindo trajetos e circuitos, inventando identidades, visualidades e modos de desfrute, amalgamando redes repletas de não humanos — caixas de som, cervejas, bonés, água-oxigenada e whiskies. Contudo, essa é outra história, e, para irmos ao encontro do *Porto-Paredão* e seus modos de fazer praia — atores, trajetos, performances, modos de consumo, visualidades — teremos que partir para outro capítulo.

CAPÍTULO 3 — A *BABILÓNIA* EM FESTA: SEGUINDO ATORES, DESCRREVENDO REDES E MODOS DE FAZER PRAIA, DENTRO DO *PORTO-PAREDÃO*.

Nesse terceiro capítulo, me debruço sobre as práticas de lazer que emergiram do recorte que propus nesta etnografia, o *Porto-Paredão*. A partir do campo e do encontro com indivíduos e grupos periféricos de Salvador que frequentam a praia do Porto da Barra, especialmente aos domingos, busco explicitar um tipo particular de composição e articulação de humanos e não humanos, ao redor de suas maneiras de fazer-lazer, suas práticas, associações e redes que envolvem trajetos e performances, modos de consumo, agenciamentos, visualidades. O faço a partir de fotografias feitas em campo, entrelaçando relatos etnográficos e visualidades, tomando as imagens em suas potências e significações, e abrindo margem para novos olhares sobre o Porto da Barra.

CONVERSANDO NA *COLÔNIA* COM MARÇAL: *TÁ NA MODA FAZER SELFIE NA BARRA*.

Tá na moda fazer selfie na Barra, essa galera quer status, quer é pagar de barão por aqui, me disse Marçal³⁷ em um dia de segunda-feira ensolarada, praia lotada, som, suor e cerveja. Ele, músico do Olodum, chegara com amigos, donos de comércio na Lapa, centro antigo da cidade, no intuito de passar mais uma segunda-feira junto aos pescadores da *Colônia*. Entre peixes e cigarros, aventuramos uma conversa sobre os domingos e segundas-feiras no Porto da Barra serem frequentados por moradores do

³⁷ Marçal é amigo antigo de Capa Nico, músico do Olodum e frequentador assíduo da Colônia. Ele aparece com frequência, acompanhado de amigos — donos de pequenos negócios no centro de Salvador — às segundas-feiras, seu dia de folga, assim como o de seus amigos, que também trabalham com música ou no comércio.

Subúrbio da cidade de Salvador, haja vista a distância desses bairros até a Barra. Para ele, não havia sentido, já que tantas praias *bonitas e mais vazias* banham os bairros periféricos da cidade. A única explicação seria um desejo de status social, uma cena, uma performance, registrada em fotografias no Instagram.

Essa frase apontava para uma direção interessante que busquei explorar em meu processo de interlocução. Posicionando a fala de Marçal e olhando para o campo, começava a perceber, junto aos meus interlocutores, a centralidade do ato de ver e ser visto. De ver e ser bem-visto, melhor dizendo. Corpos e marcas de biquínis, roupas, caixas de som, cervejas e whiskies despontavam como articuladores de uma fachada de apresentação na areia (GOFFMAN, 1985). Via ali, nos apontamentos iniciais de uma pesquisa que se iniciava, algo que buscava entender, na participação com meus interlocutores, de certo modo, antes de, então, passar para a escrita. Argumentarei sobre esse tema nesse capítulo, onde me detenho nas práticas, desfrutes e desejos das pessoas que frequentam a praia do Porto da Barra, no que chamo de *Porto-Paredão*. Penso, portanto, que para dar início a essa explanação podemos ficar com essa frase: *Tá na moda fazer selfie na Barra*.

No momento dessa conversa, buscava compreender as motivações de meus interlocutores estarem no Porto da Barra, saírem de tão longe, muitas vezes com duas ou três conduções, para chegar até ali. *Eles querem status social*, diria Marçal em suas explicações sobre ser o Porto uma praia do *povão*. Porém, nas conversas com os moradores no bairro, feitas em momentos fortuitos do campo ou até mesmo fora do espaço do Porto, sempre algo escapava. De um lado, críticas abertas e sem pudor sobre os *selvagens que invadem a praia trazendo farofa*, de outro, *uma praia democrática onde se inventa o comum, miscelânea de gente*. Os dois pontos de vista dos moradores da Barra, exageradamente polarizados aqui, diziam sobre encontros e tensões, invenções atravessadas por marcadores de raça e de classe. Percebia que algo estava sendo criado ali, movimentado, gestado, e o meu olhar tateava o campo.

A pesquisa se aprofundava e tentava cada vez mais me aproximar de outras perspectivas sobre esse tema. E elas foram surgindo: *o melhor banho da cidade; um pôr do sol maravilhoso; água parada para as crianças*. Interessado no *Porto-Paredão*, percebia elementos constitutivos do mesmo, mas me faltava algo. Conversando com um frequentador em um dia de domingo, após ter atravessado uma semana de leituras sobre

o bairro da Barra e sua história, algo interessante surgiu, dizia ele: *O Porto é um bom lugar pra gente fazer a mídia, fazer o marketing, todo mundo se encontra aqui*. Esse conceito nativo, *fazer a mídia*, me aparecia pela primeira vez. Dizia sobre a produção da mesma fachada de apresentação que eu percebia na entrada em campo, as feitura de si em performances para o mundo, vendo e sendo visto. Mas ali, no início de tudo, ainda não levava em conta um elemento central: o próprio Porto da Barra.

Os modos de fazer praia do *Porto-Paredão*, ancorados em performances de poder que mobilizavam consumo e estética e visualidade, articulavam uma rede de actantes, que incluía o próprio Porto da Barra, enquanto espaço de centralidade urbana, agenciando e compondo o *fazer mídia* com a praia e com o bairro. Por meio dessas associações entre a praia e as mídias, especialmente as digitais, meus interlocutores produziam a si mesmos, fazendo e refazendo suas imagens no jogo de *fazer seu marketing* em uma praia que *dá mídia*. A frase de Marçal permanecia comigo. Contudo, para mim, ela já não dizia respeito apenas ao desejo por status social — entendido de forma pejorativa —, mas apontava para um movimento de invenção de si, que agenciava o Porto da Barra, o bairro e toda uma lógica simbólica de poder na cidade, a fim de produzir outra narrativa sobre o próprio sujeito.

Retomando o primeiro capítulo desta dissertação, trago a produção das visualidades ali apresentadas e para como elas atuam como contra-narrativas que tensionam e reinventam um discurso dominante que constrói um 'outro', enquanto negro e periférico, conforme apontado por Collins (2000). Esse discurso de outridade — apresentado na Introdução desta dissertação — informado por uma desqualificação simbólica e relacional marcadamente racista e articulada por ideias como *desordem*, *bagunça* e *invasão* — fortemente associada às camadas mais pobres, negras e periféricas de Salvador — era tensionado pelas novas representações construídas por esses sujeitos por meio de suas produções simbólicas e visuais (SAMAIN, 2003; ALCÂNTARA, 2005). Através do consumo e das performances, projetavam-se poder e prestígio, fazendo e refazendo imagens de si mediante lógicas próprias, modos particulares de ser e estar na praia.

Tudo me levava a pensar como os trânsitos dos meus interlocutores em suas práticas de lazer recriavam o Porto da Barra mediante novos modos de agenciá-lo, inventando, igualmente, a cidade e a presença deles nela. O lazer se apresentava,

portanto, como um elemento central do fazer-cidade — esse encontro de trajetórias múltiplas que se entrecruzam no espaço, articulando sentidos, compondo redes humanos e não humanos em movimento (MASSEY, 2004, LATOUR, 2012, AGIER, 2015). Como aponta Magnani (2018), as práticas de lazer — quando pensadas em toda sua composição — emergem como esfera de produção da cidade vivida: interligando casas, bairros, praias, praças; tornando-se campo de formulação e manipulação de identidades e sociabilidades; tecendo redes de apoio e relações; compondo espaços de engajamentos e modos próprios de ser no mundo.

Se antes eu imaginava que esses modos de apresentação e performance na areia da praia eram mobilizados em razão de uma disputa política pelos espaços públicos da cidade em uma dinâmica periferia-centro, de modo intencional e verbalizado, e ansejava, no início da dissertação, por uma interlocução que politizasse essa posição, ainda que de forma equivocada, é porque me faltava a compreensão de que a esfera do lazer, em seus trânsitos e modos de fazer, também era política. Por mais que o bairro reaja às *invasões dos suburbanos*, como alguns moradores da Barra me disseram, esses frequentadores do Porto-Paredão seguem, com o corpo e a presença, em seus modos de ser e estar no mundo, tensionando os imaginários hegemônicos — ancorados em uma lógica racializada de exclusão — no/do próprio Porto da Barra. Pela via do lazer e das teias que o permeiam — identidade, trajetos, modos de desfrute, redes de relações, consumo e performances —, esses sujeitos vivem e, ao viver, inventam uma praia, sob tensão, mas repleta de criatividade e dinâmicas próprias. Apropriam-se da cidade e dos seus espaços públicos, questionando referentes de visualidade, reagem ao “efeito território” de uma cidade segregada, re-inventam na areia, por entre novos/outros códigos estéticos e simbólicos, noções de poder e prestígio (MOREIRA DE CARVALHO, 2015; PINHEIRO-MACHADO E SCALCO, 2014).

UM PEQUENO PASSO ATRÁS PARA SEGUIR ADIANTE: RETOMANDO OS OBJETIVOS DA PESQUISA

Nessa seção da dissertação, pretendo lançar luz sobre essas agências, redes e invenções mencionadas acima, assim como suas implicações no modo como podemos nos aproximar e conhecer o Porto da Barra a partir do Porto-Paredão. Observo também um conjunto de arranjos singulares mobilizados no fazer-lazer dos dias de desfrute praiano de meus interlocutores, aos domingos e às segundas. O Porto-Paredão emerge por entre espacialidades e temporalidades na faixa de areia da praia. Seguindo banhistas

vindos de bairros periféricos da cidade de Salvador ao Porto da Barra, especialmente nos fins de semana, procurarei explicitar um tipo particular de composição e articulação de sujeitos, humanos e não humanos, ao redor de suas maneiras de fazer, suas práticas de lazer, suas associações e redes. O interesse residirá em pesquisar quem são essas pessoas e quais são suas práticas, estratégias e ações adotadas para articular e construir seus modos de fazer praia, e de que maneira esses indivíduos significam e percebem suas experiências. Detenho-me, portanto, nas identidades inventadas, nas visualidades e nos modos de desfrute, e em toda uma gama de não humanos — caixas de som, cervejas, bonés, whiskies, energéticos, comidas — que se articulam a esses modos. Busco dar conta, portanto, da descrição dos sujeitos, dos trajetos e performances, dos modos de consumo e visualidades.

Detenho-me, assim, nos desdobramentos do conceito de lazer que emergiram no trabalho de campo etnográfico e nas novas concepções que vieram à tona com ele. Essa seria uma contribuição importante deste capítulo. Em suma, as práticas de lazer dos meus interlocutores não se limitam à concepção restrita de lazer que, conforme já discutido nesta dissertação, é entendida como o “descanso do indivíduo após a realização de suas atividades de trabalho, educação e satisfação de suas necessidades básicas” (ALMEIDA, 2021, p. 226). Elas se apresentam como elementos disruptivos, reinventando representações no/do próprio Porto da Barra e configurando-se como espaços de agência da cidade a partir de suas linhas e movimentos desde pertencimentos periféricos (INGOLD, 2015). Nesse fazer-lazer, produzem-se trajetos e circuitos, engendram-se performances e disputas simbólicas e estéticas, e, a partir dele, reinventa-se um “outro” e um Porto da Barra que, à contraluz de sua representação hegemônica, se faz ver, recriando a si mesmo, tendo a praia como mote. Portanto, pretendo, neste capítulo, dar a ver as nuances que atravessam a esfera do lazer no campo etnográfico, as tensões e elaborações de um saber-fazer particular.

CAMILA PRISCILA FAZ ANIVERSÁRIO: ALGUNS MODOS, TRAJETOS E ATORES EM UMA PRAIA QUE COMEÇA MUITO ANTES DO PÉ NA AREIA.



Camila Priscila e sua família. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia.

Uma grande família evangélica se aproximou da barraca de Miau e tomou cadeiras e sombreiros na frente do mar. Trouxeram tudo de casa, farofa, carne, churrasqueira, piscina, salada, feijão, arroz, energético, água, refrigerante, picolé, brinquedos para as crianças. No total, eram sete pessoas; vieram de Pernambúes: três crianças, duas adolescentes, um homem e uma mulher, na casa dos quarenta anos. Vieram uma parte de Uber e a outra em uma moto, o casal. A mulher fazia aniversário, disse que conseguiu a folga, porque considera esse dia sagrado e negociou com o patrão. Chegaram por volta de meio-dia e saíram por volta das cinco da tarde. Ela me contou que começou a preparação para a pequena viagem até o porto às seis da manhã, saindo para comprar os materiais para a comilança, preparou tudo e acabou por volta das dez da manhã, iniciando os movimentos para a vinda. Uma caixa de som tocava louvores no centro da mesa. Perguntei por que o Porto e eles me responderam que as águas eram calmas e ótimas para as crianças. Quando perguntado o que gostava de fazer ali na praia, me respondeu que não saía da mesa, somente para entrar no mar e voltar, não bebiam. Miau falou que eles não compraram nada na barraca dele, somente pagaram pelas cadeiras e sombreiros, cadeiras por volta de sete reais, sombreiros entre dez e quinze, isso sem conversa, com conversa esses preços podem cair. A família não se locomoveu no Porto, ficaram de fato naquele lugar, somente indo e voltando da praia, conversando, tirando fotos, se alimentando e bebendo energético com guaraná. (Caderno de campo, 31/01/2024).

Camila Priscila fazia aniversário e, após negociar a folga com o patrão, decidiu passá-lo no Porto da Barra. Era um dia de quarta-feira, *infelizmente*, segundo ela. Camila Priscila mora em Pernambúes, um bairro periférico da cidade de Salvador, a cerca de uma hora da praia do Porto da Barra. Subiu na moto com seu marido às 10 da manhã, não antes de solicitar um carro de aplicativo para acomodar sua filha, a enteada, a sobrinha da namorada da filha e a sobrinha do padrasto — todas sentadas com cuidado, apertadas entre vasilhas, churrasqueiras, piscinas e brinquedos.

Engana-se quem acredita que a praia começou às dez da manhã. Segundo Camila Priscila, há mais de uma semana já se *aprontava* o dia de praia. Era preciso reunir a família e toda a parentela próxima para dar conta de decidir quem poderia ou queria ir. Além disso, era preciso lembrar ao patrão aquela folga combinada *anualmente* no dia do seu aniversário. A praia, para ela, começava com a ausência do trabalho. A partir daí, ia se formando o coletivo — com enteadas e sobrinhas se juntando ao grupo — que partiria para aquela pequena viagem intermunicipal, rara no cotidiano da família. Eles iam pouco à Barra, reservando esse espaço a ocasiões especiais. Camille, filha de Camila, não conseguiu *trazer sua namorada*, pois a mesma ficou *pegada no trabalho*, aponta ela. *Trouxe*, porém, a sobrinha da namorada, *para aproveitar o mar calmo do Porto*. É com Camille que iniciaria a conversa que iria desembocar na interlocução que descrevo, mas, por enquanto, voltemos para Pernambúes.

É terça-feira à noite e a carne já está sendo preparada e separada em vasilhas. As *peças* foram compradas no mesmo dia, no açougue do bairro, e ficaram reservadas na geladeira. Prepara-se também o *molhinho para o churrasco* — uma mistura de cheiro verde, vinagre e outros temperos. Tudo já separado para que, no dia seguinte, as coisas andassem rápido e a família conseguisse chegar o quanto antes na praia. Camila Priscila ainda precisa *acordar de manhã cedo* para ir ao supermercado comprar as verduras da salada e fazer a farofa. O marido já comprou o carvão, está quase tudo pronto antes de dormir. É descansar para *aguentar a praia*, como ela diz, afinal, *vai até às cinco da tarde: o dia todo de sol*. No dia seguinte, acorda cedo, corre ao supermercado, inicia os processos: corta, frita, faz a farofa e a salada, tempera a carne, reúne brinquedos, pratos, garfos, compra o energético, o refrigerante, enche o vaso de água. Manda o marido trazer a churrasqueira e a piscina. Chama o Uber e acomoda os mais novos — por sorte, cabe tudo no porta-malas. Pega a moto — são dez horas da manhã —, passa o protetor e *partiu*.

No canto direito da faixa de areia — onde se forma uma escada tortuosa pelas pedras — a família desce carregando uma *parafernália* de coisas, nas palavras de Miau, para se acomodar na Barraca da Pink. Nesse momento, a foto que inicia essa exposição é tirada. Converso um pouco com Camille, mostro a imagem, explico os meus interesses de pesquisa e indico que posso tirar mais fotos, caso desejem. Todos se animam, afinal é aniversário de Camila Priscila e um fotógrafo particular cairia bem.

Me convidam a essa posição, assumo-a sem pensar duas vezes. Retorno à Barraca da Pink para me preparar para o trabalho. Eles se ajeitam nas cadeiras alugadas por sete reais, fincam na areia um sombreiro alugado a quinze reais, abrem a churrasqueira para acender o fogo e reservam uma mesinha para as vasilhas, pratos, energéticos e refrigerantes. No centro, colocam uma caixa de som — pequena, mas potente — tocando um louvor. Camila Priscila é uma mulher evangélica e negra; sua filha, assumidamente lésbica.



A mesa de aniversário e os inúmeros objetos que a compõem. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023.
Fotografia de Daniel Soglia.

Na espera para iniciar os trabalhos como fotógrafo de aniversário, me sento ao lado de Miau, na Barraca da Pink. Ele me diz que tem certeza que eles não comprarão nada, que vieram somente para alugar as cadeiras e trouxeram tudo de casa. Isso de fato se apresentaria como verdade. A esses clientes é dado o apelido de *couro de rato*³⁸. Se costuma dizer que domingo é dia *deles*³⁹. Mais adiante, nas conversas que tive com Camila Priscila, percebi que a frequência dela nas idas ao Porto é, de fato, aos domingos. O único motivo de ela estar ali, numa quarta-feira, é o seu aniversário,

³⁸ Uma referência pejorativa a quem não tem dinheiro, não consome nas barracas, e só pega cadeira alugada. Fortemente ancorado em um marcador de classe e de raça.

³⁹ Aponto aqui uma aproximação com a produção de outridade descrita por Collins (2000), ao evidenciar como sujeitos negros são construídos como “outros” dentro de determinadas estruturas simbólicas e sociais

especialmente pela folga que recebeu no trabalho. Há várias implicações nessa nomenclatura e cabe falar um pouco sobre ela.

Esse modo de nomeação não é acionado com outros banhistas que cultivam as mesmas práticas de consumo. Muitos só praticam esportes, ou leem livros, não consumindo nada nas barracas, porém não são lidos nessa chave. Essa qualificação recai sobre pobres e pretos muito mais que sobre “consumidores”. São os modos de desfrute — e suas imbricações com raça e classe — que serão acionados na significância dessa nomenclatura. Para Alcântara (2005), o termo “farofeiro” — e aqui busco uma aproximação com o termo “couro de rato” — integra uma narrativa de desqualificação simbólica associada às camadas mais populares, em sua maioria negras, e está centrado na estigmatização de seus momentos de “farra”. Portanto, não basta apenas não comprar; é preciso, como aponta Huguenin (2019), expressar em seus modos de fazer praia um comportamento de classe, manifestado, muitas vezes, em associações particulares com não-humanos — farofa, cooler, caixas de som, etc. — para se compor como *couro de rato* ou “farofeiro”.

Depois de me preparar para as fotografias — trocando as lentes e o cartão de memória da câmera — me aproximo da família. Me sento junto a eles e retomo os meus interesses, lhes explicando um pouco da dissertação. Ouvem com atenção, mas estão mesmo interessados nas imagens, é claro. Um lugar naquele encontro já me havia sido reservado: o fotógrafo do aniversário. Valendo-se do espaço do Porto da Barra produzíamos registros daquele momento, cenas de amor, carinho e descontração. Camila e Camille fazendo corações com as mãos, tendo o forte Santa Maria ao fundo. Camila abraçada pelo marido, no mesmo quadro da foto anterior. As crianças também aparecem, correndo para serem fotografadas. Por alguns minutos, fico ali registrando aquele aniversário na praia.



Camila Priscila e sua família. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia.

Após a sessão de fotos puxo uma conversa com a família. Um tanto deslocado em minhas perguntas busco entender as relações deles com a praia, seus modos de desfrutá-la. Esse momento, frequentemente experienciado na pesquisa, trazia consigo duas dificuldades da dissertação. A primeira delas diz respeito ao estabelecimento de contatos longínquos e duradouros com meus interlocutores: muitos deles vinham ao Porto da Barra poucas vezes ao ano — como no caso da família de Camila Priscila — e, ademais, estavam em um contexto particular de lazer que dificultava a minha interação. Sentia, por vezes, certo deslocamento, haja vista a cena de descontração estabelecida na praia. Busquei, portanto, estabelecer relações por meios digitais, utilizando os celulares ou redes sociais dos meus interlocutores. Desse modo, encaminhei perguntas e estabeleci outras conversas que, no contexto da praia, não se apresentavam possíveis. Ademais, foi através das redes sociais que consegui encaminhar novos encontros. Camile me deu seu número para o envio das fotos e por ali pude reencontrá-la no Porto.

A outra dificuldade foi, sem dúvida, essa que seria uma das perguntas centrais da pesquisa: por que o Porto da Barra? Junto a Camila e sua família, ainda no início do trabalho de campo, as respostas a esse questionamento soavam um tanto respondidas a pronto, algo por dizer: *pelas crianças; o mar é calmo e bonito; o pôr do sol é maravilhoso*. Fazia sentido naquele contexto, mas faltava substância. Entretanto, no convívio com outros interlocutores, fui me atentando a certos discursos e práticas que

atravessam aqueles fazeres. Um não-dito que perpassa, inclusive, as imagens. Algo que Camila me convidou a participar, de forma conjunta, ao me designar como fotógrafo particular de sua festa de aniversário — mesmo que, naquele momento, eu ainda não tivesse repertório suficiente para compreender os porquês. Mais adiante, no decorrer da pesquisa, os trânsitos dos meus interlocutores em suas práticas de lazer — assim como as visualidades que construía sobre si, em articulação com o próprio Porto da Barra — emergiram como espaços de negociação de identidades, e eu, ao revisitar aquelas imagens, passei a compreendê-las melhor.

Após as perguntas deslocadas, e com boas respostas e interações com a família, pude permanecer ali, passando um tempo com eles, servido, inclusive, do belo churrasco oferecido a mim *em troca das fotografias*. Observando os movimentos de Camila e sua família, entre conversas, cheiros e sonoridades, revisito nas memórias os inúmeros momentos em que ocupei essa posição — sentado na areia, por vezes deslocado, entre grupos de frequentadores do Porto da Barra. As imagens memoradas, produzidas nas práticas de lazer de meus interlocutores, vão formando um ciclo particular: o corpo quente na areia procura o mar para um frescor, na volta, o corpo molhado acomoda-se nas cadeiras azuis, as mãos, por sua vez, buscam a carne e o copo, no desejo de saciar a boca, as conversas são retomadas até que o corpo, novamente acalorado, retorne ao mar em busca de frescor.

Esse ciclo alonga-se a depender dos encontros no mar, espaço onde a permissividade do contato, das conversas puxadas sem querer, se apresenta mais propensa. Nesse tempo vivido conjuntamente com Camila Priscila, percebo que sua família não estendeu relações a mais ninguém na praia. Ficaram entre si, deliciando-se em um ciclo de prazeres corpóreos: o sol, o calor, a água gelada do mar, o refringente, o churrasco, os salgadinhos, o acarajé, o queijo coalho. De um lado, todo o transpassar sensorial do corpo, prazerosamente vivido na pele, na boca, nos ouvidos, de outro, o olhar como ferramenta do deslumbre, pairando vistas sob a beleza da praia.

Um modo de fazer praia que, convocando toda uma *parafernália* na sua feitura, mobiliza toda uma rede de relações — humanas e não humanas — para produzir trajetos e associações, dentro e fora do Porto. Um fazer-lazer que se compõe, entrelaçado a uma cadeia particular de processos, articulando a praia à cidade de Salvador, seus comércios e bairros periféricos. Um fazer-se que agencia fotos e fotógrafos. Camila Priscila, entremeada a tudo isso, faz valer seu aniversário em plena

quarta-feira. Se diverte entre idas e vindas no mar, entre copos e mais copos de refrigerante e energético, sob o som de inúmeros louvores. Terminado o churrasco oferecido pelo marido de Camila, e feita as inúmeras fotografias do aniversário, sinto que é hora de me retirar. Observo ainda a movimentação da família. Saem às cinco da tarde após pagarem as cadeiras e o sombreiro. Acomodam, no porta-malas do carro por aplicativo, os tantos objetos mobilizados na realização do aniversário. Me despeço, agradecendo o almoço, e garanto que no dia seguinte lhes envio o book de registros da aniversariante.

O BAR DO TUDÃO: ESPACIALIDADES, SONORIDADES E MODOS DE DESFRUTE.



Deise e sua caixa de som no Bar do Tudão. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia.

Envio uma mensagem à Deise por meio do seu perfil do Instagram, havíamos trocado contatos dias antes na praia. Estou interessado em compreender as práticas e temporalidades acionadas por ela em seus dias de lazer no Porto. A resposta vem direta: *só vou nos domingos, e vou mesmo pelo som*. Essa certeza nas palavras despertaria em mim um estranhamento. Deise, em suas redes sociais, tratava a caixa de som como *filha*, fazendo questão de assim nomeá-la. Procurava peças novas para aumentar sua potência e a enfeitava com adesivos, trocava as luzes frontais e postava todas as novas

estilizações/aquisições em seu Instagram. Lembro-me da primeira vez que a vi, no início da pesquisa, uma cena bastante interessante, que busco descrever aqui, intercalando temporalidades do trabalho de campo e reunindo informações que, ao longo do tempo, foram sendo articuladas ao relato.

Domingo de sol e um táxi aponta no Porto da Barra. Dele descem quatro meninas vindas da Liberdade — maior bairro negro do mundo fora da África —, jovens e negras, na casa dos vinte e cinco anos. Vestem biquínis e cangas. Descem do táxi com as mãos cheias: coolers, bolsas, bonés, óculos e outras parafernalias praianas. Imaginei comigo mesmo o porquê de todos aqueles objetos não estarem no fundo do carro, afinal eram quatro pessoas se apertando entre eles. Eis que a porta do fundo se abre e Deise retira sua caixa de som, deixando claro o motivo do aperto. A caixa ocupava todo o porta-malas, restando a parte interna do carro para o restante dos objetos. Uma caixa que me pareceu, naquele momento inicial, grande demais para não ter uma bateria externa. Imaginei que seria necessário estar perto de uma tomada para ela funcionar. Naquele momento, porém, ainda não conseguia perceber a perspicácia sonora que atravessava o Porto da Barra.

A primeira ação do grupo foi dirigir-se às distribuidoras para se abastecer de bebidas — prática comum entre a maioria dos meus interlocutores na pesquisa. Compraram cervejas, gim, whiskies, gelo, cigarro, água, salgadinhos, amendoins, etc. Normalmente, pensando aqui no recorte do *Porto-Paredão*, o único item negociado na barraca de praia é a caipirinha, para além, claro, do aluguel de cadeiras e sombreros. O vai e vem de coolers e sacos com cerveja e gelo é intenso nas escadas do Porto. Poucos são os que não passam nas distribuidoras antes de *descer para a areia*. Os preços são discrepantes, se na distribuidora uma cerveja não passa de quatro reais, na areia ela não é vendida por menos de oito.



O sobe e desce de coolers. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia.

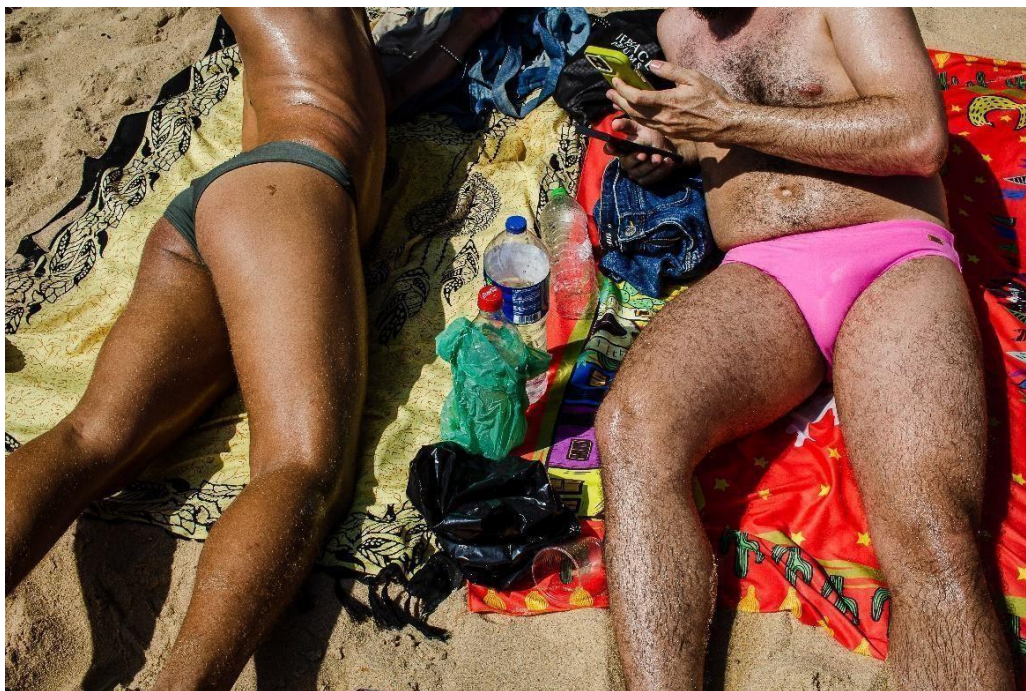
Após abastecerem os coolers, Deise e suas amigas *descem* para a Barraca da Ilma, a *Dinda do Povo*, como ela se denomina. Nas palavras de Will, garçom da Barraca da Ilma e *filho de consideração* da mesma, aquele espaço particular seria o *Bar do Tudão*, *lugar onde tem de tudo, puta, travesti e viado*. Essa espacialidade na faixa de areia do Porto da Barra se apresenta, junto aos meus interlocutores, marcada e nomeada. Diversas práticas e materialidades são mobilizadas nessa diferenciação. Uma bandeira com as cores da comunidade LGBTQ+ estendida em um mastro de madeira, bem no centro desse espaço, demarca simbolicamente a *Babilônia*, como muitos a chamam. Modos particulares de fazer praia, raça, gênero e orientação sexual compõem o universo de suas descrições. É ali, também, o espaço mais cheio da praia. Há pouco espaço pessoal e os banhistas se sentam muito próximos um do outro. Inúmeras sonoridades, água-oxigenada e pegação. Ali é o *fervo*, onde se procura *um homem para pagar suas contas, uma boca para beijar*.

Ilma, a *Dinda do Povo*, intencionalmente, a partir do acionamento de estratégias particulares, faz e mantém essa espacialidade funcionando. Ela e seu marido, Afonso, agenciam bandeiras, camisas, fitas adesivas e todo um discurso para tecer uma rede de relações complexas que engloba a comunidade LGBTQ que vem ao Porto. Fidelizando clientes por meio de suas performances e discursos, acabam por tecer o imaginário que compõem o Bar do Tudão. A *embaixadora dos viados do Porto*, com sua presença e seu carisma, produz uma espacialidade particular, locus de segurança e acolhimento,

reconhecido como *um dos melhores points LGBT+ da cidade*. É interessante pensar como, através do agenciamento de discursos e redes, partindo dos seus modos de se apresentar no mundo, surgem, ao redor destes donos de barraca, pequenos universos de práticas e símbolos, pensados aqui como espacialidades específicas no Porto da Barra. Bairros, grupos particulares de amigos, esportes específicos, profissões e amizades com os próprios donos de barraca são alguns dos elementos mobilizados nessas práticas, os quais, infelizmente, não poderei explorar em sua totalidade nesta dissertação.

Meus interlocutores vivenciavam essas espacialidades desde dentro, construindo laços de amizade e fidelidade. *Batiam ponto* nas barracas e estabeleciam relações com outros clientes que também frequentavam regularmente essa mesma faixa de areia. Cada dono de barraca, em seus modos de fazê-la, produzia uma rede que se conhecia. Essa rede expandia-se tanto para os barraqueiros como para os muitos *re-conhecidos de praia*. Acenos e conversas eram componentes de reconhecimento no interior dessas redes. Essas aproximações, por vezes, geravam interesses que descambava em flertes⁴⁰ e troca de olhares. A *puxada de papo* se dava com tiradas espertas e piadas muitas vezes partindo dos homens: *não querem que eu tire a foto pra vocês, não, meninas? É melhor sair todo mundo junto*.

⁴⁰ *Beirar* era um conceito nativo ligado ao flerte. Consistia em sentar-se em cadeiras ou sombreiros próximos aos sujeitos com quem se desejava iniciar uma conversa e, a partir de situações oportunas — como uma boa música ou a passagem de um ambulante que mobilizava a roda —, lançar uma piada ou um comentário que abrisse espaço para a interação. Beirava-se o outro intencionalmente, buscando proximidade e abertura. No flerte, o mar era considerado um espaço mais propício para engatar conversas. O movimento da maré e a aproximação involuntária dos corpos borravam as fronteiras individuais e grupais que a areia — com suas cangas, cadeiras e sombreiros — delimitava. Ali, iniciavam-se interações que podiam resultar em trocas de contatos ou encontros posteriores, como um *after* no *Bar das Putas* ou no *Sofã da Hebe*.



Casal de namorados deitados na areia. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia.

Deise, mulher negra e lésbica, ostentava uma das maiores e melhores caixas de som do Porto da Barra. Todas às vezes que a vi, e conseguimos conversar, se encontrava no *Bar do Tudão*, na *agonia gostosa* — como dizem muitos dos meus interlocutores — com sua caixa de som, cercada de bebidas, sempre de óculos escuros e *bem trajada*, filmando⁴¹, muitas vezes, a si mesmo e aos outros que estavam com ela. Deise, diferente da família de Camila Priscila, buscava expandir sua sociabilidade aos desconhecidos e *re-conhecidos* do Porto, na intenção de compartilhar uma experiência comum a partir do acionamento de uma rede de relações, alargando-a, se possível e desejado for, através dos encontros na areia. Despojada e com os relógios à mostra, sempre junto a sua caixa de som, sentava-se observando a praia, bebericando um dos grandes copos coloridos que amontoavam-se na mesa a sua frente.

Seu olhar atravessava a areia. Entre um copo e outro, chegavam conhecidos e desconhecidos, atraídos pelo desejo de fazer parte da farra. Buscava-se ali, para além de um prazer sensorial mediado pelo corpo, a invenção de múltiplas formas de celebrar a partilha e o tecer de uma rede de relações em vias de alargamento. Conformava-se, assim, um emaranhado de processos, atravessados por um hedonismo praiano,

⁴¹Era comum que Deise e seus amigos fizessem lives no Instagram. Essas transmissões duravam bastante tempo e geralmente exibiam as mesas repletas de bebidas, caixas de som, whisky, energético e outros itens. Muitas das amigas de Deise dançavam, enquanto ela e outros filmavam a si mesmos e os demais entre um goles e goles de bebida

organizados em torno da exploração de prazeres corporais. O corpo e o olhar, dentro dessa trama, assumiam papéis centrais. Com a garrafa verdinha sempre nas mãos, o olhar corria solto. Era importante ver, assim como ser visto — ou melhor, ser bem-visto. Tendo o prazer como eixo condutor, era tocar e deixar-se tocar pelo mundo de sensibilidades possíveis. Nesse vai e vem hedonista, toda uma miríade de sujeitos dançava uma última dança com Dionísio, fabricando a domingueira, ou melhor, a saideira. A realidade era elástica, ampliada em seu campo de possibilidades. Nos cenaiors que o Porto-Paredão emanava, a invenção da vida confundia-se com a invenção de si, em uma dialética inexoravelmente posta. Era até possível, como me disse Antônio, numa terça-feira ensolarada, viver um dia de rei.

Antônio — nome fictício — me pediu uma cerveja ontem e prometeu que, caso eu viesse ao Porto da Barra hoje, terça-feira, ia descer uma caixa. Cumpriu. Estava com Jesus em sua barraca, conversando e tocando violão, quando ele desceu a escada com dois amigos, sentou-se em uma das cadeiras e abriu o cooler repleto de cervejas. Mandou que eu me *servisse à vontade*, peguei uma, agradei e continuei a prestar atenção nas notas do violão de Jesus. Lembro-me de sua fala no dia anterior afirmando que o *Bolsa Família ia cair, com sorte na terça-feira*, e ele ia ter *um dia de rei*. Jesus havia me dito, de fato, que *Antônio é assim, quando pega dinheiro gasta tudo de vez, a onda dele é torrar tudo em cerveja, droga e mulher*. Antônio seguiu seu dia de rei, afirmava que hoje ele não ia trabalhar, balançava os braços, conversava com os amigos, fumava, cheirava, bebia. Me oferecia cervejas atrás de cervejas, fazia questão de que eu pegasse, oferecia a Jesus, oferecia aos moradores de rua que ali passavam, oferecia a outros clientes. Mandou descer mais duas caixas, sobre os protestos de Jesus que dizia: *esse Antônio é maluco*. Não ia ao mar, permanecia sentado conversando com os amigos que circulavam, indo e vindo. Antônio, sem camisa, tatuagens à vista, bermuda larga no corpo. A tarde ia se aproximando e outros amigos chegavam. Ele levantava, conversava alto, falava sobre a vida, distribuía cerveja e cigarros, projetando o que iria fazer depois. Preparou-se para pagar a conta a Jesus, não havia consumido nada ali, as cervejas eram compradas na distribuidora, restou somente o aluguel das cadeiras. Deu uma nota de vinte reais e se despediu, se sentia bem, era seu dia de rei. (Caderno de campo, 17/09/2024).



Banhista pousando para a câmera. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia.

Em sua grandíssima caixa de som, Deise transitava entre o Trap Carioca e o Pagodão baiano. Iniciava-se com Trap — momento em que os corpos, ainda não embriagados, permaneciam mais parados e vestidos — para, então, descambar na agonia do Pagodão, depois que o álcool *entrava na mente*. A parte da tarde era tomada pelas caixas de som. Muitos dos meus interlocutores, donos de *paredão*⁴², chegavam por volta da uma da tarde. Essa espacialidade particular — *Bar do Tudão* — ganhava seus contornos tendo o som como mediador. No entanto, por mais que o *Porto parecesse um Paredão* e os corpos dançassem, e os flertes se tornassem beijos, e os corpos se tocassem escondidos sobre as ondas, Deise continuava parada, observando. Fazia parte do seu charme. A música, os corpos, a estética, tudo em sua mesa chamava a atenção, e o Porto, naquele instante, olhava, comentava, admirava.

As grandes caixas de som, especialmente nos domingos, se apresentavam como objetos centrais na composição de elementos — materialidades, discursos, práticas, gestos — que meus interlocutores mobilizavam para construir e sustentar suas fachadas

⁴² Termo utilizado na Bahia para se referir a sistemas de som de grande potência, geralmente associados ao pagode baiano, também denominado pagodão da Bahia. Esses aparelhos são frequentemente montados em espaços públicos, como praias e praças, e, em grande parte, ocupam bairros periféricos. Além disso, podem ser encontrados em carros, que circulam pela cidade, criando espacialidades itinerantes. O paredão é uma manifestação cultural significativa na Bahia, promovendo a sociabilidade e a apropriação dos espaços urbanos por meio da música.

na areia (GOFFMAN, 1985; LATOUR, 2012). Com isso, quero dizer que as sonoridades se aglutinavam a uma ecologia de elementos que sustentavam as performances desses sujeitos, e, através dessas sonoridades, naquele espaço-tempo particular, negociava-se distinção, diferença e poder. Além disso, como apontam Pistrick e Isnart (2013), às sonoridades produziam dinâmicas de aproximação e distanciamento entre os sujeitos, funcionando também como elementos de reconhecimento, ao facilitar a construção de laços de pertencimento e a reafirmação de identidades.



Um karaokê nas areias da praia. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia.

Passada a tarde, o crepúsculo se apresenta sob os desejos de mais uma dose, de mais horas para se gastar. Nesse momento há muita movimentação no Porto: os trabalhadores transitam de um lado para outro desarmando as barracas; banhistas caminham para os pontos de ônibus mais próximos; ubers aportam nas ruas em busca de passageiros; e outros, na intenção final, no último suspiro do prazer, permanecem para dar início ao *after*⁴³. Deise, naquele dia, preferiu partir. Ligou para o taxista que a trouxera mais cedo

⁴³ Dois são os elos mais importantes no que diz respeito ao *after* do Porto: o *Bar das Putas* e o *Sofá da Hebe*. O *Sofá da Hebe* é um espaço produzido por práticas de pessoas LGBT+ nas balaustradas do Porto da Barra, próximo ao Instituto Mauá. O branco da mureta remete ao sofá da apresentadora Hebe Camargo, ícone televisivo dos anos 1990. O espaço é historicamente conhecido pela comunidade LGBT+ e referenciado em sites especializados. Ganhou força após o fim das barracas da Praia dos Artistas, na Boca do Rio, consolidando-se como lugar democrático, de baixo custo e acessível. Embora o nome tenha perdido força entre os mais jovens, o *Sofá da Hebe* ainda acontece com potência, entre bebidas, som e dança. Olhares se cruzam e, se houver sintonia, cabe um *perdido* na rua escura do Forte São Diogo. O *Bar*

— amigo íntimo e morador da Liberdade —, e voltou a colocar sua caixa de som no porta-malas do carro. As meninas entraram no fundo, todas felizes, falando alto, de biquíni, no cair da noite. O carro partiu, e Deise, no banco do passageiro, ainda usava óculos escuros.

MODA, WHISKY E LONG NECKS: FAZENDO MÍDIA NO PORTO DA BARRA



Jovens posam para a câmera em gestos e performances muito presentes nas periferias de Salvador. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia.

Observemos a foto acima. Todos os jovens assumem uma posição muito parecida, contudo somente um olha para a câmera, com um olhar fixo, encarando-a. Suas bermudas e bonés, em sua maioria de marca *gringa*, denotam um estilo particular, assim como os cordões no pescoço e as tatuagens. Toda indumentária indica uma corporeidade, um modo de se representar, uma moda, uma estética híbrida, global e local, um gesto repleto de intencionalidade que evoca um posicionamento ambíguo frente ao “mundo oficial” (MIZRAHI, 2007). Distantes de uma “mimese” de classe — como muitos costumam afirmar —, na qual sujeitos periféricos simplesmente buscariam imitar, inclusive por meio da pirataria, elementos estéticos das classes dominantes, meus

das Putas é o *after* mais conhecido do Porto, onde muitos prolongam o dia de praia. Localizado ao lado do Forte Santa Maria, no lado oposto ao *Sofá da Hebe*, o Bar Sol Brillhante (nome oficial) é barato e acessível, servindo de tudo um pouco — PFs, petiscos, cervejas e caipirinhas. Com shows ao vivo, é ponto estratégico na pedagogia do flerte do Porto, ideal para um *date* pós-praia.

interlocutores, ao significarem estética e simbolicamente uma gama diversa de materialidades, apropriam-se dos símbolos de poder e riqueza do capitalismo global para inventar um modo próprio de evocar prestígio e distinção. Na areia do Porto da Barra, toda a miscelânea de elementos que, juntos, constroem e significam a aparência do sujeito — gestos, tatuagens, bonés, garrafas de whisky, caixas de som, relógios — são agenciados numa rede de ação, fundidos ao corpo, exprimindo o resultado desejado.

Nesta subseção, detenho-me às nuances dessa performance esboçada no decorrer da dissertação. Se foi afirmado que as caixas de som eram elementos centrais na produção das performances dos sujeitos no *Porto-Paredão*, estenderei essa reflexão a outros objetos e artefatos. Falo aqui de toda uma materialidade entremeada aos modos de se apresentar no mundo dos meus interlocutores, tanto no que diz respeito à moda — bonés, cordões, bermudas, relógios, etc. — quanto no consumo — garrafas de cerveja, whiskies, energéticos, gim, vodca, etc. Incluo também, compreendendo aqui o espaço como um elemento potencial de agência, o próprio Porto da Barra, ou seja, a dimensão do lugar, nessa miscelânea de actantes. Busco evidenciar os novos modos de pensar, ver e imaginar o Porto da Barra que essas performances provocam, apontando contornos outros para o conceito de lazer, articulando-o à cidade, à política e à produção e manutenção de suas imagens de si. As fotografias, por fim, são elementos centrais nessas provocações de sentido, tensionando o jogo representacional por meio de contra-narrativas visuais que re-significam a estrutura classista e racializada que informa o Porto da Barra, como discutiu COLLINS (2000), em outro contexto.

Tá na moda fazer selfie na Barra, a fala de Marçal que ecoava na minha cabeça, somente fez sentido hoje, dentro do Uber. Fiz a pergunta de sempre, após trocar algumas palavras com o motorista, ele me respondeu algo do tipo: eu pegava três ônibus pra ir para o Porto da Barra, vinha lá de do subúrbio ferroviário, longe mesmo, não tinha dinheiro nenhum, mas vinha, a onda era ficar olhando as meninas, botar uma roupa e ficar lá fazendo mídia, botar um óculos e pá, comprar um Heineken, a gente não tinha dinheiro, mas pelo menos a gente podia dizer que tava na Barra, chegava no bairro tirando onda. Lembrei de Buda⁴⁴ e das duas frases icônicas que guardei no meu inventário: aqui o povo não bebe, se amostra; é só Heineken, né, painho? (Caderno de Campo, 30/10/2024)

Diante da perspectiva aqui apresentada, o conceito nativo de *fazer mídia* torna-se central para pensar o *Porto-Paredão*. O argumento que desenvolvo considera como, por

⁴⁴ Buda é pernambucano e figura cativa na Colônia de Pescadores. Amigo de Capa Nico e Maguila, realiza pequenos serviços em troca de recursos e da amizade dos outros, participando das comilanças e das "resenhas". Catador de recicláveis e morador de rua, Buda é considerado o mais confiável do Porto, nas palavras de Capa Nico.

meio da manipulação do corpo, dos discursos, das práticas, dos lugares, e do agenciamento de diversos não humanos, esses atores constroem e sustentam suas performances na areia, articulando um repertório de ação próprio. Esses frequentadores do Porto-Paredão participam de um jogo performático que se espalha pela cidade e encontra, na apropriação do Porto da Barra como espaço de lazer por grupos periféricos, uma das suas principais âncoras de tensão e disputa.

Fazer mídia, nesse sentido, nada mais é que manejar o corpo e o conjunto de elementos não humanos que expandem o self do sujeito de modo a produzir para o outro que observa uma narrativa de poder e distinção. *Fazer-se* para as meninas; mostrar-se como alguém que *porta*, que *pode*, que tem tanto condições financeiras quanto domínio dos gestos, da estética e de certa sabedoria. Muitos dos meus interlocutores se sentam nas cadeiras com roupas de marca e bonés e não tiram nenhuma das peças, muito menos vão ao mar. Sentados, dispõem, em uma pequena mesa, as garrafas de whiskies, os energéticos e o gim. Um cooler ao lado repleto de gelo e as garrafas de Heineken compõem a cena. A caixa de som disputa espaço na mesa ou é posta ao lado, a depender do seu tamanho. As músicas começam a tocar, variando entre trap e pagodão, os cigarros de maconha são acesos, as bebidas vão à boca e os olhos correm o mundo. Muitas vezes, o celular é o principal meio de socialização, conversam entre si, mas não deixam de trocar mensagens no Instagram e no WhatsApp. Fazem fotos e postam em seus perfis. A centralidade desse lazer é ver e ser visto, e muitas vezes só se movimentam para buscar mais bebidas ou quando encontram amigos dos seus respectivos bairros.

O consumo é parte importante da composição desse conceito nativo, sendo uma fonte de poder, agência, imaginação e prazer. Consumir é muito mais do que comprar: é um ato que permite o atravessamento das estruturas sociais pelas quais meus interlocutores desejam transitar (APPADURAI, 1996; CAMPBELL, 1987). O consumo, como apontam Pinheiro-Machado e Scalco (2014), norteia o self tanto por meio da demarcação de seus contornos individuais quanto pela possibilidade de atuar como um elo de pertencimento social. Mobilizando esses conceitos, podemos pensar que esses frequentadores do Porto-Paredão agenciam seus consumos tanto para se afirmar no mundo, a partir de um quadro próprio de referência, quanto para reforçar seu pertencimento aos grupos que constroem esse mesmo quadro.



Caixas de som, energéticos e whiskies. Porto da Barra, Salvador (BA), 2024. Fotografia de Daniel Soglia.

Para além do consumo, é importante destacar que esses frequentadores agenciam, também, a cidade, o Porto e o bairro da Barra, no intuito de formular auto-representações, assumindo essa espacialidade como mais uma nuance desse processo. Como aponta Bourdieu (2013), o espaço físico não é neutro; ele reflete e organiza as relações sociais. O Porto da Barra, nesse sentido, não é apenas uma praia, mas um espaço apropriado, carregado de distinções. Segundo o autor, a cidade é marcada por dinâmicas desiguais de apropriação, estruturadas pela circulação e pelo valor do capital simbólico que constitui seus espaços. A apropriação dessa espacialidade pelos meus interlocutores insere-os em um regime de diferenciação social, no qual a presença no Porto se converte em um marcador simbólico que articula pertencimento e diferenciação. Conscientes do caráter valorativo que a presença nesses espaços carrega, meus interlocutores compõem suas identidades, inventando imagens de si diante da câmera e acionando outros modos de representação.

Lembro-me de uma conversa informal, ainda no início da pesquisa, em que me disseram que muitos jovens iam para o Porto da Barra para *pagar de barão*. Achava essa perspectiva um tanto esvaziadora. Para mim, pensar desse modo retirava toda a agência daqueles sujeitos, colocando-os como *imitadores de ricos*, nas palavras dele. Nunca achei isso. E depois, com tempo e interlocução devido ao trabalho de campo

etnográfico, percebi que ninguém queria *ser rico* — representar a partir de um conjunto de elementos um estereótipo de riqueza branco e classista. Esses atores desejavam ser eles mesmos, a seus modos, numa lógica de distinção e representação próprios. Nesse sentido, a praia do Porto se apresentava como um espaço de produção de diferença, de identidades, de valoração simbólica de si por meio de uma composição particular de materialidades e pessoas que evocava, num regime particular de ações e tramas, qualificação, poder e prestígio.

Pretendo, ainda, em último fôlego de escrita, visibilizar a dimensão política que atravessa toda essa estética criativa e positivada efetuada por meus interlocutores. Essa capacidade de, intencionalmente e a partir de um saber-fazer estético e corporal, apresentar-se como distinto e potente, como aponta Pinheiro-Machado e Scalco (2014), em seus escritos sobre os rolezinhos em São Paulo. Destaco, por fim, a importância das fotografias que compõem essa dissertação como mais um dos elementos dessa trama visual e representacional. Jogando luz à pujança de vida experimentada num contexto popular como o Porto da Barra, e acionando o poder performático dos fotografados, a pesquisa buscou visibilizá-la na intenção de se aproximar e demonstrar a disputa dessas representações.



Banhistas pousando para a câmera. Porto da Barra, Salvador (BA), 2023. Fotografia de Daniel Soglia.

CIDADE, POLÍTICA E LAZER: TENSÃO, INVENÇÃO E APROPRIAÇÃO EM UM ÚLTIMO ATO.

O Estado domina o espaço, sufoca violentamente qualquer diferença que rompa com a lógica ou conteste sua autoridade e poder hegemônicos, “sob alegações ideológicas de ordem, racionalidade, higiene, beleza, segurança, etc.” (Uriarte: 2014). Neste sentido, este espaço concebido pelos planejadores urbanos, imprime um espaço que se impõe sobre o vivido e racionaliza a vida cotidiana das pessoas que habitam e usam o espaço urbano. Porém a diferença resiste, rebela e fratura o espaço abstrato expondo suas contradições. Os atores sociais que contradizem a lógica do Estado-capital permanecem no espaço vigiado como ilegais, negociam informalmente, estabelecem relações, trabalham com lazer e habitam com alegria sua própria ordem urbana. (RITTER, 2015, p. 1).

Mobilizando as performances centradas no ato de *fazer-mídia* que emergiram no campo etnográfico, busco entrelaçar, neste último ato, cidade, política e lazer, no sentido de propor, junto às práticas de meus interlocutores, nuances de tensão, invenção e apropriação que ressignificam a cidade de Salvador. Busco explicitar as dimensões dessas práticas, compreendidas a partir de uma concepção política que entende a apropriação dos espaços públicos, sob a ótica do lazer, seus trajetos e modos de desfrute, como formas de contestação e transformação da ordem urbana. Lembremos, para isso, da escolha do *Porto-Paredão* como recorte no percurso etnográfico e das várias situações de preconceito que presenciei nesse processo.

Como explicitado na Introdução, o recorte proposto é resultado de um estranhamento particular que vivenciei nos primeiros momentos do campo. Na condição de um jovem homem branco de classe média, pude ouvir inúmeros ataques aos sujeitos que, mais tarde, seriam meus interlocutores. A ideia de *invasão* era bastante mobilizada nesses discursos, e, para além, pairava um sentimento nostálgico, uma idealização constante de uma época distante. No desejo de outro Porto da Barra, revivia-se o passado, rechaçando o “outro” do presente. Segundo Polycarpo (2021), esses discursos se alicerçam na percepção de desvalorização, de acordo com alguns de seus moradores, do seu espaço distintivo com a invasão da “marginalidade”, encarnada nesse outro compreendido como “risco”.

Como aponta Pinheiro-Machado e Scalco (2014), os grupos populares brasileiros, desde a abolição da escravatura — e antes dela —, sempre ocuparam os espaços urbanos, tanto como forma de lazer quanto de afirmação política. No entanto, ao longo da história, esses trânsitos foram frequentemente barrados por políticas higienistas e

repressivas, fomentando tensões e antagonismos. Segundo as autoras, esse comportamento é reflexo do apartheid nacional que separa, como se fossem dois planetas distintos, o espaço de sociabilidade dos brasileiros "europeizados", da classe média verdadeira, e dos brasileiros percebidos como "bárbaros", das classes populares. A barbárie, nesse imaginário, só se torna um problema quando transborda os limites impostos às camadas populares.

A “copacabanazinha” de Salvador, como era conhecido o bairro da Barra, foi, durante grande parte do século XX, um espaço homogêneo, restrito às classes médias e altas da capital baiana (AZEVEDO, 1988). Contudo, como apontam muitos dos meus interlocutores, essa realidade mudou. A popularização do Porto da Barra teve início por volta dos anos 1990, em um processo impulsionado pela expansão do sistema de transporte público. Segundo Paz (2007), a massificação desse sistema facilitou o acesso ao bairro, permitindo que as populações periféricas passassem a frequentá-lo com maior regularidade. Na mesma década, iniciou-se um forte investimento estatal voltado à construção de um imaginário que buscava consolidar a imagem de Salvador como destino turístico, destacando seus valores culturais, seu patrimônio histórico e suas belezas naturais. Essas transformações consolidaram o Porto da Barra como um dos principais cartões postais de Salvador, elevando-o a um dos principais espaços públicos populares da cidade. No entanto, essas mudanças vieram acompanhadas de tensões e conflitos, que se desdobram em novas linguagens na atualidade. Esta dissertação se insere como parte dessa controvérsia viva.

Meu argumento busca explicitar a dimensão política que meus interlocutores acionam ao transitar pelo espaço urbano para inventar a si, em toda potência desejada, num ambiente que os nega em seus modos de fazer cidade. Mobilizando as performances centradas na produção de mídias digitais, os trajetos e os circuitos que os percorrem desde os bairros periféricos, e as tensões simbólicas que essa presença gera no Porto da Barra, busco destacar as práticas socioculturais e dinâmicas socioeconômicas urbanas de Salvador, bem como as relações de trabalho, lazer e pertencimento que as configuram. O ponto central dessa dimensão política é a apropriação do espaço público e sua capacidade de provocar fissuras na lógica segregacionista da cidade. Como aponta o Observatório das Metrôpoles (2022), Salvador é desigual e segregada. Além disso, suas dinâmicas de lazer produzem

circuitos homogêneos que privilegiam sociabilidades intra-classe, dividindo-a em "dois Brasis" que não se tocam (PINHEIRO-MACHADO E SCALCO, 2014).

Quero afirmar com isso que, por mais que meus interlocutores não reiviniquem abertamente um lugar político, no sentido institucional e cotidiano que se define “política” — inclusive do ponto de vista de parcelas acadêmicas e intelectuais das ciências sociais —, em seus trânsitos e modos de fazer lazer, eles alargam os limites das representações e visualidades possíveis da cidade de Salvador, se rebelam contra o “efeito território” de uma capital segregada e marcada pelo racismo, reinventam na areia, por entre novos/outros códigos estéticos e simbólicos, noções de poder, prestígio e desfrute. Sendo assim, não é possível desassociarmos as práticas de lazer que permeiam os centros urbanos da dimensão política que esses trânsitos provocam.

Correr a cidade na iminência do encontro com o outro, com o público, vivendo-a como experiência do desejo, cortar suas ruas e avenidas na intenção de inventar um tempo/espço destinado ao trabalho, ao prazer, ao lazer, a ser aquilo que se possa imaginar: tudo isso, inevitavelmente, se faz político: diante dos olhares que reprovam a chegada e permanência na praia, dos sistemas de transporte público e privado que impõem vários obstáculos ao direito de circulação urbana, e dos preços elevados cobrados por se estar em uma área turística e relativamente nobre. Proponho, portanto, um conceito de lazer que se alarga ao pensar-se como esfera de produção do espaço urbano, da vida que corta suas histórias, compreendendo suas linhas, movimentos e práticas como direito à cidade: à liberdade de ir e vir, de criar e recriar os espaços, de inventar representações e lutar pela cidadania. Não há identidade que floresça sozinha; tramar a si é tarefa árdua, que envolve alteridades e acasos que somente o encontro nos reserva. É vivendo que se faz a vida, e andando que se faz uma metrópole. Sem dúvida, e digo isso com toda segurança, os personagens dessa dissertação sabem muito bem disso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

DE VOLTA ÀS IMAGENS: AMARRANDO REFLEXÕES.

Observar imagens, como aponta Sylvia Caiuby (1998), implica uma negociação de sentidos, uma transmutação, um entrelaçamento de significados que se realiza no

contexto da cultura. Uma cidade, em larga medida, se inventa no mesmo contexto. Os embaraços de sentido, por sua vez, se dão nas ruas, nos espaços públicos, nas praças, praias e esquinas. É o movimento, como aponta Agier (2015), que faz a cidade: trajeto de memórias e histórias compartilhadas, lócus de inter-relações, conflitos e tensões (URIARTE, 2014; MASSEY, 2004). As imagens e as metrópoles são negociadas, disputadas em seus sentidos, coproduzidas em seus significados. Não existem sem que outro inflija a marca dos seus dedos, dos seus passos, na sua materialidade. As fotografias impressas circulam nas mãos dos pescadores do Porto da Barra e eles circulam Salvador para inventar uma *praia para-lama do sucesso*.

Nesse fim de percurso, onde os dedos respondem, lentamente, aos ossos do ofício, afirmo a posição particular que essa dissertação ocupa nas paisagens da capital soteropolitana. Nas redes mobilizadas na composição de Salvador, da praia do Porto da Barra, pensando-as enquanto um emaranhado de ações em disputa, aponto com esses escritos na direção de uma novidade. Novo no sentido de evidenciar engajamentos pouco óbvios: corporeidades, visualidades, performances e articulações. Enredados em suas intencionalidades, os interlocutores que viveram comigo o tortuoso caminho etnográfico recriam um Porto da Barra envolvidos em seus próprios desejos. Sugerem, provocam, tensionam, inventam. Essa dissertação é uma tentativa narrativa e imagética de acomodar essa produção de alteridade, de identidade, de paisagens e de cidade, assentada, especialmente, nas aproximações, relações — algumas mais duradouras, outras menos — e nos significados emergentes em campo.

Peço, portanto, neste momento, que retornemos às imagens. Longíssimo capítulo primeiro, a centenas de páginas de distância. Diante do texto corrido, as camadas de sentido foram postas uma em cima da outra. Perfuradas, rasuradas, coladas, sobrepostas. Uma negociação de sentido. Transmutação, entrelaçamento. O Porto da Barra imagético, que fundou o entendimento primeiro desta dissertação, não está mais intacto. Fissuras foram feitas, rasgos e linhas. Todo um repertório de signos desdobrou-se em novos, outras redes, originais imaginários. Este espaço de saber acadêmico e os enredos que o levaram para o devir do seu movimento, almejam, certamente, abraçar essa novidade.

Atravessados de novos sentidos, após inventarmos novos Portos da Barra, podemos retomar alguns elementos centrais desse estudo. Começemos pelas

visualidades. Elas, enquanto “contra-narrativas”, no sentido proposto por Collins (2000), são os alicerces centrais para a construção desta dissertação. O desejo, enquanto fotógrafo, de produzir uma curadoria concisa, acomodando nas imagens as agências dos fotografados e deixando vaziar a invenção/produção de uma alteridade pujante, circunscreveu toda a dissertação. A perspectiva de um olhar informado pela câmera fotográfica orientou as tomadas de decisões teóricas, o recorte da pesquisa e a produção de interlocução. Esse atravessamento no meu processo de feitura etnográfica acaba por transparecer na organização dos capítulos. Reservei, como visto, um capítulo inteiro para as imagens, pois compreendo que meus interlocutores, quando defronte a câmera fotográfica, reinventam novos modos de ver e imaginar o Porto da Barra, produzindo novidades. Essa torção de significantes imagéticos perpassa todas as páginas dessa dissertação e, por meio dessas práticas que mobilizo — fazer-lazer, fazer-trabalho —, emergem como representações outras do cotidiano da praia — e da cidade de Salvador.

O desdobrar descritivo dessas práticas, para além de compor a matéria-prima da curadoria das imagens, possibilitou a visibilização de inúmeros agenciamentos: estratégias de fazer a vida; modos de desfrute; produção de redes de relações; produção de imagens de si; manipulações de discursos, signos e sonoridades; invenção de circuitos e trajetos; apropriação de espaços; corporeidades. Busquei descrever muitos desses modos de vida, seus atravessamentos com lazer, trabalho, e movimento pela cidade, e, por fim, política. Esses são, para além das visualidades citadas, elementos centrais dessa dissertação. A categoria lazer, em especial, emergiu do campo tramada, aproximada e sobreposta a categorias como trabalho e política. Descrevi essas aproximações colocando em voga toda uma expertise dos meus interlocutores em manusear essa categoria e refazê-la em campo.

No que diz respeito à dimensão de um lazer-trabalho — dimensionado no segundo capítulo desta dissertação —, as nuances e entrelaços que Otília e Miau provocam nessas categorias, consubstancializando-as na realização da prática cotidiana da Barraca da Pink, são elementos importantes de serem retomados. Agenciando afetos, Otília e Miau elaboram redes de trocas, fidelizam clientes e produzem espacialidades. Assentam essas práticas em um fazer-lazer com os outros que se desdobra, mais adiante, em um fazer-trabalho que garante renda e suporte. Reinventam, desse modo, um conceito — lazer — fortemente ancorado no oposto do trabalho — enquanto ócio e

recreação — a partir dos embaralhamentos de sentidos que provocam em suas práticas de lazer-trabalho. *Afinal, todo dia é dia de lazer*, como diria Maguila.

Essa expertise particular transcende o embaralhamento descrito e vaza para outras práticas e estratégias. A *Colônia de Pescadores* maneja com destreza esses saberes, desde a manipulação de discursos e signos, até a gestão de redes, humanas e não humanas, mantidas e mobilizadas como elementos centrais em suas práticas de trabalho e geração de renda. Articulando peixadas e bebedeiras, entre pescados e conversas, esses trabalhadores recusam um lugar de “precários”, afirmando constantemente que *sabem viver*. Reivindicam, portanto, no devir de suas vidas atravessadas por tensões financeiras e preconceitos raciais, um modo de ser no mundo, autônomo e assertivo em suas minúcias, calcado na partilha, no encontro.

Os diversos trabalhadores que atravessaram essa dissertação, em seus deslocamentos e práticas diárias, conectam e movimentam diversas economias periféricas da cidade de Salvador. Partindo dos seus bairros carregando isopores, cadeiras, caixas de som, quentinhas, doces e bebidas produzem trajetos, linhas e movimentos: seja de ônibus, metrô, vans ou caminhadas, esses trabalhadores, em seus fluxos, articulam o Porto da Barra à cidade, ativando uma rede econômica complexa, composta por mercados de bairro, distribuidores locais, cozinhas caseiras e outros comércios. Nesses percursos, não apenas se comercializam mercadorias, mas também circulam serviços que conectam diversas áreas da cidade de Salvador, ampliando as possibilidades de trabalho e acesso a diferentes recursos.

Por meio de seus produtos — cervejas, cigarros, drogas de modo geral, chocolates, brigadeiros, queijos coalhos, picolés, drinks, entre outros — eles acionam um circuito de consumo central aos modos de fazer praia do *Porto-Paredão*, que tem o corpo como mediador e valoriza o prazer em todo o seu transpassar sensorial, notadamente sonoro. Imersas em uma temporalidade particular, essas redes são feitas e refeitas no passar das estações, se articulando aos novos desejos e tendências que possam circular na areia. A dinâmica de lazer da praia, portanto, se liga a toda uma estrutura mais ampla das economias populares dos bairros, que transita em redes e movimentos, envolvendo pessoas, coisas, dinheiro, mercadorias e serviços.

No que diz respeito à dimensão de um lazer em seu matiz político, retomo as apropriações dos espaços públicos da cidade de Salvador, tendo o Porto da Barra como

recorte, descritas no terceiro capítulo. Como dito anteriormente, não é possível dissociar as práticas de lazer que atravessam os centros urbanos das implicações políticas que esses movimentos engendram. Pensar a cidade é pensar seus fluxos e movimentos, dotando-os de agência. A ideia defendida seria a de que meus interlocutores, nos seus modos de fazer-lazer, desestabilizam representações imagéticas, reinventam visualidades, e rompem com a rigidez que marca uma cidade desigual, produzindo circuitos e trânsitos a seu modo. Na areia, *fazendo mídia*, traçam outros caminhos, elaboram signos e gestos próprios, reinventando, a partir de corporeidades e performances, noções de poder e prestígio. Disputam a cidade, portanto, no sentido que demandam centralidade visual e narrativa.

Em seus processos de feitura, esses fazeres mobilizam toda uma cadeia de processamentos multi-articulada, ligando bairros de origem, distribuidoras, trabalho, transporte público, bares, conforme venho sustentando. Esse fazer-lazer articula modos de consumo e desfrute, produz espacialidades por meio de sonoridades, relações e redes, expande-se em suas sociabilidades, desejando o outro na mesma medida em que deseja ser desejado. O alargamento dessas relações permeia inúmeras formas de celebrar a partilha, práticas inventadas na faixa de areia: seja num churrasco, numa bebedeira, numa roda para fumar um baseado ou numa conversa entre amigos. Uma partilha hedonista, onde a circularidade encarnada é circunscrita pelo prazer, gerado por meios diversos. Uma articulação entre banhos de mar, banhos de sol, comidas, bebidas e vistas para o mundo.

Retomando o conceito de lazer e as múltiplas associações e agenciamentos que emergiram no campo, afirmo, nessas considerações finais, um pensar-cidade — espaços públicos, atores e práticas — a partir dos múltiplos caminhos que uma perspectiva alargada que esse conceito pode nos levar. Tensionando-o com o campo etnográfico, expandindo suas margens a partir das dimensões de trabalho, do que indico como política, sinalizo a impossibilidade de isolá-lo. A ideia é abordar o lazer como parte ativa na produção da vida urbana, atravessando diferentes espacialidades — das casas às praças, dos bairros às praias — e operando como meio de criação de vínculos, identidades e formas de convivência. Nessa trama, constroem-se redes de suporte e experiências que dão forma a maneiras particulares de viver a cidade e ocupar o mundo, emerge, assim, um conceito de lazer que se expande ao perceber o espaço urbano e as vivências que o permeiam como uma manifestação do direito à cidade — o direito de

circular livremente, de transformar o espaço, de criar significados e de reivindicar a cidadania (MAGNANI, 2018; PINHEIRO-MACHADO E SCALCO, 2014).

Como apontado na Introdução, a descrição dos arranjos criativos dos meus interlocutores — elaborados a partir de suas práticas de trabalho, de lazer e articulados com diversas dinâmicas, redes e relações — se apresenta, nesta dissertação, como uma contribuição possível ao campo da Antropologia do Trabalho, da Cidade e do Lazer. Ancorada no método etnográfico, essa pesquisa busca oferecer uma alternativa aos estudos convencionais, notadamente, sobre lazer, ao mesmo tempo em que aponta sinais de obsolescência do conceito, ainda preso à reflexão tradicional do enquadramento analítico dumazediano — tempo obrigatório versus tempo livre — já ultrapassado devido às mudanças estruturais no sistema produtivo. Como aponta Magnani e Spaggiari (2018), o objetivo aqui é deslocar o foco do lazer como uma prática específica, restrita a espaços e tempos determinados, para observar seus encontros com outras dinâmicas da vida, seus manuseios, arranjos e tramas particulares, tudo isso a partir do olhar etnográfico, de perto e de dentro, como os autores costumam enfatizar. Essa dissertação, portanto, insere-se, de modo mais próximo, no esforço coletivo que permeia o campo da Antropologia do Lazer, pungente nos encontros acadêmicos, textos e discussões. Não se trata, evidentemente, de encerrar a discussão sobre as dinâmicas do lazer, tampouco de propor perspectivas fechadas, mas de contribuir, a partir do Porto da Barra e da vida ali vivida, particularmente nos dias de *Porto-Paredão*, com outros modos de pensar, elaborar e articular o lazer no mundo.

“É bem verdade que muitas atividades ainda seguem o conhecido padrão habitual dumazediano; mesmo nesses casos, sua manutenção está permeada por um novo contexto, cujas particularidades só as pesquisas etnográficas podem mostrar. Trata-se, assim, de reconhecer que, se há uma permanência do conceito tradicional de lazer, tanto em seu sentido acoplado a um modo historicamente datado do sistema produtivo como naqueles ligados a um leque de usos mais variados, impõe-se a necessidade de buscar um novo enquadramento para o fenômeno: é o que se propõe com a abordagem antropológica com base no método etnográfico aplicado a diferentes contextos e práticas (MAGNANI; SPAGGIARI, 2018, p. 31)

Voltemos aos objetivos desta dissertação. Desejei, inicialmente, traçar as teias de composição do *Porto-Paredão*, seguindo os atores em suas redes e práticas. A ideia era descrever uma cadeia de processamento mobilizada na feitura desse modo de fazer praia produzindo, com eles, visualidades, fotografias. Seguindo esses desejos tortuosos, dei-me conta de quão múltiplo o *Porto-Paredão* poderia se apresentar, composto por

inúmeras tramas, de maneira densa e complexa. Confesso-me desesperado quando deparei-me com a miscelânea de informações que a vida naquelas areias propunha para o mundo. Hoje, porém, não vejo isso como algo paralisante. Pelo contrário. Fora as novas rugas no rosto e o trabalho hercúleo de escrita e curadoria de imagens, o convívio com tanta gente em tantos modos de viver me parece profícuo, potente em suas descrições.

No devir dos seus fazeres, essa dissertação produziu o que foi possível, com a interlocução possível. As redes descritas, articuladas a partir das imagens — combinando-se, sobrepondo-se ou delas partindo —, buscavam negociar sentidos, aprofundar a imersão no campo etnográfico e possibilitar o desdobramento de novos significados. As fotografias tornaram-se coletivas, na medida em que ocuparam as casas dos meus interlocutores em porta-retratos antigos que calharam de receber uma foto. Mergulhamos no mar como os meninos que saltam do trampolim do Forte Santa Maria: eu, meus interlocutores e os leitores desta dissertação. Tateando os sentidos, nos desdobramos em linhas, imagens e movimentos. Diante da Baía de Todos os Santos, tramamos outros *paredões* — mais vivos, potentes e complexos, plurais em seus modos de ser e fazer-se Porto da Barra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, Ludmila. *Sem maquiagem: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos*. São Paulo: Boitempo/Fapesp, 2014.

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 21, v. 3, 2015, pp. 483-498.

ALCÂNTARA, Guilherme. Abaixo a farofa! Exclusão "legitimada" em territórios de praia. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em . Acesso em: 02 jul. 2009.

ALMEIDA, Felipe Mateus de. O CONCEITO DE LAZER: uma análise crítica. *Sociologia das Ortodoxias e Heterodoxias na Economia Brasileira*, [S. l.], v. 9, n. 16, 2021.

ANDRADE, Luís Guilherme Albuquerque de. O espaço público da praia: reflexões sobre práticas cotidianas e democracia no Porto da Barra em Salvador / Luís Guilherme Albuquerque de Andrade. 2015. 138f. : il.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

APPADURAI, Arjun. *Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

AZEVEDO, Thales. *A praia: espaço de socialidade*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1988.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BIONDI, Karina. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas* (5a ed.). São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estud. av.* [online]. 2013, vol.27, n.79 [citado 2013-12-10], pp. 133-144.

CALLON, Michel. Qu'est-ce qu'un agencement marchand? In: CALLON, M. et al. *Sociologie des agencements marchands: Textes choisis*. Paris: Presses des Mines, 2013. p. 325-440.

CAMP, Tina. *Listening to Images*. Durham: Duke University Press, 2017.

CAMPBELL, Collins. *The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

CARDONI, J. S. "A natureza ensina" uma etnografia sobre modos de fazer mercado na Feira de Agricultores Ecologistas. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2017.

CARVALHO, I. M. Moreira de; CORSO PEREIRA, G. Segregação socioespacial e desigualdades em Salvador. *Cadernos Do CEAS: Revista crítica De Humanidades*, (235), 5—22, 2015. <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2015.n235.p5-22>

CASTRO, Carlos Gomes de. *Hacer la vida: inventos, negócios e trampas em um batey cubano*. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2017. 225 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 2000.

COPQUE, Bárbara Andréa Silva. Uma etnografia visual da maternidade na Penitenciária Talavera Bruce. 2010. 225 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2010.

DUMAZEDIER, Joffre. *A Revolução Cultural do Tempo Livre*. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

_____. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

EDWARDS, Elizabeth. *Anthropology and Photography*. London: Yale University Press, 2001.

EDWARDS, Elizabeth. The Materiality of Photography. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 221-234, 2012.

FERNANDES, Adriana dos Santos. *Escuta Ocupação: arte do contornamento, viração e precariedade no Rio de Janeiro*. 2013. 301 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

FREIRE, L. L. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. In: *Comum (FACHA)*, v. 11, p. 46-65, 2006.

GELL, Alfred. *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GURAN, Milton. *O Brasil na fotografia oitocentista*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

HUGUENIN, Fernanda Pacheco da Silva. *O mito da praia democrática: um ensaio sobre Ipanema, sua bossa e seus banhistas*. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.

INGOLD, Tim. *Antropologia não é etnografia. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. London: Routledge, 2015.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2012.

KOPPER, Moisés. Dos mercados informais às políticas não hegemônicas de valor: olhares cruzados entre Porto Alegre e Buenos Aires na produção de objetos e sujeitos camelôs. *Revista de Antropologia*, v. 58, n. 2, 2015. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. São Paulo: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *cadernos de campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica*. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34, 1994 [1991].

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Eduardo (Org.). *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2018.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *GEOgraphia*, n. 12, 2004.

MIZRAHI, Mylene. Indumentária funk: a confrontação da alteridade. Colocando em diálogo o local e o cosmopolita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 231-262, jul./dez. 2007.

MORAES, Márcia Oliveira. O conceito de rede na filosofia mestiça. *Revista Informare*, vol. 6, nº 1, p.12-20, 2000.

NOGUEIRA, Mauro Oddo; CARVALHO, Sandro Sacchet de. *Trabalho precário e informalidade: desprecarizando suas relações conceituais e esquemas analíticos*. Rio de Janeiro: Ipea, 2021. (Texto para Discussão, n. 2707). DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2707>.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Fotografia e Antropologia. *Cadernos de Antropologia*, n. 20, p. 10-30, 2004.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O fotográfico e o etnográfico: uma visão da antropologia visual. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, v. 10, n. 1, p. 61-83, 2014.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. *O fotográfico*. Tradução. São Paulo: Hucitec, 1998.

NOVAES, Sylvia. Por uma sensibilidade do olhar — sobre a importância da fotografia na formação do antropólogo. *Gesto, Imagem e Som* 6(1):1-10, 2021.

PEIRANO, Mariza G.S. A etnografia como método e sua reinvenção. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-215, 2014.

PICANÇO, Miguel de Nazaré Brito. *Na roça, na mesa, na vida: uma viagem pelas rotas e desvios da mandioca ao fazer-se coisas de comer, no e além do nordeste paraense*. 2013.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Rolezinhos: Marcas, consumo e segregação no Brasil. *Revista Estudos Culturais*, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2014.

PINNEY, Christopher. *Camera Indica: The Social Life of Indian Photographs*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

PINNEY, Christopher. *The Coming of Photography in India*. London: British Library, 2017.

PISTRICK, Eckehard; ISNART, Cyril. Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction. *Etnográfica* [Online], vol. 17 (3) | 2013, posto online no dia 31 Outubro 2013, consultado no dia 31 Outubro 2013.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

POLYCARPO, Clara. De ‘cartão-postal’ a ‘área de risco’: A (re)produção de Copacabana em meio a novas disputas e territorialidades. *Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.*, Rio de Janeiro, Vol. 14, no 2, MAI.-AGO. 2021, pp. 441-463.

RITTER, João P. N. Etnografia dos espaços urbanos de Salvador. In: AMORIM, Siloé Soares de et al. (org.). *V Reunião Equatorial de Antropologia; XIV Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste: direitos diferenciados, conflitos e produção de conhecimentos*, 19 a 22 de julho de 2015, Maceió, AL. Caderno de programação do V REA e XIV ABANNE. — Maceió: EDUFAL, 2015. p. [verificar número da página inicial da comunicação].

SAMAIN, Etienne. *Antropologia da percepção*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

SAMAIN, Etienne. *O Fotográfico*. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

SAMAIN, Etienne. *O Olhar Peregrino: a imagem e o imaginário na sociedade moderna*. Campinas: Papyrus, 1995.

SAMAIN, Etienne. *Quando o visível toca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SILVEIRA, Ana Paula Lima. Artefatos sagrados da religiosidade afro-brasileira: uma etnografia da coleção Pietzcker do Museu Etnológico de Berlim, 2024.

TAVARES, Fátima; CAROSO, Carlos; RAMOS, Cleidiana. Como se faz o carnaval de Salvador? Diversidades e diferenças na feitura das festas na festa. *Revista de Antropologia*, v. 9, n. 1, 2020.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do trabalho e experiência urbana. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 18, n. 1, p. 173—195, 2006.

URIARTE, U. M.; CARVALHO, Milton J. F. Avenida Sete e seus transeuntes (parte 1). In: URIARTE, Urpi; CARVALHO FILHO, Milton Júlio. (Org.). *Panoramas urbanos: usar, viver e construir Salvador*. 1ed. Salvador: Edufba, 2014, v. 1, p. 31-58.

URIARTE, Urpi Montoya. Produção do espaço urbano pelos homens ordinários: antropologia de dois micro-espacos na cidade de Salvador. *Revista Iluminuras*, [S.l.], v.15, n.36, p.115-134, ago./dez. 2014.

VEDANA, V. Fazer a feira: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ZELIZER, V. Circuits within Capitalism. In: NEE, V; SWEDBERG, R. (Eds). *The Economic Sociology of Capitalism*. Princeton, Princeton University Press, 2005. p. 289-321.